

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AGRÍCOLA E EXTENSÃO RURAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Aline Barasuol

**NARRATIVAS CONTADAS E ESCRITAS QUE AGEM:
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E
COOPERATIVOS**

Santa Maria, RS
2022

Aline Barasuol

**NARRATIVAS CONTADAS E ESCRITAS QUE AGEM:
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E
COOPERATIVOS**

Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Renato Santos de Souza

Santa Maria, RS
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Barasuol, Aline
NARRATIVAS CONTADAS E ESCRITAS QUE AGEM: EXPERIÊNCIAS
DE MULHERES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E COOPERATIVOS /
Aline Barasuol.- 2022.
168 p.; 30 cm

Orientador: Renato Santos de Souza
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós
Graduação em Extensão Rural, RS, 2022

1. Juventudes 2. Feminismos 3. Narrativas de si 4.
Educação 5. Cooperativismo I. Santos de Souza, Renato II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

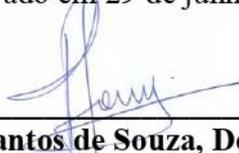
Declaro, ALINE BARASUOL, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Aline Barasuol

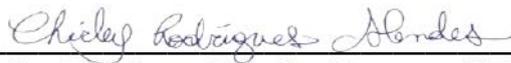
**NARRATIVAS CONTADAS E ESCRITAS QUE AGEM:
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E
COOPERATIVOS**

Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

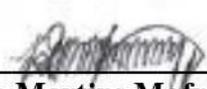
Aprovado em 29 de junho de 2022:



**Renato Santos de Souza, Doutor (UFSM)
(Presidente/orientador)**



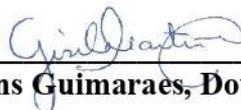
Chirley Rodrigues Mendes, Doutora (UFG)



Rennan Lanna Martins Mafra, Doutor (UFV)



Poliana Oliveira Cardoso, Doutora (UEMA)



Gisele Martins Guimarães, Doutora (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

Para as jovens e mulheres que desejam o reconhecimento e o respeito de sua palavra. À Amábilis parceira de afetuosas reflexões e desconstruções diárias. E a Elenir e Antonio que me possibilitaram viver esta corporalidade e sua diversidade de experiências.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, neste tempo, é tarefa de resistência e, ainda mais, resiliência...

Viver em 2022, no Brasil, após pouco mais de dois anos pandêmicos onde diariamente nos deparamos com milhares de mortes, exige que eu inicie a escrita agradecendo meu corpo vivo! Um corpo vivo que me possibilita escrever este texto a você (que também possui vida para lê-lo e senti-lo). Um corpo vivo que oportuniza a chegada em um fim de jornada doutoral.

Corpo vivo! Que está por trás de cada palavra aqui expressada...

Corpo vivo! Que emergiu e fez emergir (d)este corpo-textual!

Corpos vivos! Que se fazem rede para que esta escritAção acontecesse, com todos os seus amores e suas dores que este espaço-tempo nos impõe.

Meu desejo, neste espaço que segue, é nomear algumas pessoas e situações que foram fundamentais para que eu me encontrasse aqui hoje, em palavras, embora eu tenha consciência de que nem tudo pelo que sou grata aparecerá nestas linhas. Mesmo assim, cara leitora e caro leitor, sinta meu carinho pelo simples ato de ler estes agradecimentos e a composição desta ação escrita. Aqui cabe um lembrete, escrevo sem uma ordem, ou ainda uma hierarquia dos afetos, expresso o que aos poucos minha memória vai trazendo à tona, conforme vou conectando-me com a teia construída no trajeto percorrido durante o caminhar de doutoramento.

O andarilhar da minha vida, não é mais só minha, em setembro de 2009 uma parceira chegou, e em um primeiro momento de repulsão ganhou força a atração de uma amizade genuína que passou a ser construída a partir dali. Eu, jovem de 17 anos, sentia segurança e confiança no andar de Amábile Tolio Boessio que também se permitiu enxergar o mundo por minhas lentes. Ela que carrega o nome de minha avó materna, já de início se tornou um prato cheio de conexões! Fomos nos aproximando e escolhendo a cada novo dia estarmos juntas, construir uma parceria de pesquisa e ação no mundo. Nem sempre experienciamos mansamente as mesmas ideias, mas hoje, depois de 12 anos em construção, ou melhor, em desconstruções, agradeço a família formada com nossos atuais 6 gatites, Guilherme, Gaia, Aurora, Mel, Mitu e Marcelo. Vocês me ensinam diariamente o que é amar e ser presença! Gratidão por estarem comigo em cada momento de dor e de alegria que esse doutorado trouxe, vocês são minha morada! Aproveito para me recordar de Sírius e Lancelot, dois dos gatinhos que não estão mais conosco, mas que aqueceram meu coração em tantos momentos. E ainda Betina, nossa dog mineira, que vivenciou tantas mudanças conosco, nos trouxe alegrias incontáveis e que fazia festa ao meu chegar. Gratidão por terem trilhado um pouco dessa experiência comigo!

Bem antes de adentrar ao doutorado eu já era apoiada a viver os meus sonhos a ter coragem de voar! E olha que meus voos costumam ter longa distância. É por isso que agradeço profundamente meu núcleo familiar parental, minha mãe Elenir, meu pai Antonio e meus irmãos Adriano e Eduardo, que sempre deram suporte aos meus voos! Com vocês posso viver meus desejos, encontrar meus caminhos e mesmo assim ter um ninho para voltar, para sorrir. Mesmo com escolhas tão distintas vamos encontrando lugares comuns. Eu sou grata por ter experienciado tanto com vocês e ter amadurecido com nossos aprendizados! Gratidão por estarem aqui comigo em palavra e não só em escrita, mas em presença amorosa, neste encerrar de ciclo. Não poderia deixar de mencionar a Tia Lenir, também parte deste núcleo, seu olhar atento e observador para as vontades expressas, seu afetuoso cuidado e entrega que sempre tinha para conosco, nos presenteando com plantas, mudas, chás, flores... nos presenteando com sua vida, com seu trabalho e seus ensinamentos. Antes disso, ainda agradeço às minhas avós Amábile Rigo e Santina Cerezer e aos meus avôs Ricciari Salla e Santos Barasuol, ancestrais que tanto trabalharam na agricultura e fizeram suas escolhas permitindo que a família crescesse e se tornasse o que hoje é. Pela vida que deram aos meus pais e pelos ensinamentos que eles transmitiram a mim, hoje sigo mais agradecida por tudo que posso ser, justamente porque vocês existiram!

Aproveito para agradecer a extensão da família que chegou por Amábile: Marizeti, Marlete e Nuca, Carol, Beti, Marta, João e todos dessa extensa rede, em especial a Dona Nely, que agora faz morada em meu coração, pois me ensinou muito em nossas conversas e em nossas aproximações de contextos, mesmo ela tendo seus 90 anos e eu nem mesmo trinta (risos). Gratidão pelo acolhimento que a família de vocês me trouxe e o carinho com que sempre me receberam em suas vidas!

Não é à toa que nesta escrita em ação falo em palavras e em expressar a voz. Agradeço ao Yuri Malta e a sua escola de música que me proporcionaram um contato amoroso com a arte, pelas aulas de canto e de violão. Vocês me proporcionaram o contato com minha própria voz. Relaxa, solta essa voz e sustenta! Esse é o aprendizado que levo diariamente comigo de tantas vezes que fui estimulada a conhecer minha própria oralidade. Antes não havia espaço para ela, agora meus ouvidos sorriem com ela. Um sentido descoberto e conectado.

As amigas, aos amigos e amigues que encontrei pelo caminho, sou grata pelos risos partilhados, pelas reflexões inesperadas, pelo aconchego do abraço e pelo silêncio sentido. Em especial, minha memória insiste em recordar de Diego Camelo Moreira, Thacya Silva, Tayse Muniz, Isabel Cristina Silva, Laila Drebes, Renata Schüler, Gica Toniolo vocês caminharam comigo, não só com os passos de vocês, mas igualmente em lembranças amorosas de nossos

momentos partilhados. Agradeço à Thayse Avila que transmutou, com muito cuidado e amorosidade, as oralidades em palavras escritas para que eu pudesse com calma compor as narrativas, bem como as estórias e assim transbordá-las neste corpo-texto. Ainda agradeço às pessoas queridas que encontrei por meio da pós-graduação, pela Licenciatura em Educação do Campo, pelo Grupo de Agroecologia Terra Sul (GATS), pela ONG Engenheiros Sem Fronteiras e pela Roda Escola (e tantos outros grupos e espaços) que sempre me acolheram com um sorriso, um abraço e uma conversa, os dias eram tecidos de forma distinta por suas existências. Aqui também incluo meus agradecimentos a todas e todos que pertence à minha extensa rede familiar parental, vocês que se mostraram amigas e amigos nesta jornada, gratidão por todo o carinho dedicado sempre.

Ao Grupo Resignificar a Vida, sou grata não só pelo alimento, mas por tamanha nutrição de afetos que foi possível ser estabelecida durante esses anos. Vocês me ensinaram a perceber o mundo a partir de outras lentes e a me relacionar com o alimento de uma forma amorosa e gentil para com a terra e com tudo que a habita, grata famílias agricultoras Márcia, Paulo, Janaína, Germano, Aline, Carlos, Henrique – Buske(s). Esse agradecimento se estende também as e aos feirantes da Feira Orgânica Ana Primavesi, vocês sempre estiveram presentes nos meus dias e me receberam com carinho, sempre me senti em casa com vocês. Em especial, gostaria de agradecer ao Rafael e a Fernanda que nos últimos meses de escrita, tão solícitos estiveram presentes partilhando afetos e nos trazendo a cesta da feira a cada semana.

Como viver as dores sem um suporte? Sem um horizonte? Em minha caminhada encontrei generosas ações em corpos humanos, pude experienciar meu sofrimento, encará-lo para então transformá-lo. Isso não teria sido possível sem a presença, em cada medida, de cada uma e cada um que me acompanhou em psicoterapia e em terapias outras, que me oportunizaram o contato profundo comigo, com meu inconsciente, com minhas dores. Hoje finalizo a escrita porque vocês também trilharam comigo parte dessa caminhada, Reginalda Célia Lopes, Joel Eloi Franz, Roberto Mendes, Luana Pereira Schneider, Bianca Haupenthal, Nádia Yahia, Luísa Bassanesi, e tantas outras e outros, meu gentil agradecimento por me propiciarem o contato com tantas medicinas. Ainda gostaria de agradecer profundamente a Fernanda Irala, que chegou mais próximo ao fim desta caminhada, mas que com sua escuta psicanalítica e presença, me proporcionou e acompanhou encontros inimagináveis com meu universo psíquico e memórias corporais, nossas sessões me proporcionaram uma viagem à mim mesma que eu não acreditava ser possível da maneira como foi, suas sessões (des)estruturantes

me revelaram meus reflexos, meus anseios, minhas potências, onde pude acolher minhas várias ‘eus’ durante o caminhar.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande por tantas experiências e aprendizados durante o período de agosto de 2019 a março de 2021. Agradeço igualmente as colegas professoras do curso de Gestão de Cooperativas da FURG: Larissa, Márcia, Liandra, Adriana, Andrea, Elisa, Amábile e ao Roberto que me receberam com carinho e foram compreensivas no processo de qualificação. Ainda, não poderia deixar de agradecer as e aos estudantes do curso, pois vocês me permitiram a constante reflexão de minha ética e prática pedagógica, com vocês pude lapidar minha ação enquanto educadora e freirianiar em nossas dinâmicas de ensino-aprendizagem. Com vocês minha tese já caminhava e eu ainda não a percebia.

Às jovens e mulheres parceiras e companheiras de pesquisa meu profundo agradecimento. Sou grata a vocês por cada palavra revelada na escrita e/ou na oralidade, por se colocarem tão solícitas ao compartilhar de si, de sua trajetória e por aceitarem com alegria este caminhar aqui nesta escrita. Vocês falaram muito de mim, vocês falaram muito de nós, vocês falaram! Sem cada passo que cada uma, com tanto cuidado, deu não só durante a investigação, mas antes ainda, em suas próprias vidas, sem isso eu jamais estaria expressando essa conversa desta maneira. Gratidão por nosso caminhar. Gratidão por nosso construir e compor coletivo. Ainda, não poderia deixar de agradecer igualmente ao Colégio Politécnico da UFSM e à Cooperativa-Escola CESPOL, que além de terem contribuído tanto para minha formação e expansão do saber durante o curso de graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas, estiveram de portas abertas para o meu conhecer e o meu pesquisar durante o doutoramento.

Com isso agradeço profundamente à Universidade Federal de Santa Maria que me acolheu e possibilitou durante todo o período do doutorado a ampliação dos horizontes de meus saberes e contatos marcantes com experiências transformadoras. Por meio da universidade pude ir em busca dos sentidos que gostaria de dar a minha vida e me conectei visceralmente com a educação. E por isso, também agradeço às e aos docentes do PPGExR que me possibilitaram rupturas necessárias no pensar e no agir, grata pelas trocas e partilhas de tantos conhecimentos. Grata igualmente por todas as servidoras e servidores que estiveram comigo trilhando e superando os desafios burocráticos que se apresentavam no caminho, em especial à Simone, Sônia e Vanessa. É crucial, destacar aqui, que minhas experiências enquanto doutoranda só foram possíveis pela oportunidade de acessar a uma bolsa de estudos. À CAPES meu muito obrigada pela concessão de 36 meses de bolsa, uma vez que o presente trabalho foi realizado

com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço à Joel Orlando Bevilaqua Marin que trilhou comigo os primeiros impulsos reflexivos que o doutorado me proporcionou. Agradeço também a banca de qualificação composta por Sheila Maria Doula, Márcia Eliana Martins, Maria Catarina Chitolina Zanini e Everton Picolotto, pois foi a partir daí que pude iniciar um repensar e reorganizar de rotas.

Agradeço ao Renato Santos de Souza, orientador que me acolheu em meio às dores do processo doutoral e que confiou em mim, no meu trabalho até o final. Que me deu liberdade criativa e reflexiva para expressar e comunicar este corpo textual, esta pesquisa. Agradeço pela oportunidade de amadurecimento investigativo, pelo apoio afetuoso de cada conversa e pelas inspirações artísticas que compõem o seu agir no mundo.

Agradeço à Chirley Mendes, Rennam Lanna Martins Mafra, Poliana Oliveira Cardoso, Gisele Martins Guimarães e Márcia Lenir Gerhardt por suas presenças reflexivas em minha banca de defesa, que mais entendo como um momento de reflexão coletiva sobre o saber, grata por cada partilha em diálogo, vocês mobilizaram tanto em mim, permitiram tantas expansões do e no sentir-pensar que ainda estou observando as brotações e florações da sementeira que este momento oportunizou. Agradeço também ao Gabriel Murad Velloso Ferreira, que não estava em presença, mas me encorajou tanto no caminhar, antes mesmo de compor a banca enquanto membro suplente; grata pelo incentivo de sempre, em especial no alçar voos desde o início da graduação com suas orientações nos projetos de pesquisa, por meio de nosso caminhar vislumbrei horizontes acadêmicos possíveis, antes impensados.

Por fim, eu agradeço à impermanência e as mortes simbólicas que me obrigaram diariamente a soltar as amarras que me assombavam e a olhar para o vazio que habita nossas complexas redes humanas. Visualizá-lo me permitiu deixar de ser, descrystalizar, (re)construir e (re)significar. Com ele tenho a possibilidade de me transformar em algo novo. Construir uma nova narrativa para as minhas ações e eticidade, como nos ensina Paulo Freire, sair da posição de adequação ao mundo para então intervir e inserir-me no mundo. Gratidão Freire por seu esperar!

Despedindo-me, aqui, transmito que este agradecimento foi escrito entre lágrimas que escorriam pelo rosto e inundavam o sorrir. Espero que cada coração receba esse carinho.

Com amor e profunda gratidão, Aline.

“Aprendo porque amo, aprendo porque admiro”.

(A educação dos sentidos – Rubem Alves)

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

(Pedagogia da Autonomia – Paulo Freire)

“A reflexão crítica sobre minha experiência como aluna em salas de aula tediosas me habilitou a imaginar não somente que a sala de aula poderia ser empolgante, mas também que esse entusiasmo poderia coexistir com uma atividade intelectual e/ou acadêmica séria, e até promovê-la”.

(Ensinando a transgredir – bell hooks)

RESUMO

NARRATIVAS CONTADAS E ESCRITAS QUE AGEM: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E COOPERATIVOS

AUTORA: Aline Barasuol

ORIENTADOR: Renato Santos de Souza

Estou sendo convidada a um movimento de (re)invenção de mim, de minha ética da existência, penso eu ao reflexionar com a tese. Ela que me convida à boniteza, à generosidade, ao encontro com o outro. Um cuidado de mim e uma inquietação e (per)formação que desconstrói o pré-estabelecido, a verdade universal e totalizante. Sigo a ética da verdade que carregam as palavras. Tomo cuidado com suas ações em mim e no mundo. Deixo-me afetar, deixo-me conectar-me, movimento-me e danço com o outro. Intervenho no mundo e em suas realidades, transformo minha vida em arte, um ciclo que me encoraja a pensar minha existência enquanto artista, já que por um tempo, meu sofrimento me levou a esquecer as bonitezas da caminhada, esqueci que estava a me (re)inventar diariamente, esqueci também que minha ética era provisória, que meus valores morais provinham do universal, e que eu precisava seguir minhas inquietações e produzir uma nova existência. Esse iniciar de escrita, que chega com um ar de surpresa e de desassossego vem para te convidar, também, a uma jornada. Essa que nos faz pensar sobre a produção da existência e faz refletir cotidianamente sobre nossas ações e processos investigativos. Pelo caminho, vou encontrando outras existências que generosamente compartilham suas narrativas, sejam elas escritas ou faladas, sejam elas por meio de corpos-textuais ou de sua presença. Não me permito aqui apear detalhes, nem mesmo hierarquizar importâncias, cada uma e um, à sua maneira, se torna indispensável para a escrita em ação que se apresenta. No entanto, o que posso contar, para te instigar a conhecer esse caminho, e assim passarmos juntos por entre trilhos, é que o querer que movia minha travessia buscou, mediada por experiências contadas pelas mulheres presidentes da Cooperativa-escola do Colégio Politécnico da UFSM, tecer narrativas, refletindo em que medida há espaço institucional para a atuação de jovens mulheres em espaços de poder e como se constroem as narrativas de si, atravessadas pelas experiências em ambientes educacionais e cooperativos. Assim sendo, nosso roteiro, possibilitou a construção coletiva de uma narrativa a partir de memórias sobre a cooperativa-escola, bem como a tecitura de contos, em certa medida ficcionais, que percorreram as estações a partir das narrativas e escritas de si. Essas fundamentadas e inspiradas em Margareth Rago, Amábile Tolio Boessio e Chirley Mendes. Foi possível, ainda, por meio de meu diário reflexivo, transpor reflexões referentes à ética da pesquisa e ao meu fazer científico, junto de um caminhar com Michel Foucault e Paulo Freire. Viajo também pela proposição transgressiva de bell hooks, dou passos com Guacira Lopes Louro ao pensar gênero na educação e encontro-me com Jean-Luc Moriceau que me apresenta a *virada estética* nos estudos organizacionais. Inspirada no verdadeiro encontro de Vladimir Safatle, surpreendo-me com tantos encontros e detalhes, estes indizíveis no sintetizar dessa viagem, mas que agem em mim. Assim, sigo pelos caminhos da boniteza, encontro a mim refletida em outras jovens e mulheres, (re)construo minha ética e sinto-me encorajada neste movimento de escrita.

Palavras-chave: Juventudes. Feminismos. Narrativas de si. Educação. Cooperativismo.

ABSTRACT

SPOKEN AND WRITTEN NARRATIVES THAT ACT: EXPERIENCES OF WOMEN IN EDUCATIONAL AND COOPERATIVE ENVIRONMENTS

WRITER: Aline Barasuol
ADVISOR: Renato Santos de Souza

I am being invited to a movement of (re)invention of myself, of my ethics of existence, I think when reflecting on the thesis. She who invites me to be beautiful, to generosity, to meet others. A care for myself and a restlessness and (per)formation that deconstruct the pre-established, the universal and totalizing truth. I follow the ethics of truth that the words carry. I take care of your actions in me and in the world. I let myself be affected, I let myself connect, I move and dance with the other. I intervene in the world and in its realities, I transform my life into art, a cycle that encourages me to think about my existence as an artist, since for a while, my suffering led me to forget the beauty of walking, I forgot that I was inventing daily, I also forgot that my ethics was provisional, that my moral values came from the universal, and that I needed to follow my concerns and produce a new existence. This beginning of writing, which arrives with an air of surprise and restlessness, also invites you to a journey. This one that makes us think about the production of existence and makes us reflect daily on our investigative actions and processes. Along the way, I find other existences that generously share their narratives, whether written or spoken, whether through textual-bodies or their presence. I don't allow myself to belittle details here, not even to rank importance, each one, in its own way, becomes indispensable for the writing in action that is presented. However, what I can tell you, to instigate you to know this path, and so we can walk together along the trails, is that the desire that moved my crossing sought, mediated by experiences told by the women presidents of the Cooperativa-Escola do Colégio Politécnico da UFSM, to weave narratives, reflecting to what extent there is institutional space for young women to act in spaces of power and how self-narratives are constructed, crossed by experiences in educational and cooperative environments. Therefore, our script enabled the collective construction of a narrative from memories about the cooperative-school, as well as the weaving of stories, to a certain extent fictional, that traveled through the stations from the narratives and writings of themselves. These are based on and inspired by Margareth Rago, Amábilio Tolio Boessio and Chirley Mendes. It was also possible, through my reflective diary, to transpose reflections referring to the ethics of research and my scientific work, along with a walk with Michel Foucault and Paulo Freire. I also travel through bell hooks' transgressive proposition, I take steps with Guacira Lopes Louro when thinking about gender in education and I meet Jean-Luc Moriceau who introduces me to the aesthetic turn in organizational studies. Inspired by the true encounter of Vladimir Safatle, I am surprised by so many encounters and details, these unspeakable in the synthesis of this trip, but which affect me. Thus, I follow the paths of beauty, I find myself reflected in other young women and women, I (re)build my ethics and I feel encouraged in this writingAction movement.

Keywords: Youth. Feminisms. Narratives of yourself. Education. Cooperativism.

RESUMEN

NARRATIVAS CONTADAS Y ESCRITOS QUE ACTÚAN: EXPERIENCIAS DE MUJERES EN ENTORNOS EDUCATIVOS Y COOPERATIVOS

AUTORA: Aline Barasuol

ORIENTADOR: Renato Santos de Souza

Estoy siendo invitada a un movimiento de (re)invención de mí misma, de mi ética de la existencia, pienso al reflexionar con la tesis. La que me invita a la belleza, a la generosidad, al encuentro con el otro. Un cuidado de mí misma y una inquietud y (per)formación que deconstruye lo preestablecido, la verdad universal y totalizadora. Sigo la ética de la verdad que llevan las palabras. Cuido tus acciones en mí y en el mundo. Me dejo afectar, me dejo conectar, me muevo y bailo con el otro. Intervengo en el mundo y en sus realidades, transformo mi vida en arte, un ciclo que me anima a pensar en mi existencia como artista, ya que por un tiempo, mi sufrimiento me hizo olvidar la belleza de caminar, olvidé que me (re)inventaba a diario, también olvidé que mi ética era provisional, que mis valores morales venían de lo universal, y que yo necesitaba seguir mis inquietudes y producir una nueva existencia. Este empezar de escritura, que llega con aire de sorpresa e inquietud, también invita a un viaje. Este trayecto que nos hace pensar en la producción de la existencia y nos hace reflexionar diariamente sobre nuestras acciones y procesos investigativos. En el camino, encuentro otras existencias que generosamente comparten sus narrativas, ya sea escritas o habladas, ya sea a través de cuerpos-textuales o de su presencia. No me permito aquí menospreciar detalles, ni siquiera jerarquizar la importancia, cada uno, a su manera, se vuelve indispensable para la escritura en acción que se presenta. Sin embargo, lo que les puedo decir, para instigarlas a conocer este camino, y así podamos caminar juntas por los senderos, es que el anhelo que movió mi travesía buscó, mediado por vivencias contadas por las presidentas de la Cooperativa-Escola do Colegio Politécnico de la UFSM, tejer narrativas, reflexionando en qué medida existe un espacio institucional para que las mujeres jóvenes actúen en espacios de poder y cómo se construyen las narrativas de sí mismas atravesadas por experiencias en entornos educativos y cooperativos. Siendo así, nuestro guión posibilitó la construcción colectiva de una narrativa a partir de las memorias sobre la cooperativa-escuela, así como el tejido de cuentos, en cierta medida ficcionales, que transitaron por las estaciones a partir de las narrativas y escrituras de las mismas. Estos están basados e inspirados en Margareth Rago, Amábile Tolio Boessio y Chirley Mendes. También fue posible, a través de mi diario reflexivo, transponer reflexiones referentes a la ética de la investigación y mi trabajo científico, junto con un paseo con Michel Foucault y Paulo Freire. Todavía viajo por la propuesta transgresora de bell hooks, doy pasos con Guacira Lopes Louro al pensar el género en la educación y me encuentro con Jean-Luc Moriceau quien me introduce en el giro estético en los estudios organizacionales. Inspirándome en el encuentro real de Vladimir Safatle, me sorprenden tantos encuentros y detalles, estos indecibles en la síntesis de este viaje, pero que me afectan. Así, sigo los caminos de la belleza, me encuentro reflejada en otras jóvenes y mujeres, (re)construyo mi ética y me siento alentada en este movimiento de escritAcción.

Palabras-clave: Juventudes. Feminismos. Narrativas de sí mismas. Educación. Cooperativismo.

SUMÁRIO

1	ESTAÇÃO DE PARTIDA: EMOCIONAR-SE OU AFASTAR-SE? AFETAR-SE OU NEUTRALIZAR-SE?	23
1.1	CARTA A QUEM LÊ: IMPULSOS E CAMINHOS DE ABERTURA.....	23
1.2	ENTRE DUREZAS E FRESCORES, ENCONTROS COM A DOR E A PALAVRA: O MANIFESTO DE UM CORPO CANSADO.....	31
2	ESTAÇÃO (EM) MOVIMENTO: É NO CAMINHAR QUE SE CONHECE O CAMINHO	37
2.1	ENCONTROS E DESENCONTROS: PORQUÊS E QUERERES QUE MOTIVARAM O CAMINHAR.....	37
2.2	CAMINHANDO EM DIREÇÃO AOS SENTIDOS: O PERCURSO PARADIGMÁTICO E TEÓRICO-METODOLÓGICO EM DESLOCAMENTO.....	61
2.3	NARRATIVAS E ESCRITAS DE SI: A ARTE DE (EN)CONT(R)AR-SE PELO CAMINHO	73
3	ESTAÇÃO COLETIVA CONTAÇÃO: NARRATIVAS DE MEMÓRIAS ENTRECruzADAS DA CESPOL	89
4	ESTAÇÃO DOS ENCONTROS QUE GERAM CONTOS	101
4.1	O SILÊNCIO QUE ECOA EM MEIO AO BRANCO DOS CAMPOS INVERNAIS....	101
4.2	CONFIANÇA EM POESIA: O DESABROCHAR PRIMAVERIL DAS JUVENTUDES	105
4.3	MAZELAS DE UM COLETIVO QUE SE ESVAEM: A VISÃO OPORTUNA ENQUANTO HÁ AMPLIDÃO LUMINESCENTE	116
4.4	A INDISPENSÁVEL SEMEADURA OUTONAL DAS RENOVAÇÕES	123
5	ESTAÇÃO CÍCLICA: UM PASSEIO EM DIREÇÃO À OUTROS, NEM TÃO OUTROS, LUGARES DO PENSAR E REFLETIR	131
5.1	ENTRE RESPIROS E NOVOS ENCONTROS	144
6	TORNA-VIAGEM: ESTAÇÃO DE CHEGADA OU DE NOVAS PARTIDAS? ..	149
	POSFÁCIO: NUTRINDO OS SENTIDOS.....	163
	CARTA A QUEM CHEGA ATÉ AQUI: ESPONTÂNEA E RESISTENTE VOU (RE)BROTANDO, COLORINDO OS MUROS CINZAS DE UM PENSAR FASCISTA QUE ATRAVESSA NOSSOS CORPOS.....	163
	REFERÊNCIAS.....	165

1 ESTAÇÃO DE PARTIDA: EMOCIONAR-SE OU AFASTAR-SE? AFETAR-SE OU NEUTRALIZAR-SE?

“A *experiência da beleza tem de vir antes*” nos anuncia Rubem Alves (2018), pela ótica da educação dos sentidos – ele que era pedagogo, poeta, escritor, contador de histórias dentre tantos outros qualificativos, os quais pode ser pensado e lembrado –, ao indicar o que faria quando fosse necessário ensinar a uma criança sobre a beleza da música. Antes de mostrar-lhe as partituras, engendraria uma conexão de encantamento dessa para com as melodias mais gostosas ao seu ouvir, assim, emocionada e curiosa a respeito dos instrumentos que a produzem, espontaneamente, a criança iniciará uma movimentação em direção ao mistério que a contém. Ao lê-lo, minha atenção para sua comunicação ganhou espaço e sorridente meu interesse reflexivo se expressou, passei a escrever em meu caderno de reflexões diárias¹, isso talvez porque eu sinta profunda aproximação com o que o tema indica. No entanto, nessa hora me recordei de professoras e professores que nunca estimularam meu aprendizado com seu encantamento e emoção, talvez porque elas e eles também não sentiam o corpo vibrar pelo ato de conhecer e de experienciar mundo(s), não foram entusiasmadas e entusiasmados a caminhar em direção ao mistério do aprender e do conhecer. Confesso: Estou experimentando aos poucos essa sensação, esse contentamento. Por anos vivi morta para o aprendizado e, mesmo assim, não saí de espaços caracterizados pela dinâmica cotidiana do saber. Segui ali reproduzindo algumas falas, muitas vezes sem sentido. Com o passar do tempo e com as descobertas vivenciadas fui desabrochando e este maravilhar-se, aos poucos, foi (e ainda está) (re)nascendo.

1.1 CARTA A QUEM LÊ: IMPULSOS E CAMINHOS DE ABERTURA

Ação Conversa
Conversa a Ação
Ação em conversa
Movimentos de reflexão... (conversaAção!)

Ação Escrita
Escrita a Ação
Ação em Escrita
Caminhos de recriação... (escritaAção!)²

¹ Este que percebi ser para além de um caderno de reflexões diárias (pessoais), um diário de campo, pois nele vi refletido meu processo de andarilhagem na escrita em ação, como mais a frente será possível compreender. Minhas angústias, alegrias, reflexões e afetações enquanto pesquisadora se revelaram nas palavras que brotavam cotidianamente a cada experiência.

² O termo aqui proposto dialoga e proporciona aproximações com o conceito teórico-literário de Conceição Evaristo, “*escrevivência*”. Este que tomei conhecimento somente na banca de defesa pelas lentes amorosas de Chirley Mendes e Rennan Mafra. Para expansões reflexivas sugiro: *Becos da memória, de Conceição Evaristo*:

Escrevo-lhe enquanto ouço a chuva cumprir mais uma vez o ciclo e o fluxo das águas, pois hoje pela manhã acordei com seu barulho fértil. Sim, percebo a fertilidade expressando-se não só na terra que molha e nas plantas que se abastecem com seu vigor, a chuva para mim, proporciona a presença dos sentidos e não ao acaso lhe escrevo, agora, estas linhas. Os sentidos da nossa corporeidade nos oportunizam a apreensão do mundo em suas diversas maneiras, podemos ver, ouvir, sentir, degustar, gozar e tatear as realidades de formas distintas e únicas, a depender de seu espaço, de seu tempo, de que e quem as compõem.

É com isso que me coloco neste texto como uma caminhante que trilha percursos próprios e utiliza de seus sentidos para construir e recompor sua jornada reflexiva, jornada essa que está sendo percorrida a mais tempo do que a própria delimitação deste processo doutoral. É nesse sentido, que também lhe vejo, leitora e leitor, como viajante, capaz de atentamente apreender as histórias que nesta composição são descritas, mas igualmente indagá-las, querer saber mais sobre elas e, ainda, contribuir com paradas reflexivas de sua própria jornada. Como caminhante, possuo uma corporalidade que vai além das palavras aqui comunicadas, não sou apenas um papel que lhe diz algo, sou um emaranhado de histórias, memórias, caminhos e trajetórias, sentidos e afetos que por fim culminaram neste corpo textual.

Assim, para fazer jus aos corpos caminhantes que se expressam aqui, começo descrevendo acerca do corpo de quem o tece e o traduz em palavras. Faço isso, para que você possa, além de lê-lo, atribuir também sua imagem à realidade que lhe conto, alocar no tempo e no espaço um manuscrito que tem corporalidade, que se emociona, faz crítica à própria razão, sonha e se conhece a cada dia, que constrói e desconstrói a ética cotidianamente refletindo sobre a própria ação.

Inspirada na formação pedagógica de professoras e professores, da qual atualmente participo como cursista, no Instituto Federal Farroupilha no polo de Jaguarí/RS, me apresento e me descrevo nas linhas que seguem. Em seus eventos, o Instituto Federal mencionado, tem a preocupação da audiodescrição de quem está falando, para que todas e todos tenham acessibilidade à mensagem emitida, inclusive com sua imagem. Isso, fez-me refletir sobre a minha prática, considerando para quem falamos e para quem escrevemos. Por vezes naturalizamos discursos e ações que excluem e que não permitem a integralidade dos sentidos. O fato de nem sempre conseguir identificar um rosto e uma corporeidade ao ler as pesquisas e os textos intriga-me, pois tudo me soa mais compreensivo quando entendo seu tempo, seu

contexto, as mãos que o escrevem, o lugar de onde surgem as reflexões. E é, também por isso, que inspiro meus escritos em realidades vividas e em experiências materializadas no corpo de quem expressa, seja por palavras ou imagens. Consequentemente, com presteza, impulsionada pelas ideias de Rubem Alves, psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, cansei de engaiolar as ideias e aprisionar os sentidos.

Portanto, sou uma mulher e entendo-me até aqui cis gênero e questionadora do imperativo da heteronormatividade, em um corpo que menstrua, jovem, de pele branca, olhos amendoados e por vezes mais esverdeados, cabelos ruivos acobreados de comprimento na altura dos ombros, uso óculos e um piercing de titânio no septo do nariz. Estou agora escrevendo do escritório da minha casa de madeira de canela que divido com uma amiga, considero-a família por nossa longa trajetória de escolhas conjuntas, mas não somos reconhecidas pelo Estado como tal, nos assentamos no centro do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, o ano é 2021. Atrás de mim, há uma janela que dá para a varanda da frente, onde há trepadeiras envolvendo os pilares de madeira que selvagemmente adentram por debaixo das telhas de cerâmica com cor de barro, um filtro dos sonhos de tecido verde pendurado, uma árvore de camélias de um intenso rosado e outra de manacá de jardim que a pouco descobri com o desabrochar primaveril de suas flores e o exalar expressivo de seu cheiro, ambas não plantadas por mim, mas por quem habitara antes este local.

Ao olhar pela janela, ou caminhar por entre as árvores que encontro no pequeno pátio que circunda a casa, vejo o anúncio da primavera, espontaneamente meu corpo se move ao texto inicial desta escrita, que não necessariamente segue um processo idealmente linear de escrita, uma escrita que se desloca à uma nova estação. Por ora, timidamente as folhas esverdeiam os galhos secos das árvores que hibernavam, as cores ganham espaço nas flores que se abrem, aos poucos os pêssegos pequeninos tomam sua forma e eu vou compreendendo melhor meu tempo e espaço nesta comunicação, que ainda ousou dizer conversa.

Uma conversa reflexiva e escrita a partir de ações experienciadas e vividas cotidianamente. Aqui, faremos uma passagem que foi trilhada, vivida e experienciada por mim e por minhas parceiras e companheiras de pesquisa. As histórias reveladas neste manuscrito foram construídas em parceria e se fizeram companheiras na feitura do conhecimento. Transmito isso inspirada na reflexão que Chirley Mendes, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Brasília (UNB), provocou na defesa de doutorado de Amábile Tólio Boessio em agosto de 2021, no programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com a tese intitulada *Gênero, Performance e*

Experiência: um descortinar da pesquisa em contextos rurais mediada por afetos, programa esse no qual estou vinculada. Uma “defesa”, ou melhor expresso ‘um momento de profunda reflexão coletiva sobre o saber’, que provocou incontáveis afetações necessárias para a construção de um conhecimento científico pautado na experiência ética e estética e que questiona os lugares enrijecidos da ciência nos quais ainda insistimos em nos encaixotar e limitar. Aqui nesta pesquisa temos então parceiras e companheiras que são para além de meros objetos de pesquisa, são mais que vozes, não se resumem em fornecedoras de dados, mas sim, a partir da reflexão proposta, as mulheres que compõe este texto são produtoras de conhecimento (BOESSIO, 2021).

O que apresento neste corpo textual é um reelaborar, recompor e recriar dos caminhos reflexivos vividos, por isso transbordo esta escrita em estações e encontros, para que você comigo percorra os encontros e desencontros da pesquisa, para que juntas e juntos andarilhem nas trilhas reflexivas do saber e, então, seja revelada nesta conversação a viagem percorrida por mim, mas não só por mim, também percorrida pelas jovens que encontro, pelas mulheres que converso e pelos caminhos que descubro a mim e ao meu fazer investigativo.

Sou uma jovem mulher, venho do meio rural e neste corpo-texto assumo: Tive vergonha da minha própria palavra! Acreditava em narrativas outras que me desvalorizam enquanto sujeito³. Ou, ainda mais, que nem me consideravam como tal. Guacira Lopes Louro, historiadora e doutora em Educação, pesquisadora e coordenadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge) e ainda professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, instigou-me reflexões, em especial com sua obra *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista* (2014), a respeito do processo de reconhecimento da própria trajetória enquanto estudiosa feminista. Para ela, o processo identitário se dá nos encontros e desencontros da cotidianidade, ao longo da história, se fazendo e refazendo, sempre aberto e provisório. Digo isso, porque assim como ela, acredito que nossos textos ao serem manifestados, também nos expressam, pois carregam a marca da trajetória que nós autoras e autores percorremos.

Guacira Lopes Louro (2014) expõe sua trajetória em sua escrita e a vincula com suas construções reflexivas. Ela apresenta que até o final dos anos 1960 não se via como feminista e suas primeiras aproximações acabaram se dando quando ela se tornou professora de História

³ Considero relevante anunciar nesta escrita, que minha escolha se dá pela utilização de “sujeito” sem flexão de gênero ao demarcar a construção e constituição da subjetividade. Essa escolha consiste na preocupação em não produzir discursos confusos a respeito de “sujeitas” no sentido de sujeitadas. No entanto, reconheço a relevância de tais tensionamentos, em especial, pelos estudos feministas.

da Educação. Lendo isso, me pus em foco na observação, pois até pouco tempo não me reconhecia como feminista e não ousava sequer admitir que minhas questões perpassavam indagações que eu mesma vivenciava enquanto uma mulher, e ainda jovem, indagações essas compartilhadas com outras jovens, outras mulheres, dos mesmos e de outros contextos. Havia ali uma força criativa de reflexão e eu a permiti fazê-la companheira no processo doutoral, até que hoje, mais amadurecida, após um jornada que nem de longe está encerrado, reconhece a importância da visibilidade dos estudos de gênero e feministas, pois já são (re)conhecidas as diversas consequências da desigualdade social e política que as mulheres enfrentam historicamente, incluindo a invisibilidade destas como sujeitos da(s) Ciência(s).

Em consequência disso, estou aqui para expressar minha palavra e com minhas parceiras de pesquisa expressar também suas palavras de vida. Estou aqui, para reconhecer nossas histórias e assim nos descobriremos em nossas próprias palavras; não só nas nossas, mas igualmente com quem anda na arena conosco. Descobrir a própria palavra como nos diz Paulo Freire, nos leva a conhecer a palavra “do outro” o que nos possibilita a aproximação ou o afastamento de narrativas discursivas que não condizem com nossas experiências existenciais, mas condizem com um sujeito universal médio, branco, colonizador e violento que “arregaça nossos corpos”.

Antes de seguir adiante, entendo fundamental manifestar a resultância da vida e obra de Paulo Freire, que era brasileiro, nordestino, um dos educadores mais importantes do século XX e não à toa, patrono da educação brasileira desde 2012. Pedagogo e filósofo é autor de mais de 25 livros (que sempre estava a revisitar seus conceitos e construí-los coletivamente), terceiro teórico da área de humanidades mais citado em trabalhos acadêmicos do mundo⁴, recebeu mais de 35 títulos de *Doutor Honoris Causa* (de universidades da Europa e das Américas), além de ter sido premiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1986, com o prêmio de Educação para a Paz.

“Não é demais repetir aqui essa afirmação, ainda recusada por muita gente, apesar de sua obviedade, a educação é um ato político” (FREIRE, 1997, p. 58). Freire não cansou de expressar ao mundo o quanto a educação é carregada de politicidade, ela jamais foi ou é neutra, ela é sim decisiva para a construção do sujeito político (seja ele progressista, democrático, autoritário, reacionista, passadista, espontaneísta, etc.). E por isso o trago para esta escrita em

⁴ “O levantamento foi feito através do Google Scholar – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica – por Elliot Green, professor associado da London School of Economics. Segundo ele, Freire é citado 72.359 vezes, atrás somente do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780)” (Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/06/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/> . Acesso em: 17 out. 2021).

ação, pois meu encontro com ele aconteceu nos primeiros passos da caminhada universitária, ainda em 2011, quando na graduação. Recordo-me que cheguei até o Grupo de Estudos e Pesquisa DIALOGUS (Dialogus: Educação, Auto(Trans)Formação e Humanização com Paulo Freire) – coordenado pelo professor da Pós-Graduação em Educação da UFSM, Celso Ilgo Henz –, por meio da professora Marcia Lenir Gerhardt, ela que é doutora em Educação e docente do Colégio Politécnico da UFSM, e que na época coordenava projetos de iniciação científica e de extensão, dos quais eu fui, de um bolsista e do outro voluntária. Meu freirianear iniciou ali, justamente quando estava aprendendo sobre mim, sobre minha história, sobre minhas palavras e sobre a opressão na qual meu corpo estava inserido. Por meio dos escritos de Paulo Freire, que aos poucos iam somando ao meu caminhar, fui desejando tornar-me mais dialógica, mais problematizadora, me aproximando de um ideário de educação transformadora e libertadora que nos possibilita ler mundo para, então, ler as palavras. Minha jornada no grupo de estudos foi um tanto curta, mas percebo o profundo impacto desse encontro em meu trilhar acadêmico e em minhas escolhas a partir dali.

Com isso, quero compartilhar aqui que tenho sonhado com as palavras, as leio, as aprendo, as percebo, enquanto os demais personagens oníricos escolhem outros caminhos. No entanto, não são quaisquer palavras, andei sonhando inclusive com a ética envolvida nelas e por elas. Isso me faz refletir diariamente sobre quais palavras eu escolho usar e quais escolho comunicar. Qual texto meu corpo representa? Que significados estão por detrás das palavras ditas ou até mesmo silenciadas? Não é só no universo onírico que a reflexão sobre a ética das palavras me acompanha, nossa trajetória (da ética e das palavras) vem de longa data, tem mais de 12 anos.

Com o caminhar universitário passei a questionar o que dizia e o que fazia, meus lugares (internos e externos) não condiziam mais com o pequeno (apertado) mundo que eu habitava. Havia mais e eu podia experienciar mais, me (re)descobrir, (des)construir e conhecer novas perspectivas e narrativas. No início isso não era tão visível para mim, sofria com os discursos cristalizados em meu corpo, ainda sofro vez e outra, quando escorrego no reproduzir de um discurso patriarcal, universal e opressor. Foi aí, que me pus em reverência às palavras que me ensinavam novos mundos, me faziam ver novos horizontes. Com o passar do tempo, percebi que as palavras não estavam apenas na grafia de um papel ou na formulação mental das sentenças e frases a serem ditas, elas estavam no corpo, no silenciamento, na roupa em que eu vestia, no alimento que eu comia, em minhas escolhas; não só nas minhas, mas nas de cada uma e cada um que comigo convivia. Então, passei a observar melhor as palavras, querer decifrá-las. E mais, saber de onde vinham.

Neste investigar, descobri que eu não sabia o porquê as usava, fui então, aos poucos, questionando as narrativas que me habitavam e que hoje, ainda em desconstrução das palavras que uso, as trago como uma escolha ética, política e epistemológica apresentada em um constante fluxo de reflexão crítica. Por essa razão, sustento-me no que nos ensina Paulo Freire, quando este nos estimula a procurar por nossa própria palavra e isso nos exige olhar para nossas subjetividades, nossos afetos, nossas escolhas, entender nosso lugar social e o impacto de nossas escolhas em nós e nos outros, reconhecer o sujeito que corporifica a palavra, ou seja, para além das subjetividades compreender justamente as subjetividades envolvidas no fazer da vida concreta. Não digo isso porque ‘ouvi falar’, expressei isso porque vivi e ainda experiencio o diário processo de encontro com minha própria palavra, afinal esse fazer não se finda, é constante, e assim como eu, você verá e sentirá nas páginas que seguem, o revelar de outras histórias que também caminham em direção ao encontro com sua própria palavra. Mulheres e Jovens mulheres que cotidianamente se abrem para a lapidação do seu texto-corpo-vivo.

Ao pensar de forma plural, Louro (2014) reflete sobre a categoria gênero distanciando-a de pensamentos dicotômicos e que apresentam um referencial universal já pré-estabelecido. Apoiada na profunda obra de Michel Foucault, filósofo francês e reconhecido historiador das ideias, ela revela e enfatiza o emaranhamento das redes de poder, bem como a produção dos gêneros na e pelas relações de poder. Anuncio este direcionamento teórico da autora, para trazer aqui aproximações dos caminhos trilhados e que serão expressos cada vez mais nesta escrita. Tanto pela caminhada de Louro (2014, 2021) quanto pela inegável contribuição da obra de Foucault (2007, 2014, 2016, 2020) – e tantas outras estudosas e estudiosos que compõem essa conversa –, refletiremos sobre os corpos como produções históricas e o processo de disciplinamento que podem ser avistados e encontrados nos contextos educacionais atravessados por relações de poder.

Foucault por buscar compreender seu tempo questiona o conhecimento e indica a institucionalização do saber, nos proporcionando assim, reflexões advindas da associação entre saber e poder, nos desestabilizando e inevitavelmente demonstrando que os saberes estão em disputa no cotidiano social. Em *As palavras e as Coisas* (2016) – primeira edição lançada no Brasil em 1981 – ele nos estimula a pensar sobre a ordenação das palavras e das coisas e justamente por ser um pensador desconcertante o trago na composição desta escrita em ação. Desnudo que minha preocupação aqui, está na transformação de histórias em palavras escritas, e nesse sentido é inevitável e fundamental questionar as palavras e seus significados. Acompanhada das reflexões proporcionadas por Paulo Freire e Michel Foucault, por vezes (e

em maioria) é preciso ressignificar as palavras, inventar palavras, não forçar encaixe dos corpos nas palavras já inventadas. Percorrer novos caminhos. Caminhos no falar, no escrever, no pensar e no viver. Romper com os véus ilusórios das metanarrativas que nos condicionam a um agir, comunicar e existir no mundo e no nosso tempo que ignora e não reconhece os sujeitos corporificados em suas diferenças.

Somos sujeitos caminhantes e meus caminhos já cruzaram estações de trem em Minas Gerais (menção que fará sentido logo mais adiante), no entanto, faz pouco tempo que observo os trilhos que me acompanham ao sul do Brasil, não os percebia. Aos poucos, com a nutrição dos sentidos, mesmo sem ver, fui ouvindo os barulhos e ritmos do trem e percebendo seu trajeto. Junto com, mas nem sempre nele, fui abrindo horizontes e percebendo nos caminhos as estações e os encontros que as reflexões me possibilitavam. Observei que a cada nova estação uma questão era posta e que essa se desmembrava em tantas possibilidades de caminhar que meu corpo não tinha condições de apreendê-las em sua integralidade, fui então, apreciando-as em pequenas partes e escolhendo o que seria descoberto primeiro. No entanto, essas escolhas eram incertas e as consequências delas só poderiam ser reveladas no caminhar. Falo aqui dos meus passos e metaforicamente desta tese em ação. Uma tese-caminhante que está viva e pode ser mudada a cada novo encontro, a cada nova estação.

Com ela, reflexões serão transbordadas aos nossos sentidos. Faremos diferentes trajetos, onde ora caminharemos solitárias e solitários pelas veredas que a vida nos impõe e ora trilharemos coletivamente estradas antes impensadas que só puderam ser avistadas com o caminhar. Poderemos também enxergar as bonitezas dos encontros e as angústias dos desencontros. Teremos acesso a passagens que nos levarão para lugares imprevisíveis e que nos possibilitarão o contato com jovens e mulheres contadoras de suas próprias histórias e estórias.

1.2 ENTRE DUREZAS E FRESCORES, ENCONTROS COM A DOR E A PALAVRA: O MANIFESTO DE UM CORPO CANSADO

“É um fascínio pelo subjetivismo”, disseram a ela
 Àqueles que de gravata inventaram o mundo.
 Um mundo cheio de dor e sofrimento
 “Não era bom”, disseram eles...
 Com sua miopia do amor.
 “Não há reconhecibilidade nisso que ela faz”, afirmaram
 eles...
 Ela morreu.
 Deixou de ser flor.
 Virou pó.
 Nem mesmo semente rebrotou.
 Mas pó também se transforma
 Se transmuta em amor!
 E o amor renasce mesmo em meio a tanta dor...
 Bloqueada estava ela!
 Com cobranças do endividador
 Que nem mesmo sabia o seu nome
 Só o número que lhe inscrevia como futuro doutor
 Eu era nada!
 Uma jovem mulher cheia de dor!
 Que transbordou o seu mundo
 Agora refletindo o meu amor.
 “Não nos serve esse pesquisador”, diziam eles.
 Nem mesmo como mulher eu era reconhecida
 Quem dirá a minha dor!
 Não interessa o que eu escreva,
 “Não nasci com inteligência de doutor”,
 Era o que continuavam a dizer
 Demorei para desacreditar...
 Inventaram uma tal única verdade,
 Que tornaram nossos corpos robôs!
 Há que se ter coragem,
 Pra ir de encontro com o que fala o doutor!
 Aquele dono da verdade...
 Que te despreza sem nenhum pudor.
 Hoje arrepiada e fortalecida eu digo
 Não há que ser igual ao doutor!
 A minha pesquisa é minha!
 E eu a preencho com muito amor.
 Se não me reconhece doutor
 Eu te respondo:
 Há que nascer outra ciência!
 Pois não há covardia que pare a coragem do nosso
 conhecer!
 ... do nosso pesquisar.
 ... do nosso amar.

(Invasões da arte em meio a dor, Aline Barasuol)

Início com a beleza que me encanta, pois estamos na primavera e eu estive grávida de histórias, e também de estórias, durante o outono e o inverno, no entanto no verão se avistarão

os frutos dessa estação e poderemos desfrutar, em meio ao calor, de seus sabores e frescores. Começo com uma história, pois a pouco tempo aprendi a usar um instrumento que diziam não ser meu, a voz! Acreditava que minha voz não era minha e percebi, que de fato não era! Acreditava que as palavras não eram minhas, continuam não sendo, como já disse: Estou aprendendo minha própria palavra, (re)conhecendo minha própria voz. Harmonizar voz e palavra é um querer neste espaço-tempo e eu estou aprendendo, sem medo de ser ouvida, ou ainda mais, de ouvir a mim mesma e de escutar as histórias que me remetem a mim e a minha trajetória. Exponho estas histórias porque não são as únicas, pelo contrário, há muitas por aí. No entanto, por vezes, temos receios em ouvi-las e ousa dizer que seja por não ouvirmos a nossa própria voz, por não (re)conhecermos a nossa própria palavra.

Esta escrita em ação também se trata de um manifesto, de um corpo que sente dores ao escrever e que só as ressignifica com o passar do tempo e com sua íntima relação, essa inevitavelmente construída com seus desprazeres. No início ninguém espera tudo o que pode acontecer durante o caminhar do processo doutoral. Eu não sabia o que esperar. Por um bom tempo resisti e relutei pelas mudanças que poderiam chegar, afastava-as, pois estava aprisionada em caminhos únicos que eu precisava desacreditar para seguir. Não podia mais comer, dormir, nem mesmo viver os meus dias, estava atordoada por um futuro que quiçá chegaria. Precisava aprender a arte de escolher novos caminhos, para chegar em novos lugares e então não sucumbir a uma única visão. Mas, só depois de tanto cansar meu corpo com as insistentes resistências que despontavam, entreguei-me para o caminho que se abria à minha frente, abandonei os pesos que me faziam dar passos cansados de fardos invisíveis aos olhos, mas perceptíveis aos demais sentidos.

Em meio a dor, invasões de arte me eram possibilitadas no escrever, no cantar, no criar, em um movimento com o corpo, em algum trabalho manual que me chamava a atenção, o cuidado com a terra e as plantas, ou até mesmo nas aulas de violão que me traziam um conforto ao coração. Passei a priorizar os sentidos, ainda indecifráveis, da corporeidade que insistentemente batiam à minha porta, artisticamente. Justo eu, que julgava nunca ter tido contato com a arte? Pouco sabia eu, pois acreditava também em uma forma ideal de se performar as dores. Fui soltando meus pré, e endurecidos, conceitos. Fui refletindo minha ação em contato com minha corporalidade que aos poucos me propiciou a percepção da minha humanidade. Sim, alguns muros acadêmicos intangíveis, ganharam solidez em um pensar rígido que me distanciou da arte e da criatividade. Me percebi separando o artístico do científico.

No entanto, quando passei a (re)ler meus textos escritos livremente em meu diário reflexivo, percebi que as palavras ali expressas há muito tempo falavam sobre minhas angústias

enquanto pesquisadora, enquanto sujeito que não aceita determinadas posições pré-estabelecidas e fatalistas, enquanto sujeito que faz ciência. Aceitei a poetiza que também é expressa por essa corporalidade e questionei-me o porquê de nossos ambientes acadêmicos afastarem ciência e arte. Nesse momento, acolhida novamente nos escritos de Paulo Freire – em particular no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1997) –, que nos diz que não há como separar ambas, que a educação exige arte e criatividade e que as professoras e professores precisam ser artistas, permiti então, meu ser acadêmica-poetiza-artista. Freire não é o primeiro nem o único a compreender a conexão entre arte e ciência, mas o trago aqui por sua relevância e inspiração de ser e agir no mundo e por sua conexão com minha caminhada, pelos encontros que tive bem antes do doutorado, pois o conheci pelos caminhos que a formação acadêmica no curso superior me proporcionou, como já mencionado.

Entusiasmada com a celebração de cem anos de seu nascimento, enquanto escrevo, pergunto-me por que nós pós-graduandas e pós-graduandos, pesquisadoras e pesquisadores não nos percebemos enquanto artistas? Artistas que compõem e que expressam ao mundo a lapidação de um trabalho bruto que é sua pesquisa, seu relacionar(se), refletir(se), seu transbordar de relações e de sentidos. Ainda nos pomos em situação de afastamento de nossas criações, não nos percebendo sujeitos do mundo em que pesquisamos, não nos percebendo sujeitos da(s) ciência(s), sujeitos que produzem e dão sentido à(s) ciência(s).

Recordo-me com carinho das aulas (quando ainda presenciais) de *Paradigmas do Conhecimento em Ciências Sociais* durante o doutorado, em que transbordávamos os conceitos e reflexões em músicas e poesias, talvez pela sensibilidade com que o educador Renato Santos de Souza conduz suas criações e abre espaço para a arte em seu cotidiano. Inspirada também em seu agir reflexivo dentro de sala de aula ao nos propor visualizar os diversos paradigmas que atravessam nossos estudos, nossas pesquisas, nossas ações, não pude me fechar para os horizontes que se abriam e para as novas lentes que eu poderia apreender para ver e refletir minha ação no mundo. Logo mais à frente em minha caminhada, tive a oportunidade de compartilhar de momentos na disciplina de *Sociologia das Organizações*, agora já enquanto sua orientanda e aproximados por uma tela que passou a reger nossos encontros durante o período de isolamento físico, em meio à pandemia. Ali, novamente reflexões artísticas me foram possibilitadas, ainda mais por partilhar a sala de aula virtual com colegas igualmente sensíveis à arte em suas vidas. Ciência(s) e arte(s) emaranhadamente iam ocupando lugares comuns no meu caminhar e eu mais segura do trajeto que escolhia trilhar fui encantando-me com as belezas e bonitezas que a jornada me proporcionava enxergar e sentir.

A arte fez com que eu confiasse em minha própria voz, tão silenciada e tão reprimida neste mundo opressor. E com isso, fui fortalecendo meus encontros acadêmicos e paradigmáticos, permitindo que a arte invadisse a mim, a minha juventude, a minha forma de expressar, compor e comunicar as minhas pesquisas. Agora, sentindo os frescores da estação que a caminhada estava me proporcionando, as únicas invasões deste mundo desolador que eu permitia a mim, a meu corpo, provinham da arte e da sua profunda conexão com o fazer ciência(s).

Diante disso, eu enquanto pesquisadora de gênero e das juventudes, em especial em contextos de ruralidades, e experienciando com elas, percebendo os sonhos e desejos sendo arrancados e submersos por narrativas dominantes que insistem em destroçar nossos corpos e mecanizar nossas ações, reafirmo aqui meu compromisso com elas. Observo, por vivenciar os espaços institucionais, que são tolhidas ou dificultadas as atuações de mulheres jovens por estas serem reduzidas à um outro que não um sujeito universal – como disse, primeiramente Simone de Beauvoir em sua obra *Segundo Sexo* – detentor do conhecimento. E, por conta disso, precisamos nos esforçar mais, esbravejar, gritar ou então caber em um quadro pré-estabelecido para que sejamos vistas, e ainda respeitadas por nossas escolhas e corpos. Falo como e com jovens mulheres que ainda trilham suas trajetórias buscando espaços em suas próprias vidas para então encontrar espaços em lugares dentro de suas realidades e/ou institucionalidades. Isto posto, manifesto o compromisso com as jovens e mulheres que serão encontradas no caminho percorrido.

Mas antes disso, preciso expressar o quão injusto é o que, por vezes, a arena acadêmica faz com nossos corpos e com nossas mentalidades. Mesmo em um contexto pandêmico, com mais de 600 mil mortes no Brasil algumas solidariedades se fazem discurso. O que rege nossos programas é o tempo e os números, tempo esse que precisa ser sempre encurtado para que os índices sejam aumentados, o que acaba, por muitas vezes, tolhendo a vida que nele pode brotar. Muitos programas de pós-graduação, na ânsia de ver brotadas as reflexões arrancam suas sementes que estão em processo de germinação e o produzir a qualquer custo passa a habitar nossos discursos que são revelados em nossas ações. Portanto, manifesto nesta escrita o quão destrocada estive em boa parte do meu caminhar, o quanto eu, assim como tantos outros e outras colegas, não fui, e não foram, vista, vistos e vistas, por detrás das palavras que obrigatoriamente precisavam estar lá, já crescidas e dando frutos, enquanto apenas tentavam se reconhecer sementes em processo de germinação. Manifesto a dor de cada tese-semente que quer germinar, mas que é tolhida sem ter a possibilidade de experienciar sua ciclicidade, de brotar a seu tempo, e com isso descobrir com respeito aquilo que é e não o que se exige dela

ser. Estou aqui em palavras nesta tese que também é semente e que espera em uma nova estação florescer. Uma tese-semente, mas também tese-caminhante. Utilizo desse jogo de palavras para manifestar a vida que habita por detrás dos manuscritos entregues e de cada vida que se finda com a pandemia. Escrevo enlutada, mas com o coração esperançoso de que uma nova vida há de começar, em uma nova estação que certamente irá rebrotar.

Finalizo este encontro, nesta estação de partida, em luto por todas as vidas ceifadas no nosso planeta pela COVID19, mas não só por isso, findo enlutada por todas as vidas, criatividades e ideias aradas na arena acadêmica. Por todas as teses-sementes que foram arrancadas em seu processo de brotação e que precisaram ser encapsuladas em vestes que nem mesmo representam sua floração. Encerro, este fragmento, enlutada dos sorrisos expressivos de expansão intelectual que não foram possíveis no processo acadêmico e que deram lugar à dor, dor essa da morte de nós mesmas/os, de nossas ideias e da idealização que tínhamos no momento de aprovação no doutorado. Finalizo enfatizando meu luto, mas abraçada, por um caminho que se constrói a partir daqui. Agradeço a parada, mas caminho em direção à uma nova estação, para viver novos encontros. Esses que aguam meu solo fértil e adubam a semente que está prestes a nascer. Gostaria que fosse uma flor, mas o que pude entregar foi uma semente. Espero em outras estações florescer.

Com isso dito, transformo meu luto em LUTA!

2 ESTAÇÃO (EM) MOVIMENTO: É NO CAMINHAR QUE SE CONHECE O CAMINHO

“Cuando decimos cultura ribereña no es cualquier cosa es el arte de vivir al pie de un río y de las ciénagas [...] que combinan técnicas de lo acuático con lo de tierra. Y entre esas explicaciones sale el concepto más conocido de cultura anfibia [...] que fue donde me enseñaron el sentido de que es la cultura anfibia. [...] Gente inteligente, gente bien preparada técnicamente para su ritmo de vida. Gente que inventaron por ejemplo el concepto de *sentipensante*, ese *sentipensante* que aparece en mis libros, eso no lo inventó yo, eso fue allí en una de las ciénagas [...] que a alguno se le ocurrió, a algún pescador que iba conmigo, dijo: miren nosotros, si en realidad creemos que esta actuamos con el corazón, pero también empleamos la cabeza y cuando combinamos los dos cosas así somos *sentipensantes*. Un concepto tan sencillo, cierto, si entiende, es muy bonito [...]. Luego para finalizar esa explicación, otro de los símbolos de la cultura anfibia es de la hicotea [...]. Y el concepto del hombre-hicotea ha corrido fuerza. Ya ser *hombre-hicotea* representa no solamente ser *sentipensante* sino algo más, ser aguantador, él que aguanta los reveses de la vida y sabe superarlos, porque sabe esperar su momento; porque como ustedes saben la hicotea tiene un ritmo muy productivo, cuando hay agua pues sale y el estado feliz y haciendo el amor etc. etc.. Llega el verano y entonces se entierra, y quietecitas duerme su siesta de varios meses y cuando empieza sentirse húmedo otra vez, saca otra vez con la cabecita, vuelve la vida con igual interés, igual energía que antes. Y así somos nosotros dicen los pescadores [...], somos *hombres-hicoteas*, sufrimos mucho, pero también gozamos. Y al hacer la suma, a pesar de nuestra pobreza, dicen ellos, va ganando la alegría y así es la cultura anfibia, es un resumen de la forma de vida dominante en esta parte del país, que muy otras partes del mundo se encuentran”.

(Orlando Fals Borda, em entrevista, 2007).

Inspirada na afetação que Orlando Fals Borda me provoca, apresento-me também: uma pesquisadora *sentipensante-hicotea*.

Bem-vinda, bem-vindo e bem-vinde ao caminhar da pesquisa!

Vamos agora trilhar os caminhos que me levaram ao movimento inicial desta conversação e escrita, os porquês e querereres que me fizeram andar e avistar horizontes. Assim, como Boessio (2021) comunica, e por sentir esta tese-caminhante, percebo mais os querereres da investigação do que propriamente objetivos a serem alcançados. Este corpo textual é vivo e tem desejos, assim como quem o compõe e o tece. Dito isso, nesta estação, retorno não só à minha história, mas em especial, à composição que reflete os diversos trajetos deste corpo textual.

2.1 ENCONTROS E DESENCONTROS: PORQUÊS E QUERERES QUE MOTIVARAM O CAMINHAR

“Os grandes pensamentos resultam da caminhada”, proferiu o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). E é assim, que inicio esta jornada reflexiva de encontros e desencontros: confiante e inspirada no caminhar. A cada início de jornada, somos impulsionados por nossos primeiros passos. Aqui, alegoricamente, expresso o impulsionar da pesquisa por meio de reflexões iniciais, que desaguam na escrita como destino. Os passos, ainda lentos e em observação, revelam as temáticas das quais surgiram os questionamentos externados, os porquês e os quereres desta conversação, além de relatar minhas motivações que encorajaram meu caminhar, enquanto pesquisadora imersa em minha forma de agir e pensar, revelo os horizontes que entrelaçaram as temáticas apresentadas neste caminho e os paradigmas do conhecimento que conduziram meus passos sustentando o tear investigativo em composição.

A princípio, inspirada, metodologicamente, nos escritos de Orlando Fals Borda – pesquisador e sociólogo colombiano, que é considerado um dos mais importantes pensadores latino-americanos tornando-se referência para a Extensão Rural com sua notável contribuição às reflexões da educação popular e ainda por se tratar de um dos fundadores da pesquisa-ação participativa –, ao percorrer suas reflexões *sentipensantes* reunidas por Herrera Farfán e López Guzmán (2012) em *Ciência, compromiso y cambio social*, percebo-me em meio as suas intenções, reveladas em um lugar de comprometimento social não só de nossas pesquisas, mas também de nossa postura pessoal refletidas no papel que nos cabe na condição social de pesquisadoras e pesquisadores da ciência. Longe de qualquer indício de arrogância intelectual, exponho-me, salientando a relevância de entendermos e apreendermos as histórias por trás das autoras e autores da ciência, estas que são responsáveis pela produção e construção das escolhas metodológicas, epistemológicas e até mesmo éticas que orientam nossas pesquisas e o “fazer da ciência”. Por isso, propondo similar diálogo de Fals Borda, recíproco e horizontal, entre o saber e o fazer, permito-me (re)velar em meio as minhas palavras que constroem esta escrita em ação. Deixo transparecer minha trajetória, assim como tantas outras pesquisadoras e pesquisadores, que buscam cessar a homogeneização do pensamento dominante e ‘ocidentalizado’, demonstrando “que outra academia é possível, rompendo assim as orientações tradicionais da ciência asséptica e hegemônica” (HERRERA FARFÁN; LÓPEZ GUZMÁN, 2012, p. 9); arriscando e ousando externar nesta composição, meu sentir-pensar.

Um tanto pragmática⁵, em meus primeiros passos, movo-me em direção à inter-relação desta escrita com minha trajetória particular; marcada pelo profundo interesse nas relações sociais e culturais do e no ‘mundo rural’. A manifestação de meu olhar entrelaçada ao nascente amadurecimento intelectual resultou em minha dissertação de mestrado, defendida em meados de 2016, no Programa de Pós-Graduação de Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa (UFV), intitulada: “Juventude rural e emoções: fatores subjetivos de valorização do campo” (BARASUOL, 2016).

Imersa no mundo das emoções (não só dos outros, mas também nas minhas e, ainda, da própria pesquisa), busquei compreender as representações e emoções positivas de jovens rurais de Derrubadas e suas influências em seus projetos de vida – município este localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul onde residi minha infância e adolescência até os 17 anos de idade. Nessa investigação, atentei para um novo campo disciplinar que vem se consolidando nas ciências sociais: a Sociologia e a Antropologia das Emoções, embora esta temática seja estudada a longa data. Estas áreas do conhecimento buscam “situar as emoções como categoria central para se pensar a inter-relação entre indivíduo e sociedade” (KOURY, 2014, p. 841). Uma vez que “as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14).

Dito isso, lanço minha profunda e instigante relação com a subjetividade dos sujeitos, em especial, ao tratar-se das trajetórias de vida da população rural – mais ainda, ao inter-relacionar meu ser neste espaço-tempo que me encontro, tanto quanto sujeito e enquanto pesquisadora, e como uma jovem mulher. Direcionar o olhar às relações cotidianas, desperta em mim a curiosidade e criatividade necessárias para mergulhar no oceano científico das investigações, pois é no cotidiano que os sujeitos têm a possibilidade de experimentação e interação, seja com eles mesmos, com os outros e/ou com o mundo. Assim, como exposto por Lucelina Rosa e Darlene Ferreira (2010), ao refletirem a inter-relação das categorias ‘rural’ e ‘urbano’ e a perspectiva de um *continuum*⁶, considero fundamental levar em conta a história, as raízes e a trajetória dos grupos, dado que tais elementos determinam, em muitos casos, a reprodução cotidiana dos sujeitos.

⁵ Quando menciono o Pragmatismo, indico que este, “enquanto concepção surge mais das ações, das situações e das consequências do que das condições antecedentes (como no pós-positivismo). [...] Os pesquisadores pragmáticos olham para o *que* e *como* pesquisar, baseados nas consequências pretendidas, ou seja, onde eles querem chegar com ela. [...] [Assim] concordam que a pesquisa sempre ocorre em contextos sociais, históricos e políticos, entre outros (CRESWELL, 2010, p. 34).

⁶ Para saber mais sobre a noção de *continuum* rural-urbano: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010.

É nesse sentido, que exponho meu horizonte a respeito das ruralidades, uma vez que ao transitar pelos estudos rurais durante o mestrado pude encontrar com as reflexões proporcionadas por Maria de Nazareth Baudel Wanderley acerca do mundo rural como um espaço e modo de vida, ela que é doutora em Sociologia pela Universidade de Paris X, Nanterre, e enquanto pesquisadora contribui expressivamente para os estudos rurais, bem como das juventudes. Pela perspectiva de Wanderley (2009) há a emergência de uma nova ruralidade que rompe com a dicotômica relação rural versus urbano e entende o rural enquanto categoria histórica em constante construção e transformação, sendo assim possível percebê-lo enquanto um lugar de vida que se define enquanto um espaço singular (que passa por profundas ressignificações em seus processos de diversificação social) e da mesma forma, um ator coletivo (que em sua heterogeneidade espacial situa os espaços como um bem coletivo).

Nesse contexto – e inspirada pelos estudos que envolvem a juventude, bem como por minha ligação com Observatório de Juventude Rural da UFV, durante o percorrer do meu mestrado –, despertei para observar ainda mais profundo a construção de juventude(s) enquanto categoria – experiência, construção social, fase de vida, etc. – em meio a tantos contextos e relações. Vislumbro, agora, caminhar por questionamentos antes inexplorados em minha trajetória de pesquisadora e olhar para detalhes antes imperceptíveis ao meu campo de visão durante a caminhada. Com isso, consciente de que muitos foram os porquês e as motivações que impulsionaram minha caminhada no decorrer do mestrado e, também, de que estas orientam minhas escolhas pessoais de reflexões, tal como das temáticas acadêmicas de pesquisa no doutorado às quais me aproximo, estas são estímulos que lançam ideias, conexões e movimentações. Desse modo e soando de forma poética, procuro, sem expectativas de certezas, caminhar em busca de novos horizontes investigativos que propõem muito mais à desconstrução do meu ‘ser pesquisadora’ do que propriamente dito um ‘ancorar do saber’⁷.

Em minha pesquisa de mestrado, observei que os jovens ritualizam as suas heranças históricas, não só em eventos típicos – como é o caso da Semana Farroupilha no Rio Grande do Sul –, mas também, diariamente, no ‘andar, vestir e falar da gurizada’⁸, e ainda, no frequente contato com a literatura, poesias e músicas tradicionalistas que a juventude gosta de ouvir, cantar e declamar. Sendo assim, percebi que tal reprodução influencia as identidades pessoais, coletivas e projeções futuras feitas pelas e pelos jovens. Esse fator incorpora uma forte ligação

⁷ Ao fazer referência a um ancoramento, digo sob a lente de concentração e fixação do saber em somente uma perspectiva e olhar. Nesse caso, almejo uma construção do saber a partir da diversidade de perspectivas, conhecimentos e interpretações.

⁸ Gurizada refere-se à Juventude. Assim como os termos: Gurias está relacionado às moças e Guris à rapazes. Estes termos são utilizados culturalmente pela população gaúcha (sul-rio-grandense).

subjetiva com a terra, com a paisagem, com a cultura, as relações de confiança e interconhecimento e com as próprias relações de trabalho, postas à vista pela juventude em seus relatos orais e também nas expressões, no modo de falar, no olhar, nos suspiros e nos próprios silêncios – como nos provoca o escritor e sociólogo brasileiro José de Souza Martins ele que tem grande relevância para os estudos rurais – dos e das jovens rurais e que são fatores significativos para seus vínculos com o meio rural e seu modo de vida, interferindo, dessa forma, na escolha de permanecer no campo (BARASUOL, 2016). Aqui considero oportuno revelar que com o processo doutoral, pude reler minhas reflexões emergentes da pesquisa de mestrado e em contato com Michel Foucault avistei as identidades enquanto representações que em alguma medida são impostas, ou seja, a construção identitária não se dá de forma pacífica, ela é mediada pelas redes de relações de poder (FOUCAULT, 2014).

Com isso, atualmente considero que olhar para as juventudes requer o estudo cuidadoso das instituições presentes no seu contexto social – estas que não estão isentas de intencionalidades e nem mesmo se dão de forma pacífica (FOUCAULT, 2014) –, pois os discursos institucionais acabam, de alguma forma, influenciando as relações cotidianas e a construção individual do sujeito e seu universo simbólico. Ao perceber esse fator em minha investigação de mestrado, principalmente no que se refere à instituição familiar – pois esta tem um papel importante nas decisões dos e das jovens, assim como outras instituições: as cooperativas, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), prefeitura municipal, e a própria religiosidade, etc. –, resgato, nesta escrita em ação, a também necessária reflexão acerca das instituições cooperativas. Esta escolha foi estimulada por minha formação acadêmica de graduação no curso superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas⁹ nesta mesma universidade onde me aloco durante o processo doutoral, bem como por meu acompanhamento com as atuais discussões do cooperativismo

Aqui exponho que meu olhar, questionamentos e tensionamentos em geral sempre abarcaram as distintas formas e espaços cooperativos, observando e refletindo de forma ampla o(s) cooperativismo(s) (incluindo a Economia Solidária). No entanto, para esta pesquisa, foi necessário um recorte e para tanto, nesta escrita em ação refiro-me ao Sistema OCB que possui em sua estrutura três frentes que trabalham em conjunto: CNCOOP - Confederação Nacional das Cooperativas; OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras; e SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.

⁹ A formação ocorreu durante o período de 2009 a 2012, no Colégio Politécnico da UFSM, na Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Destaco que o sistema em sua origem surge de um movimento mundial cooperativista, que desponta “na Inglaterra no final do século XVIII ao mesmo tempo em que se dava o desenvolvimento do capitalismo industrial” que buscava uma outra via de desenvolvimento desvinculada dessa. No entanto, vale expressar que esta dissociação entre capitalismo e cooperativismo não caracteriza o que hoje se expressa em curso no movimento cooperativista, como assinalado por José Henrique de Faria (2009, p. 243) “o cooperativismo clássico deixou de ser um movimento de cooperação entre trabalhadores para se transformar em um empreendimento de sócios (associados) plenamente integrado ao sistema de capital e sob o comando deste”. Isso reflete inclusive em alguns representantes do sistema OCB, inclusive da ACI (Aliança Cooperativa Internacional) que assumem um discurso de um cooperativismo que se autointitula capitalista, operante de uma lógica neoliberal¹⁰.

Com isso, no contexto brasileiro esse movimento se consolidou ao final da década de 1960 a partir da integração na política econômica agrícola do país, ocasionando a organização da representatividade nacional, constituindo-se assim a OCB em 02 de dezembro de 1969 – SISTEMA OCB. Nesse sentido, atualmente, além de estar configurado enquanto sistema cooperativista, o mesmo, devido à sua origem, utiliza-se do termo movimento cooperativista referenciando a sua organização em todos os níveis (local, estadual, federal e internacional). Há que se salientar que a OCB se difere de outras organizações representacionais de cooperativas devido a sua institucionalização, afastando-se, em alguma medida, de movimentos sociais revolucionários, pois embora, desde sua emergência, apresente um caráter de “*natureza essencialmente contestadora*”, em seu transcurso após movimentações burguesas buscou-se a cisão entre cooperação e transformações sociais revolucionárias (FARIA, 2009).

¹⁰“O Estado, em relação à sociedade, tendo em vista seu papel de articulação, deve assumir uma face pública legível e legitimada, decorrente das formas como se organizam as forças políticas (Ansart, 1978). Neste sentido, o Estado Contemporâneo vem sendo identificado de acordo com esta nova face que assumiu após o que se denominou o fracasso do chamado Estado de Bem-Estar Social, do liberalismo e do keynesianismo, medido pelas dificuldades destes modelos de Estado em gerar crescimento e desenvolvimento econômico, ou seja, pelo esgotamento dos paradigmas. Esta nova face tem sido identificada como de natureza neoliberal, ou seja, um processo que ainda não se definiu precisamente como um modelo, e que retoma a concepção dos liberais acerca da intervenção do Estado na economia, ampliando, entretanto, seu escopo na medida em que procura extrair da experiência keynesiana, especialmente da socialdemocracia e do Estado de Bem-Estar social, algumas vantagens econômicas e sociais relevantes. Para Ramalho Neto (2004), o neoliberalismo é um processo em movimento e não uma essência; é antes um adjetivo do que um substantivo, razão pela qual se pode falar em um processo neoliberal. Neste sentido, o Estado tem se tornado refém do mercado. Para Ramalho Neto (2004) “uma coisa é a competição regulada pela lei. Outra coisa é a lei regulada pela competição”. Nas práticas de classe do Estado Contemporâneo, “a cidadania migra do indivíduo para o consumidor, pois o neoliberalismo não tem relação com os indivíduos, mas com os agentes econômicos”. O neoliberalismo, continua Ramalho Neto (2004), “é a dissolução do direito. Quando o Estado transfere suas funções sociais, como a previdência, a saúde, a educação e a infraestrutura ao setor privado, o direito é dissolvido. Assim, o Estado deixa de ser o ente político soberano para transferir esta soberania para o mercado””. (FARIA; FARIA, 2017, s/p.).

Dito isso, exponho que por inúmeros motivos, o caminho da investigação acerca do cooperativismo, havia deixado de ser o principal a ser trilhado por mim, embora seus tensionamentos me acompanhavam pelas estradas do conhecer, andavam com meus passos. Com o processo de amadurecimento ao deslocar-me, pude tensionar questionamentos inerentes a minha jornada conectada a cooperação e vislumbrar os paradigmas que delineavam minhas escolhas teóricas, metodológicas e epistemológicas. O constante afastamento que a ciência cartesiana e positivista trouxe historicamente, fazia com que meu olhar se tornasse confuso em muitos momentos acadêmicos e em ciclos pessoais. Pelo olhar dessa lente, era necessário o meu afastamento enquanto pesquisadora, no entanto isso gerava uma negação de mim mesma, do meu construir e estar pesquisadora, uma vez que isso estava a interferir e a influenciar diretamente minhas escolhas de pesquisa. Porém, quando escolhemos já fomos e estamos sendo afetados por nossas experiências, ainda que alguns campos da(s) ciência(s) digam buscar uma certa neutralidade na guiança da jornada de pesquisa (este revelar das afetações despontará em nosso próximo encontro quando poderemos dialogar com Jeanne Favret-Saada, Jean-Luc Mouriceau, Amábile Tolio Boessio, dentre outras e outros que se dedicam a temática dos afetos).

Bem antes de adentrar à vida acadêmica eu era atravessada pelos contextos cooperativistas em meu cotidiano. Filha de agricultora e agricultor familiar ouvia com frequência a respeito dos deslocamentos até a cooperativa de grãos e de suas assembleias. Quando um pouco maior, a partir dos 5 anos já acompanhava os períodos de plantio e colheita por diversão e com o caminhão antigo de meu pai (que até hoje é usado por ele) me deslocava para a entrega dos grãos na unidade da cooperativa. Além é claro, de nossos tradicionais “ranchos” (compra mensal) que eram feitos também no supermercado da mesma cooperativa, só que em outro município um pouco maior (com aproximadamente 12 mil habitantes) porém próximo de onde residíamos, uma vez que nosso município, antigo distrito desse, possui cerca de 3 mil habitantes e abrigava apenas a unidade de recepção de grãos que depois destinava aos outros centros maiores do estado sua produção.

Minha mãe e meu pai sempre muito atuantes na comunidade tinham suas inserções em cooperativas agropecuárias, de crédito e ainda associações de comunidade, bem como em instituições outras que permeavam suas relações de vizinhança e sua religiosidade. Não poderia deixar de citar suas presenças constantes em nossa vida escolar compondo algum conselho de pais, ou mesmo desenvolvendo atividades para o fortalecimento da escola pública. Também, filha de um pai vereador, desde meu primeiro ano de idade, e de uma mãe que assumiu a

presidência do Sindicato Rural das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais já durante minha adolescência – enquanto primeira presidenta do STR no município concluiu seus estudos de ensino fundamental e médio por meio do EJA – Ensino de Jovens e Adultos, os quais se viu obrigada a trancar durante a adolescência para trabalhar com seus pais – e um pouco mais afrente eleita como primeira vereadora do município (onde residi até meus 17 anos). Com esse contexto, seus desafios, amores e (des)sabores já se desenhava meu olhar para o coletivo, para a vida comunitária e para as relações sociais que permeavam meu cotidiano desde o nascimento.

Sempre inspirada e estimulada com discursos voltados à importância dos estudos em nossa vida, minha mãe e meu pai proporcionaram (e ainda oportunizam) aos meus dois irmãos e a mim, a busca constante por um estudo que resultasse em um futuro melhor para nós, não precisando assim reproduzir suas lutas passadas e dificuldades que experienciaram em suas trajetórias, tempos de “trabalho duro” e “árduo na lavoura”, sem qualquer maquinário como se avista hoje. Comunico isso, porque passei a perceber que as escolhas que me trouxeram aqui, são respingos de vivências anteriores que eu mesma não tinha condições de apreender (inclusive, continuo aprendendo sobre elas). E, também por conta disso, em 2009, com o suporte que me cabia pude me deslocar à Santa Maria, onde meu irmão mais velho, além de outros familiares já residiam e estudavam na Universidade Federal.

Era uma felicidade sem fim, e igualmente uma angústia constante pelo que me esperava, poder passar e cursar um curso técnico ou mesmo superior, pois os auxílios aos estudantes, incluíam até mesmo o lugar onde morar sem ter que custear o aluguel e contas básicas que muitos não tem condições de pagar, realidade que nos foi tolhida com o atual governo. Era um horizonte possível, para quem havia cursado todo o período escolar em escola pública, para quem não havia vivenciado em contextos eruditos e que tinham até mesmo dificuldade para encerrar a leitura de um livro, por conta do cansaço ao findar do dia recorrente das incontáveis atividades que a vida no meio rural exigia.

Meu ingresso na universidade se deu em época de expansão territorial do Ensino Superior pelo REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais)¹¹, eu que nem mesma me permitia pensar em possibilidades mais

¹¹ O programa teve “como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e com previsão de conclusão até 2012. As ações do programa contemplam o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que têm o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país. O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)”. Para saber mais: <https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni> .

avistadas pelos demais como por exemplo cursos mais concorridos (da área da saúde, das engenharias, relações internacionais, administração ou mesmo ciências sociais que foram minhas inclinações para concorrer durante o processo do PEIES (Programa de Ingresso no Ensino Superior)¹², pensava eu que precisava de algum curso que pudesse alcançar a aprovação que minha deficitária formação escolar oportunizava. Não havia estudado em escola particular, logo, minhas chances de ocupar espaços educacionais estavam reduzidos a cursos não tão desejados pelos demais.

E foi ali, em um vestibular extraordinário, que surgiu a oportunidade de me inscrever para o curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas. O grito de aprovação saiu por minha garganta sem que eu mesma percebesse o volume da minha voz, não porque eu estava fazendo um curso que sempre desejei, mas porque estava eu acessando a universidade e os novos caminhos que eu iria então percorrer. Nesta época, ainda menor de idade, pude adentrar diretamente a casa do estudante por estar tutelada pelos demais familiares que ali residiam, obtive acesso aos benefícios socioeconômicos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade, pude comer, pude dormir, pude experimentar o mundo de dentro da universidade pública, construindo relações impensadas antes por mim. Isso mexeu tanto com minhas lentes de enxergar e fazer mundo e experienciá-lo que me moveu a um retorno ao meu lugar, ao meu município de origem, a minha escola estadual onde havia cursado o ensino médio para compartilhar com as e os demais que o trilhar de outros horizontes eram possíveis. Que a nós também cabia o viver universitário! Que a nós era possível estar lá, em um lugar antes inimaginado ou tão distante que deixara de ser sonhado. Tantos foram os movimentos e tantas jovens e jovens rurais puderam trilhar esse caminho depois de mim, que hoje meu escrever transborda o compartilhar dessa experiência.

Com o ingresso na universidade, minha intenção de trocar de curso no futuro foi sendo convertida pelo profundo envolvimento no e com o cotidiano do cooperativismo e das experiências proporcionadas pela graduação, fui me conectando com os novos horizontes e percebendo que o caminho acertado se mostrava a cada passo do jornada. Neste momento tive contato com tantas experiências indescritíveis aqui (projetos de pesquisa e de extensão, mobilidade acadêmica, viagens de campo nacionais e internacionais, entre outras). No entanto, expresso, em especial, minha associação e participação na diretoria da cooperativa-escola, que na época era denominada COOPEASM (Cooperativa-Escola dos Estudantes em Agropecuária

¹² “Criado em 1995, o **Programa de Ingresso ao Ensino Superior (PEIES)**, foi uma modalidade alternativa de vestibular, seriada [...]. Entre as instituições de Ensino Superior do Brasil a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) é pioneira na implementação dessa forma de ingresso aos Cursos de Graduação” (UFSM, 2008, p. 8).

de Santa Maria Ltda.) alocada no até então Colégio Agrícola de Santa Maria e em convênio com a UFSM.

A partir do contato com a sua realidade prática e com os benefícios de cooperada, pude alçar voos que me levaram ao contato ainda maior com os contextos cooperativistas, foi por meio da cooperativa que pude viajar para o período de mobilidade acadêmica em Minas Gerais, no curso de Cooperativismo (bacharelado) na Universidade Federal de Viçosa, no primeiro semestre letivo do ano de 2011. Foi lá, que minha conexão com a Extensão Rural se estabeleceu de forma vibrante, pois em maioria as disciplinas cursadas estavam alocadas, ou mesmo vinculavam-se, ao Departamento de Economia Rural (DER). Professoras e professores da Pós-graduação em Extensão Rural eram responsáveis por essas disciplinas e suas reflexões me instigavam a perceber o rural e a ruralidade, bem como a juventude sob outras perspectivas. Saí dali, carregando certezas de novas direções que guiariam os próximos passos de meu caminhar.

Nesse momento, sem muito entender e apreender as afetações que a mobilidade estava causando em minha jornada, pude experienciar uma disciplina de Educação Cooperativista com a professora Nora Beatriz Presno Amodeo – na época ela se encontrava na coordenação do curso de Cooperativismo e com seu acolhimento amoroso viabilizou vagas em disciplinas como Antropologia Rural, Sociologia Rural, Desenvolvimento de Comunidades e Extensão Rural que até então não seriam cursadas por mim naquele semestre. Nora contribuiu significativamente para os estudos que permeavam as temáticas de desenvolvimento cooperativo, desenvolvimento rural, gestão social cooperativa e extensão rural. Com ela, foi possível, não só durante a disciplina, mas também no decorrer da jornada a partir dali refletir acerca da educação, bem como da comunicação cooperativista e sua relevância tanto para o movimento cooperativista como para o desenvolvimento das organizações cooperativas. Recordo-me até hoje de seu “portunhol”¹³ afetuoso que se fazia entender por meio de seus gestos, sorrisos e processos de ensino-aprendizagem. Por meio de sua existência, pude dar passos firmes em direção à uma educação emancipatória que sustentou o nascer das primeiras experiências cooperativistas. Mais tarde, durante o mestrado, também tive a oportunidade de vivenciar, em meio a tristeza, o ritual de finitude de seu corpo, não ao acaso meu afeto por ela e pelas experiências que me foram possíveis durante o jornadas reverberaram aqui nesta escrita em ação.

Já, mais adiante no caminho, após ter cruzado com os trilhos de Minas Gerais e ter experienciado os vários encontros que o mestrado em Extensão Rural me proporcionou, regresso à estação que me fez expandir meu caminhar acadêmico, retorno à universidade que me acolheu

¹³ Uma fusão linguística que mescla palavras e elementos fonéticos do português e do espanhol, Nora que era originária do Uruguai e estava no Brasil enquanto docente possuía essa característica na comunicação.

enquanto cotista de escola pública, agora mais amadurecida, para seguir os caminhos que o doutorado em Extensão Rural providenciaria. Dessa vez, em direção a um (re)encontro com os contextos e espaços de cooperação que antes me possibilitaram expansões de percurso (aqui reelaboradas brevemente), como também uma aproximação desta rota com as reflexões que me conectaram as juventudes e as ruralidades.

Foi durante o doutorado que pude questionar bases do pensamento e da construção da(s) ciência(s). Pude trilhar caminhos de desconstrução de um saber pré-estabelecido, universal e verdadeiro. Além disso, disciplinas como Teorias do Desenvolvimento e Extensão Rural Avançada (e outras) me possibilitaram a percepção das intencionalidades por detrás dos projetos de desenvolvimento em vigor a cada tempo-espaço. Pude conhecer e refletir com maior profundidade o papel das instituições nestes processos de desenvolvimento, em especial a participação das cooperativas e da expansão do movimento cooperativista no Brasil, ainda mais, conectadas ao campo. Sincronicamente, adentrei as reflexões da Licenciatura em Educação do Campo, ocupando uma vaga no curso em modalidade EAD (Educação a Distância) na própria UFSM. Ali, além de retomar debates importantes do processo histórico brasileiro que atravessa as ruralidades, também fui impulsionada a adentrar o transcurso da educação, as filosofias e epistemologias, bem como o movimento gerado pelos projetos desenvolvimentistas brasileiros e seus impactos na construção dos processos de ensino-aprendizagem, suas organizações curriculares, suas metodologias e epistemologias, seus direcionamentos e afastamentos, seus deslocamentos e aproximações.

No entanto, vale dizer que não foi só com a licenciatura que eu me aproximei dos tensionamentos acerca dos processos pedagógicos e educacionais, pois as reflexões sobre a educação me acompanhavam desde o início do tecnólogo quando este também me fazia enxergar estes lugares do saber e questioná-los. Já no curso de Gestão de Cooperativas e, ainda mais com a mobilidade acadêmica no curso de Cooperativismo, refletíamos a importância da educação para a consolidação do cooperativismo apontando para o relevante espaço que essa ocupava na experiência de Rochdale, em 1884, um bairro localizado em Manchester na Inglaterra. Essa é considerada uma experiência pioneira para o movimento cooperativista moderno. Uma cooperativa de consumo, Rochdale Quitable Pioneers Society Limited (Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale), pensada e organizada por uma mulher e vinte e sete homens, todos operários e em maioria tecelãs e tecelões que estavam sendo afetados pela

consolidação do sistema capitalista, dada a situação socioeconômica vivenciada historicamente com a Revolução Industrial¹⁴.

Desde aí, a educação foi basilar para a construção dos valores do que hoje compreendemos por cooperativismo e que refletem nos princípios cooperativistas estabelecidos posteriormente pela ACI, esses inspirados na experiência de Rochdale e que orientam mundialmente o movimento cooperativista e sua filosofia. Amodeo (2019, s./p.) em seus escritos nos comunica este compromisso das cooperativas para com a educação, uma vez que “as condições sociais da época restringiam o acesso à educação, excluindo amplas camadas da população. Conseqüentemente, o analfabetismo alcançava, particularmente, as classes mais pobres nas quais se encontravam os operários, que seriam os membros das cooperativas”. Não tão distante, podemos observar contextos atuais que se aproximam das situações postas no arranjo circunstancial de Rochdale e suas recorrentes reflexões acerca do papel, bem como do acesso à educação, formação e informação no movimento cooperativo.

A relevante incorporação da educação cooperativa, desde a primeira experiência moderna de cooperativismo, se revela na exigência de conter em seus “estatutos cooperativos a obrigatoriedade de um fundo especial para financiar as atividades educativas. Esse fundo se destinaria a construir uma institucionalidade onde os valores cooperativos tenham lugar e onde se permita desenvolver a atividade destas [...] baseada nesses valores”. Dessa forma, por ser considerada sustentáculo, a educação cooperativa na legislação brasileira tem alicerce, pois para cumprimento desse princípio criou-se a obrigatoriedade do FATES (Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social)¹⁵, “um fundo de reserva específico, alimentado principalmente com uma porcentagem das sobras do exercício e com as ganâncias das atividades realizadas com não sócios, e que deve ser destinado a atividades relacionadas com a educação cooperativa” (AMODEO, 2019, s./p.).

Dada a relevância expressa, a educação ocupa lugar de destaque (ou ao menos se propõe enquanto horizonte estrutural) nas reflexões acerca do cooperativismo. Em consequência disso, nossos espaços de tensionamento a respeito da temática desse princípio, envolvem

¹⁴ Processo iniciado no século XVIII, na Inglaterra, marcado por um processo de profundas e intensas transformações sociais e econômicas com bases no modo de produção industrial. Assim, “o cooperativismo, enquanto doutrina, teoria, sistema ou movimento associativista de trabalhadores, é um fenômeno moderno oriundo da oposição operária às conseqüências do liberalismo econômico praticado na Inglaterra e na França do século XVIII e XIX” (COSTA, 2007, p. 58). Para compreender melhor é possível a leitura proposta por Luciano Souza Costa, em *O cooperativismo: uma breve reflexão teórica*. Publicado no periódico Ciências Sociais em Perspectiva Ciências Sociais em Perspectiva, número 6, volume 11, do 2º semestre de 2007.

¹⁵ Conforme ordenado no inciso II do Artigo 28 da Lei 5.764/1971 nas sociedades cooperativas é obrigatório a formação de Reserva FATES. A Lei é de 16 de dezembro de 1971 e define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Para saber mais: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15764.htm

direcionamentos de horizontes sobre a educação e os passos que são necessários para se chegar ao caminho avistado. É por isso, também, que desde a graduação, estou a me (re)conectar com Paulo Freire, uma vez que lá debatíamos sobre qual educação cooperativista almejávamos (e que continuamos a desejar e esperar). Hoje olho para o meu caminhar e percebo que Freire andava comigo, junto em meus passos inclusive cooperativos, (re)direcionando ações e escolhas, desenhando caminhos e trajetórias.

Outra experiência que pude vivenciar durante o processo doutoral e que me possibilitou novos encontros de reflexões, bem como desconstruções do pensar foi a Escola de Verão – *Escuela de Verano “Procesos asociativos rurales. Desarrollo, tierra, producción y redes de consumo”* – organizada pelo Sector Cooperativo y Economía Social y Solidaria, do Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio (SCEAM), da Universidad de la República (UdelaR), e, também pelo Comité Académico de Procesos Cooperativos y Asociativos (PROCOAS), da Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), em articulação com docentes da Universidad Nacional del Nordeste, Argentina e da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Por uma semana, jornadeando coletivamente por estradas, rodovias e trilhas no Uruguai, fui convidada a repensar os contextos cooperativistas para além do contexto brasileiro e intercambiar conhecimentos e experiências de cooperação latino-americanos. Pude conhecer e apreender sobre as diversas formas de cooperação que nascem das relações sociais e os caminhos encontrados para sua consolidação, não só com o ver, mas com o sentir e vivenciar do cotidiano desses lugares por onde foi possível passar. Ali pude estar no mundo, a partir de novas percepções e aonde, também, pude (re)afirmar meu compromisso com os diversos contextos cooperativistas em minhas pesquisas, aprofundando as reflexões que já estavam desassossegadas em mim, resultando, após, nos escritos para a qualificação.

Entre os encontros e desencontros do doutorado, me conectei a mais um caminho que se apresentava aos meus passos, fui então experienciar a docência em regime temporário no Tecnólogo em Gestão de Cooperativas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no campus de São Lourenço do Sul. Uma descoberta de mim, enquanto acadêmica e docente, um movimento que me fez ocupar outros lugares e reconhecer novas lentes de mundo. Na universidade fui recebida pela Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária INEESOL, onde participei de seus estudos e reflexões no processo do seu pensar identitário e de suas incubações. Mais um momento de encontro com o amadurecimento intelectual que me

fez (re)direcionar rotas e escolhas, inclusive éticas a respeito do meu agir, enquanto docente e doutoranda.

Minha caminhada na FURG suscitou, ao fim de 2019, em fecundo encontro com o professor José Henrique de Faria e com suas reflexões a respeito de *Gestão Participativa, Poder e Trabalho* em contextos de cooperação, essa consonância foi possível em decorrência da IV Semana Acadêmica do curso de Gestão de Cooperativas. Um contato inesperado com as redes reflexivas que permeiam os Estudos Organizacionais emergiu ali, em um arranjo argumentativo consistente e coerente, Faria – que é docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador nas áreas de Economia Política do Poder em Estudos Organizacionais e de Epistemologia Crítica do Concreto, Metodologia e Teoria¹⁶ – além de nos possibilitar a reflexão de questões do nosso tempo, nos colocou em conversa com outras experiências, inclusive internacionais de organização comunitária, associativa, coletiva e solidária. Rememoro uma instigante provocação durante sua fala, em 2019, na semana acadêmica, quando transmite que “se perdermos o olhar crítico em relação as organizações e a sociedade, perdemos a oportunidade de transformá-las”, intervenção essa que ecoou em meus processos pessoais de reflexão, fortalecendo alguns passos do caminhar. Para minha surpresa, ainda pude compartilhar de um jantar agradável em sua companhia, dialogar sobre questões metodológicas e de ensino-aprendizagem na pós-graduação, recordo-me de sua gentil e observadora presença, que buscava conexão com as histórias e experiências presentes naquele espaço. Suas afetações desaguaram futuramente na disciplina do doutorado de Sociologia das Organizações, quando pude (re)ler e apreender mais sobre suas pertinentes reflexões, em particular a respeito da Gestão Cooperativa de Caráter Limitado, essas que aparecem refletidas no transcurso deste texto, uma vez que estão associadas ao movimento cooperativista em questão.

A docência me possibilitou o aprofundamento dos caminhos do saber e das reflexões a respeito das metodologias que guiavam minhas pesquisas, uma vez que uma das primeiras disciplinas pelas quais fui responsável nesse período foi justamente *Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Cooperativismo*, recordo-me com carinho do trajeto que construímos em sala de aula ao resgataremos a origem da ciência e ao refletirmos sobre a Ética que rege nossas pesquisas. Outro encontro inesperado foi a disciplina de *Ramos do Cooperativismo I* que pude compartilhar e construir com a colega (na época docente e doutoranda) Amábile Tólio Boessio, agora já em regime de ensino remoto em decorrência da pandemia que atravessou nosso

¹⁶ Também membro fundador da Red de Estudios Organizacionales de Latinoamérica, líder do Grupo de Pesquisa Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais - EPPEO, UFPR/CNPq (desde 2002) e Fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais - SBEO.

cotidiano nos exigindo posicionamentos antes impensados, ali pudemos jornadas pelo processo histórico do cooperativismo moderno e (re)conhecer os caminhos que sustentaram a organização representacional de cada ramo do cooperativismo atualmente (com foco no sistema OCB). Não sem motivo, expressei tais encontros neste andarilhar, mesmo consciente de outras afetações que poderiam ser aqui compartilhadas, partilho essas movimentações, pois se avistarem nesta escrita tais direções em sua composição, serão percebidas as passagens por estes caminhos e sua atuação nesta conversação.

Com esse experimentar, percebia que minha atuação enquanto docente, pesquisadora e doutoranda não estavam desvinculadas, assim fui lapidando meus valores que compunham a ética que orientava minhas ações e, aos poucos, apreendi minha movimentação de imersão no mundo, não mais, apenas, de adaptação como nos ensina Paulo Freire. Em vista disso, compartilho parte de sua última entrevista à Rádio Cidadania (1997)¹⁷, ele que nos presenteia com sua reflexão acerca da diferença entre adaptação e imersão no mundo:

[...] a adaptação no ser humano é um momento apenas para o que eu chamo a sua, ou da sua, inserção. Qual é a distinção que eu faço entre adaptação ao mundo e inserção no mundo? A distinção é a seguinte, é que na adaptação há uma adequação, há um ajuste do corpo a condições materiais, históricas, sociais, geográficas, climáticas, etc.. E na inserção o que há é a tomada de decisão no sentido da intervenção no mundo, por isso mesmo eu recuso qualquer posição fatalista, diante da história e diante dos fatos. Eu não aceito por exemplo, expressões como: É uma pena que haja tantos brasileiros e tantas brasileiras morrendo de fome, mas afinal a realidade é essa mesma. Não! Eu recuso, como falsa, como ideológica essa afirmação, nenhuma realidade é assim mesmo, toda realidade está aí, submetida a possibilidade de nossa intervenção nela. [...] Posição crítica de quem se assume como sujeito da história revela a superação da posição inicial da adaptação, da adequação, inclusive como uma forma de defesa. Pra mim, uma das preocupações minhas, uma das razões de minha luta, uma das razões de minha presença no mundo é exatamente a de que como educador eu posso contribuir para uma assunção crítica da possibilidade da passividade, para que se vá além dessa passividade, no que eu chamo de posturas rebeldes e de posturas criticamente transformadoras do mundo.

Neste espaço-tempo da caminhada, estava assumindo minha posição crítica enquanto sujeito da história, estava reconhecendo minhas razões de lutas diárias nos contextos cooperativistas, nas ruralidades, com as juventudes e mesmo enquanto feminista. No entanto, em meio a experiência docente que me atravessava a partir do findar de minhas disciplinas no doutorado, eu precisava findar a escrita da qualificação, que também precisou ser prorrogada por questões de saúde mental, um dos meus desencontros, ou talvez (re)encontros, no caminhar. Por diversos momentos, como já avistado sem demora no trilhar doutoral (e em seus desmembramentos, em seus desencontros) desencadeou um desarranjo profundo de minhas

¹⁷ Disponível em: <https://www.radiocidadania.com.br/blog/2011/09/19/paulo-freire-ultima-entrevista/> . Acesso em 05 out. 2021

construções até então estabelecidas e eu fui obrigada a reduzir os ritmos e recalcular as rotas da trajetória, para então seguir com passos firmes e confiantes nas escolhas que me eram exigidas a partir dali. Caminhos que antes eram enxergados por mim, não eram mais opções no caminhar e eu precisava caminhar em direção a novos sentidos.

Movida por tantas reflexões no percorrer do caminho intencionava, no projeto de qualificação, uma compreensão da dinâmica das percepções, subjetividades e experiências das jovens associadas ou egressas das Cooperativas Escolares em contextos rurais do Rio Grande do Sul, em especial na Serra Gaúcha, região em que atualmente está constituída a Federação das Cooperativas Escolares¹⁸. As Cooperativas Escolares representam um projeto educativo – pois são associações de estudantes que desenvolvem atividades econômicas, sociais e culturais com finalidade educativa –, estas absorvem alunos das redes municipal e estadual de ensino fundamental e médio nos municípios, tanto do meio rural quanto de áreas urbanas do estado, um significativo potencial para fortalecer os vínculos e valores cooperativistas, bem como um espaço de construção e estímulo de participação para as e os jovens assumirem, futuramente, cargos de gestão em outras instituições, como nas próprias organizações cooperativistas.

Além disso, intentava também a observação da complexidade dos diversos fatores envolvidos nesse espaço (ambiente, trabalho, laços familiares e sociais, e a relação com as instituições), e buscava destacar a influência destes na construção das percepções e experiências que se dão na sociabilidade das relações cotidianas. Nesse sentido, já caminhava na direção do tensionamento das relações de gênero, observando os processos de construção histórica do meio rural (e não só desse espaço de vida), onde a produção e a propriedade de terra indicam um espaço masculinizado, o que reflete a exclusão da mulher no processo produtivo, tornando-as, muitas vezes, meras coadjuvantes da construção e reprodução histórica. Já na época da qualificação, motivações importantes que me guiavam no trilhar deste caminho revelavam os lugares sociais que meu corpo estava se apropriando, bem como as reflexões e (des)construções refletidas no caminhar. Indicava naquele momento que minhas passagens se dariam nas

¹⁸ Destaco que pelo fato de as Cooperativas Escolares constituírem um projeto educativo elas estão amparadas pela Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Lei nº 5.764 de 1971 que regulamenta as cooperativas brasileiras. Nesse intuito, no ano de 2012, em Nova Petrópolis na Serra Gaúcha, por meio do incentivo da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis foi constituída por 12 cooperativas escolares a Federação de Cooperativas Escolares (FECOOPES PIONEIRA), na qual cerca de 700 alunos estavam associados. Cabe destacar o significativo aumento dos e das estudantes associados/as, uma vez que atualmente 28 cooperativas integram a federação. É interessante expor, ainda, o discurso do presidente da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, Márcio Port, no ato da constituição da Fecoopes Pioneira (2012), destacou que “além de despertar o interesse dos jovens para o cooperativismo, estamos também estimulando o surgimento de novas lideranças. Independentemente de estes jovens continuarem no cooperativismo após saírem da escola, teremos em nossas comunidades cidadãos mais conscientes e com espírito de trabalho comunitário/associativo” (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2019).

estações apontadas, primeiro porque sou mulher e venho do meio rural e segundo, porque sou jovem e confesso, não tinha lugar e espaço “no meu próprio lugar”, foi preciso sair para ser vista, ser reconhecida...

As viagens sempre nos reservam surpresas, por maiores que sejam as certezas dos trajetos não temos o controle de quem e o que encontraremos pelo caminho, contudo nos resta após o caminhar as memórias desses encontros inesperados que puderam tornar o trilhar e conhecer únicos, capazes de serem compartilhados. Aqui, uma das surpresas que despontou no horizonte doutoral, no período da qualificação, foi o texto parecer da professora Sheila Maria Doula, professora aposentada da Universidade Federal de Viçosa - UFV, onde foi membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa e Coordenadora do Observatório da Juventude Rural/UFV. Ela que jornadeou caminhos mineiros comigo durante o mestrado. Seu viver antropológico, sensível e experiente, resultado de seu caminhar pessoal teve efeitos diretos em meu andar, me proporcionando o amadurecimento reflexivo para com o “outro”, para com o estar com o “outro” e para o olhar de meu lugar em relação a esse “outro” no pesquisar (a inter-relação do eu e do outro e do eu com o outro).

Com a fala, e interpelação, de Sheila passei a entender um pouco melhor o que me movia ao estudo na época, minhas orientações políticas, bem como meu exercício e construção de lugar de fala. Ao indicar em sua arguição em 2019 que, “ainda há um espectro enorme de silenciamentos, sobretudo das jovens rurais que, como ela [aqui neste corpo-texto, eu que voz teço esta escrita], ainda se questionam sobre seu espaço como sujeitos nas arenas decisórias” me revelou um pouco mais de mim por meio de suas palavras e confirmou a expressão de minha conduta que se desvela nesta escrita em ação: “questionar as diversas e persistentes formas de exclusão”.

Pude perceber com a arguição de Sheila que ao olhar para as juventudes, tratando-as no plural de sua diversidade, também poderia fazê-lo na pluralidade das institucionalidades, em especial as educacionais e cooperativas, refletindo seus diversos arranjos de reprodução social. Ali entendi também, que meu foco investigativo não estava na sucessão da propriedade familiar, como indicado por mim na proposta de qualificação. Eu estava insegura com as palavras, e Sheila com sua sensibilidade e atenção para com elas, bem como para com minha estrutura argumentativa textual, soube ler e apreender minhas intenções de caminhada, que ainda pareciam um tanto nebulosas ao meu visualizar. Pelas lentes emprestadas percebi pulsante o

caráter educacional e formativo que orientava meus passos e aproximava as instituições que me movimentavam o pesquisar.

Além disso, com a chegada da primeira onda da pandemia por coronavírus no Brasil, em março de 2020, muito precisou ser revisto e mais um balanço precisou ser elaborado. Justo neste momento, quando estava prestes a me colocar em movimento, conhecer as jovens, explorar as histórias, conhecer mais do que havia me proposto até o momento da qualificação. Precisei parar, reorganizar o caminhar de onde eu estava, e dar tempo... entender os caminhos que ainda não eram possíveis de serem visualizados. Não foi possível seguir, logo, a rota e o andar precisaram ser revistos e reestruturados.

Neste momento meu corpo pedia pausa, pois culminava ali, também, colapsos psíquicos que eu não podia mais esconder, nem de mim mesma. A tirada de lugar me jogou de frente para questões emocionais e psíquicas, não elaboradas, que como um vulcão em erupção, queimavam meu pensamento e tudo que ele tocava. Nesse decurso, as prorrogações de prazo, em decorrência dos quadros de ansiedade e depressão, além de transtornos outros que só agora ao findar do doutorado estou entendendo um pouco melhor, foram necessárias para que eu pudesse continuar. Com acompanhamento psicológico segui, e tive um alento quando pude descansar e nutrir os sentidos. Parafraseando Rubem Alves que me trouxe conforto em muitos momentos por seus escritos, “o sofrimento prepara a alma para a visão de coisas novas” e eu estava a preparar um novo caminho para mim mesma, para minha escrita.

Nesse processo, tantos passos foram revistos, inclusive uma troca de orientação ocorreu, estava eu, agora, em um outro novo lugar, que precisava ser (re)conhecido e experienciado. Para minha sorte, o caminho foi de acolhimento, fui reconhecida enquanto sujeito e pude ser ouvida, inclusive em minhas dores que traziam misturas de profundas reflexões, assim o caminho foi seguindo leve e com liberdade criativa. A autonomia me proporcionou encontrar conhecimentos em minha trajetória, resgatar o que antes era desvalorizado e que por vezes me traziam sofrimento neste caminhar. Essa nova configuração fez-me encontrar potência no novo caminho que seguia. Com isso, meu andar se afastou de caminhos que persistiam nos horizontes já conhecidos, escolhi nova estação embarcar, novos caminhos percorrer.

No momento da qualificação da pesquisa, pulsavam em mim mais questionamentos do que escolhas investigativas concretas. Assim, entendia que naquele espaço-tempo era guiada pela incerteza dos contextos históricos e teóricos e movida pelo comprometimento em dar visibilidade a essas jovens, moças, mulheres. Indagar sua (in)visibilidade perante a família e ao movimento cooperativista, questionar se havia reconhecimento e respeito do seu espaço, e ainda mais, refletir se havia espaço, e como isso se dava para as jovens que ocupavam lugares de

gestão em ambientes educacionais e cooperativos. Tensionamentos esses, que me acompanharam de uma forma ou outra, guiando meus passos depois dali. Nesse momento, já sentindo os lutos que a pandemia trouxe, com mais de 300 mil mortes notificadas por COVID19 e sem a previsão de quando e em quanto tempo a população brasileira seria vacinada, ou mesmo quando poderíamos retornar as atividades presenciais, fui obrigada a reconhecer que a possibilidade de pesquisa em campo, com as jovens da Serra Gaúcha, vinculadas ou egressas das cooperativas escolares, não iria acontecer.

Aqui, meu desencontro incontrolável pelo que acontecia mundialmente fez-me parar em frente aos trilhos e as estações. A angústia que habitava meu cotidiano por não saber o que se daria a partir dali era mesclada com as dores geradas ao ver, diariamente, milhares de corpos mortos, histórias que se findavam. Como seguir com a pesquisa? Quando a sobrevivência do corpo é uma necessidade urgente? Coloquei-me de novo a tensionar, não só a respeito das vidas ceifadas pela e com a pandemia, mas também sobre todos os corpos que são mortos cotidianamente por sua irreconhecibilidade. Em meio a estes desencontros, avistei gradativamente uma estação que já havia embarcado antes, lá em 2009, 2010... quando na graduação. Essa que retornou na vivência docente, na disciplina de *Ramos do Cooperativismo I*, quando focávamos em conhecer as experiências de cada ramo, particularmente, a experiência de uma cooperativa-escola, antes vinculada ao Ramo Educacional, que então se desmembra a partir de uma reestruturação representacional do sistema OCB, e passa a ocupar o Ramo Agropecuário nesse período (a partir de 2019). Pulsavam questionamentos e incertezas a respeito destas transformações, e percebi ali um (re)encontro, que se dava com a ex-presidente e a atual presidente¹⁹ da cooperativa. Duas jovens que, criticamente, estavam ocupando lugares de gestão na Cooperativa-Escola CESPOL (Cooperativa-Escola dos Estudantes do Colégio Politécnico), essa que figura um projeto de educação cooperativista, pois trata-se de um órgão suplementar da instituição de ensino, sendo ela vinculada diretamente ao Departamento de Ensino do Colégio Politécnico da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) e “que tem a finalidade de proporcionar aos educandos conhecimentos e vivências sobre o sistema cooperativista”²⁰.

¹⁹ Uso o termo presidente (e não presidenta), pelo fato das jovens, assim utilizarem-no em suas narrativas. Porém, reconheço a relevância na utilização da flexão de gênero para tal ocupação, que muito recentemente passa a ser ocupada também por mulheres.

²⁰ Trecho dos Artigos 45 e 46 do Regimento Interno do Colégio Politécnico da UFSM a respeito da SEÇÃO II - DA COORDENAÇÃO DA COOPERATIVA-ESCOLA. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/405/2021/04/Regimento_Cole%CC%81gio_Polite%CC%81cnico.pdf. Acesso em: 08 out. 2021.

Observei que já estava transbordando em mim todos os questionamentos que antes haviam sido semeados após a qualificação. Queria saber mais sobre essas jovens, sobre essas histórias e sobre todas as outras que já haviam ocupado a presidência da cooperativa-escola. Coloquei-me novamente em movimentação, queria saber se existiam outras experiências como essa, foi aí que encontrei apenas uma outra cooperativa-escola registrada na OCB no Rio Grande do Sul, no Ramo Agropecuário. Prontamente entrei em contato com as instituições de ensino, sabia o caminho que meu corpo deveria percorrer. No entanto, as surpresas nos auxiliam o caminhar e meu trilhar só poderia ser feito com as jovens que cruzaram antes o meu jornadaar, visto que a segunda instituição encontrada por mim, talvez em decorrência do contexto pandêmico, não foi possível o contato.

Aceitei o que pulsava da própria tese-caminhante e fui (re)conhecer a cooperativa-escola, a instituição na qual estava alocada, quais eram as jovens que haviam passado por ali e quais eram suas histórias. Justo eu, que também havia ocupado um lugar na gestão nesta cooperativa durante a minha formação acadêmica. Ali, deixei transbordar os questionamentos e reflexões acerca dos processos formativos e educativos (formais e informais) que as instituições possibilitam (enquanto tese-semente a intenção desta escrita começa a germinar).

Durante o processo de qualificação a professora Maria Catarina Chitolina Zanini, Coordenadora do NECON/UFSM (Núcleo de Estudos Contemporâneos) e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UFSM, trouxe-me também reflexões importantes para o repensar e reelaborar de alguns caminhos. Com sua sensibilidade antropológica colocou em perspectiva a importância de observar outras linguagens como a corporalidade, os gestos e as “atitudes”, algo que já desejava antes mesmo de construir o projeto de pesquisa. No entanto, os caminhos nos levam para algumas encruzilhadas e muitas vezes não é possível apreender as complexidades do caminhar, como tal se apresentam. Assim, embora meu trilhar expresse a corporalidade desta pesquisa em ação, de quem a compõe, ou mesmo das institucionalidades que se mostram, acabo optando por observar e refletir as narrativas contadas pelas jovens, uma vez que, o cenário pandêmico exigiu outras reconfigurações e as mediações da pesquisa passaram a ser virtuais e digitais, não podendo apreender a integralidade dos corpos, em especial, presencialmente em outros ambientes.

Ao seguir nosso percurso, é importante atentar que as instituições, como poderemos apreender no decorrer do caminhar, são criadas para proteger e incentivar determinados princípios e valores sociais, morais e culturais. Assim, considerando que as representações sociais, imagens, discursos/narrativas e práticas circulantes na sociedade sejam moldadas,

sancionadas ou modificadas pelas diversas instituições sociais, notadamente as de caráter educacional e formativo (aqui focalizando escola e cooperativa-escola), questiono-me a partir da intervenção de Sheila, se estas instituições valorizam ou não, explícita e integralmente, a igualdade, equidade ou assimetria de gênero. Isto posto, a forma como as instituições representam a equiparação de gênero é o ponto de intersecção entre elas com vistas ao reconhecimento, no discurso e principalmente nas práticas, das jovens como detentoras de direitos.

Observar e refletir os processos de formação, tanto informais em espaços privados quanto formais em espaços públicos, considerando a problematização ou não das instituições acerca da igualdade de gênero, traz um caminhar investigativo distinto, fundamental e inadiável. Dos silenciamentos e invisibilidades que cobrem as juventudes, em especial as em contextos rurais e cooperativos, observo que os espaços formativos e educativos não têm recebido de pesquisadoras e pesquisadores a devida atenção, embora alguns processos investigativos tematizem a função formativa, as influências das mídias sociais na (re)configuração dos imaginários e práticas juvenis é fato que espaços tradicionais de formação, como a escola e a cooperativa-escola por exemplo, têm escapado ao radar desses estudos.

Ainda que tenhamos uma quantidade expressiva de pesquisas acadêmicas evidenciando como a facilidade dos trânsitos rurais-urbanos/urbanos-rurais influenciam a visão de mundo dessas juventudes, possibilitando a adoção de outros valores culturais, interessa saber o papel das instituições que atuam nesses espaços quanto à formação pessoal e subjetiva das jovens. Além disso, se tais instituições são flexíveis ao inserirem em suas pautas formativas e pedagógicas os grandes debates da contemporaneidade, como as relações de gênero. Como pesquisadora do cooperativismo, me questiono se a educação cooperativista (como disseminadora de valores e ideais como a cooperação, democracia, a horizontalidade nas formas de gestão e governança, dentre outros) estaria propondo avanços (discursivos e práticos) relativos à diminuição da desigualdade de gênero, em consonância com seus ideais mais amplos. Se sim, essa educação cooperativista entraria ou não em conflito com a educação em âmbitos privados que também são plurais e flexíveis?

Igualmente reflexiva com as contribuições manifestadas na qualificação, tensiono aqui se a cooperativa-escola seria, de fato, um lócus de (des)construção de representações sociais, historicamente construídas e herdadas, sobre as relações de gênero, e ainda se sim, como isso se dá? Questiono-me ainda se essa, assim como o espaço institucional e seus arranjos onde está alocada, tensionam, camuflam ou silenciam a respeito das assimetrias de gênero, para além, em

meio a esses processos educacionais e formativos provindo de distintas fontes, como se posicionam e agem as jovens mulheres? Quais as afetações e repercussões na construção de suas narrativas pessoais?

Após alguns respiros pelo caminho de pesquisa, notoriamente percebi com o desdobrar da qualificação, que o que me fazia caminhar eram os processos de educação e formação, sejam eles formais ou informais. A educação me movia, mas não se tratava de qualquer educação, uma vez que a cooperativa-escola também é a expressão de um projeto de educação cooperativista, bem como um projeto pedagógico da instituição na qual está atrelada. Na mesma época da qualificação, havia assumido recentemente o contrato como professora substituta na FURG, encontro esse que eu já pude rememorar aqui previamente. Uma experiência que me deslocou do lugar de aprendiz para o lugar de quem em conjunto com, produz processos de ensino e aprendizagem. Mais um momento crucial aos meus sentidos, o cenário exigiu de meus valores éticos revisão e, então, percebi com o estar em sala de aula, que não me cabia um formato “depositador” como Paulo Freire nos faz refletir sobre a ação, um “transferidor” de conhecimento. Não cabia a mim reproduzir o que antes criticava em meus professores e minhas professoras, era necessário ocupar um lugar que ainda precisava ser construído e amadurecido, e que talvez ainda precise.

Nesse momento me encontrei sem ter outra opção a não ser proporcionar espaços de alegrias e reflexões, trazer questionamentos, construções coletivas e contatos com o cotidiano das e dos estudantes. A primeira coisa que fiz ao adentrar a sala, ainda insegura pelo novo lugar de fala, foi contar minha história, me posicionar, assim como o faço para você aqui nesta conversação. Indiquei que meu caminho se dava dentro da construção coletiva dos sentidos e significados, que para mim não se tratava de trazer apenas um conteúdo e despejá-lo aos corpos, corpos esses que passaram o dia em trabalho e que possivelmente já estavam cansados de sua rotina diária exaustiva. Não queria eu ter uma sala de aula sonolenta e sem vida. Queria sim, corpos vivos e estimulados e que os aprendizados não fossem medidos em uma corriqueira prova final de semestre. Queria aprender com cada uma e cada um, no e com o processo, permiti-me então, aos poucos, ir caminhando nesta direção.

Com Jean-Pierre Deslauriers e Michele Kérisit (2010, p 133), quando estes refletem sobre o delineamento da pesquisa qualitativa – a qual explicitamente guia meu processo metodológico –, “a tradição da pesquisa qualitativa frequentemente insiste no caráter pessoal dos trabalhos. O envolvimento do pesquisador em seu objeto é, portanto, emocional e constituiria o ponto de partida”. Aqui, também, alinhada à Paulo Freire, entendo que as jovens e mulheres são sujeitos da pesquisa e não objetos, pois somente os sujeitos têm condições de

conhecer e apreender a realidade, além disso, enquanto sujeitos da pesquisa, as jovens mulheres também são produtoras de conhecimento, sendo assim minhas parceiras nesta escrita, como já pude atentar anteriormente com as reflexões de Chirley Mendes endossadas na tese de Amábile Tólio Boessio.

Aqui, entendendo importante retomar o objetivo que compunha o projeto de qualificação, este que almejava compreender os processos de reconhecimento institucional das jovens rurais associadas ou egressas das Cooperativas Escolares vinculadas à FECCOOPES PIONEIRA – Federação das Cooperativas Escolares do Brasil – na gestão das cooperativas da Serra Gaúcha, bem como na sucessão da propriedade familiar; para então indicar os novos quereres desta jornada que se transformou ao caminhar, uma vez que ao iniciar a caminhada (teórica e empírica) não carregou como pretensão uma definição concisa de trajetórias teóricas à partida, o que empenho é a construção e elaboração reflexiva sincrônica ao mergulhar no campo da pesquisa empírica. “Em resumo, a pesquisa qualitativa geralmente evita tomar como ponto de partida uma teoria simplificadora, da qual a realidade se tornaria escrava: a teoria é vista como um mapa marítimo, e não como uma via férrea” (DESLAURIERS; KIRISIT, 2010, p. 137).

Assim, levando em conta tal horizonte, esta caminhada investigativa busca refletir acerca das trajetórias das jovens mulheres, a diversidade de influências no cotidiano desses sujeitos e, ainda, a pluralidade das transformações e (re)configurações do meio (educacional e cooperativo) que permite às jovens (re)ver, (des)construir, (re)construir e, ainda, (co)criar percepções e valores que orientam as decisões pessoais, assim como suas subjetividades e afetos.

Em síntese, na travessia busquei, mediada por experiências contadas pelas mulheres presidentes da Cooperativa-escola do Colégio Politécnico da UFSM, tecer narrativas, refletindo em que medida há espaço institucional para a atuação de jovens mulheres em espaços de poder e como se constroem as narrativas de si, atravessadas pelas experiências em ambientes educacionais e cooperativos. Tal feito que podemos alocar como o objetivo geral dessa investigação.

Em vista disso, meu olhar capta fundamentalmente as narrativas de si, contadas por essas jovens e mulheres, compreendendo como estas permeiam, ou não, ambientes institucionais historicamente masculinizados, além de observar como estas jovens dialogam com as complexidades desses espaços institucionais em suas vidas cotidianas, bem como na construção de suas existências. Para mais, debruço meu esforço reflexivo e comunicativo, nas

vinculações e interações com tais sujeitos, espaços e instituições abrindo-me para suas afetações, procurando compreender seu cotidiano, percebendo o seu ver e agir no mundo.

Nesse sentido, retomo também o que já me acompanhava na feitura do até então projeto de qualificação, visto que ao pretender abarcar a complexidade envolvida nos quereres intencionados nesta tese apoio-me, aqui, na pesquisa qualitativa como suporte teórico-metodológico. Onde o caráter qualitativo dos estudos é empregado pela alta complexidade dos problemas investigados, além de estar relacionado com o espaço mais profundo das relações sociais, envolvendo um universo múltiplo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, enfim envolvendo processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização quantitativa de variáveis (MINAYO, 2001). Como nos comunica Antonio Chizzotti (2003, p. 221), ao explorar a evolução da pesquisa qualitativa, esta forma de investigação refere-se à “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos [e sujeitos] de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Assim, embora se tenha reconhecido os primeiros passos deste jornada, o caminho vai sendo construído no processo de fazer e construir a pesquisa. Como já dito por Maria Cecília de Souza Minayo (2010, p. 1999), pesquisadora e socióloga brasileira, “investigar é um labor científico e não apenas tecnicismo. A dialética entre técnica e criatividade é o tempero da boa pesquisa”. Isso significa que nós pesquisadoras e pesquisadores integramos o processo investigativo, pois nossas relações e experiências afetam e constituem sua habilidade investigativa; quando conhecimentos, experiências e criatividade se complementam, há um novo ‘fazer ciência’. Nesse sentido, aflora-se a relação entre sujeitos – aqueles e aquelas que iniciam o processo de pesquisa com quem compõem a escrita ao decorrer da construção investigativa. Contudo, para além de um conjunto de técnicas aplicadas em campo, essa abordagem requer, expressa e reflete o olhar investigativo, especialmente, criativo de quem andarilha com as intenções que movem os passos iniciais da pesquisa (DAMASCENO; SALES, 2016; MINAYO, 2010).

Ao findar esses passos iniciais no encontro com a caminhada, inspiro uma parada para que sejam avistados os caminhos a serem percorridos em seguida, aqui, neste corpo textual. Ao observar os diversos trajetos possíveis, escolho avançar em direção aos sentidos, para que seja possível vislumbrar os deslocamentos do percurso paradigmático, teórico e metodológico em nosso andarilhar (próximo encontro 2.2). Depois disso, daremos passos coletivos, em direção as narrativas e escritas de si, contemplaremos os detalhes da construção desse caminhar investigativo e empírico, bem como seus destinos nesta escritas que agem (encontro 2.3). Após

esta estação nos lançaremos a outros destinos, andando por outros caminhos e conhecendo outras estações reflexivas. Passaremos por uma contação coletiva da cooperativa-escola (na terceira estação), bem como por valorosos encontros com as jovens mulheres e suas narrativas (na quarta estação) que nos possibilitará cíclicas reflexões (na quinta estação) desaguando em lugares de chegada, mas também de novas partidas (na torna-viagem). Seguimos nossas andanças, te convido a comigo permanecer.

2.2 CAMINHANDO EM DIREÇÃO AOS SENTIDOS: O PERCURSO PARADIGMÁTICO E TEÓRICO-METODOLÓGICO EM DESLOCAMENTO

Não quero lhe falar, meu grande amor
De coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida de qualquer pessoa

Por isso, cuidado, meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal está fechado pra nós
Que somos jovens [...]

Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada com uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação
Eu sinto tudo na ferida viva do meu coração

Já faz tempo, eu vi você na rua
Cabelo ao vento, gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança é o quadro que dói mais

Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências não enganam, não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando

Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem [...].

(Como nossos pais - Composição de Belchior e eternizada na voz de Elis Regina)

Hoje o sol despontou cedo no horizonte, as águas e as chuvas que me acompanhavam ao entrar da primavera já estão dando espaço ao calor que faz o anúncio do verão. E eu, sentindo seus raios entrarem pelas janelas abertas me ponho a escrever depois de uma profunda conexão e rememoração com meu andarilhar pessoal, pois compreendo quais são os próximos passos desta escrita em ação, deste encontro nesta estação. E, embora ressoe inusitado fundarmos nossos primeiros passos, deste encontro paradigmático em deslocamento, com uma composição de Belchior imortalizada pela voz potente de Elis Regina, não é à toa que exponho essa canção. Pela manhã, estimulada pelo cantarolar de quem comigo habita o lar, a voz de Regina ecoou ao meu ouvir e minha atenção foi levada ao que era dito. Então, com seu magnetismo artístico, me dispus a acompanhar o que era expresso e sentido com sua mensagem. Ampliamos os sons e cantamos com a música, falamos sobre ela e sentimos o corpo manifestar os conflitos geracionais que experienciamos em nossa atual juventude. Escrita na década de 1970, Belchior revela a intensificação da repressão pela ditadura militar no Brasil e deixa transparecer suas angústias, seus conflitos, seus questionamentos e suas críticas a valer de seu espaço e tempo no qual expressava sua jovialidade.

Meus dias, dedicados às reflexões que expressei no caminhar desta tese, não poderiam deixar de me conectar com o que aqui escrevia e com o momento em que vivemos. Ao ouvir, os trechos que trago inicialmente, fui levada a pensar sobre os caminhos teóricos, metodológicos e epistemológicos que orientam nossas escritas e percebi uma aproximação profunda com o que venho a propor desde o começo desta escrita. Nossos conflitos geracionais paradigmáticos ocupam lugar no processo de construção e no tecer da(s) ciência(s). Nossas pesquisas e nossas posturas éticas são permeadas por seu contexto histórico e seus postulados, o que por vezes resvala na repressão do *novo que sempre vem*. Apegados à um passado, e enganados por sua sensação de presente, deixamos que nossa forma de pesquisar seja tal qual a dos nossos pais e mães acadêmicos, não os questionando, reproduzindo-os, e mantendo aparências que dizem mais, sem sair do mesmo. Sentimos, *na ferida de nossos jovens corações investigativos*, a dor de muitas vezes não ver expressada nossa *nova invenção*...

Enquanto lhe escrevo, recordo-me de minha viagem em direção ao Uruguai, solitária e acompanhada apenas por meu primeiro mochilão vermelho, que carregava à época em meus ombros um peso confortável ao andarilhar, mochilão este que me possibilitava caminhar longas distâncias. Ali cruzei fronteiras brasileiras e fiz amizades com horizontes desconhecidos, também pude encontrar pessoas que emprestaram suas lentes a meu ver e refletir. Estive em

outras universidades, conhecendo livros por entre bibliotecas e dialogando com educadoras e educadores que não encontrei apenas nas salas do saber. Fui sentindo, experienciando e caminhando entre ruas e calçadas, deixando invadir o estranho em mim, trocando as vestes que eu (não) carregava e entendendo que os caminhos mudavam a cada passo meu, a cada afetação que meu corpo experimentava.

É com essa sensação que inicio nossa viagem do conhecer neste encontro, por aqui nossos passos serão em conjunto com o deslocar paradigmático que se manifestou em meu caminhar, particularmente, ao (re)conhecer os meus passos epistemológicos e reflexivos quando percorria inclusive em terras uruguaias intercambiando conhecimentos e experiências. Nesse sentido comunico meu (nosso) andarilhar reconhecendo que este ainda está (e possivelmente continuará) em deslocamento.

Discorrer acerca dos caminhos epistêmicos a serem (ou mesmo que foram) percorridos para a compreensão das temáticas expressas, seus enlaces e consequências, requer a manifestação da trajetória do conhecimento humano e seus paradigmas científicos, bem como meus posicionamentos revelados aqui nesta tese. Neste processo, parto da reconhecida magnitude no ato de conhecer e, ainda mais, de atribuir sentido ao conhecer. Compreendendo a complexidade (e até mesmo dificuldade) no processo de construção do conhecimento e, igualmente, da(s) ciência(s) – especialmente imersa nas ciências sociais e humanas – evoco aqui a influência de duas grandes transformações no campo do conhecimento que absorvem as contingências da linguagem e da subjetividade dos sujeitos.

Para isso, precisamos observar o caminho do conhecer, suas premissas e passos que historicizamos, sua profusão de perspectivas filosóficas que se constituem como base fundamental os distintos horizontes indicadores de possibilidades, natureza e origem do conhecimento. Ao partir do paradigma moderno da ciência, sistema esse pautado em ideais iluministas (a)firmados após as transformações econômicas, sociais e políticas do final da Idade Média, bem como do feudalismo, passamos a perceber a consciência da razão humana fundamentada em si mesma, compreendendo que o ser humano pode construir seu próprio destino pela razão, na qual a consciência individual estabelece condições para a possibilidade da experiência, criando seus próprios universos científicos e morais segundo a razão, compreendendo o conhecimento como representação mental dos objetos (MARQUES, 1992).

Immanuel Kant, um dos expoentes dessa época em seu *Crítica da Razão Pura* integra em uma nova teoria do conhecimento o racionalismo (de René Descartes e Voltaire), o empirismo (de David Hume e John Locke) e a posição de Rousseau em prol dos afetos (do

sentimento e dos instintos), igualmente o realismo (em que existe o real, o noumeno) e o idealismo (em que o conhecimento é uma produção da mente e se restringe aos fenômenos). O sistema filosófico kantiano lançou bases para quase tudo o que se produziu em teoria do conhecimento nos séculos XVIII, XIX e boa parte do século XX. Além de vermos suas marcas em Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Gaston Bachelard por exemplo. Kant defendia a possibilidade de um conhecimento “necessário” e “universal”, um conhecimento “verdadeiro” – sem antever duas contingências centrais atuais: a contingência da linguagem (virada linguística) e a contingência do sujeito (virada da subjetividade) –, ele considerava que todo ser humano dispunha de uma “mente universal”, ou seja, era dotado do mesmo aparato de pensamento e racionalidade. Um sujeito universal que possui uma linguagem fixa, estática e descolada dos contextos sociais, dessa forma capaz de refletir com precisão universal tanto o pensamento, a razão, quanto os fenômenos postos à nossa percepção. Aqui a problematização do conhecimento se dá ao buscar a linguagem “certa” para então formular os conceitos “certos”²¹.

No entanto, ao final do século XIX até meados do século XX em consequência de duas expressivas viradas filosóficas (linguística e da subjetividade) na forma de apreender o conhecimento, indicam novos caminhos paradigmáticos no pensar. Não mais podendo os conhecimentos serem expressos como universais, nem mesmo verdadeiros. Nesse sentido, as categorias sujeito e linguagem aparecem como contingentes, que significa que essas variam conforme o contexto, a experiência e a cultura, além de estarem estreitamente relacionadas entre si (tanto o sujeito se constitui pela linguagem, quanto a linguagem se constitui pela interação de sujeitos em contextos sociais)²².

O ato de conhecer por meio da virada linguística evidencia a linguagem para além da expressão do eu e da representação do mundo, pois somos construídos e criamos o mundo em que estamos, a partir da linguagem. Com isso temos uma mudança estrutural na interpretação da linguagem entendendo a contingência desta, os jogos que a compõem, que de forma sincrônica representa e cria o mundo por meio das palavras que carregam significados variados, contextuais e que por vezes são até mesmo antinômicos. E, é nesse cenário que reconhecemos

²¹ Reflexões baseadas nas discussões da disciplina de doutorado “Paradigmas do Conhecimento em Ciências Sociais” (SOUZA, Renato Santos de. EDA878 - Paradigmas do Conhecimento em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, ago. – dez. de 2018. Notas de aula).

²² Idem.

o conhecimento como um processo permeado por aquilo que somos, sendo construído de forma entrelaçada por nossas experiências e, ainda, compreendido a partir de uma determinada lente²³.

Em convergência com o que aqui digo, a partir das reflexões geradas na disciplina de pós-graduação de *Paradigmas do Conhecimento em Ciências Sociais*, parafraseio o antropólogo catalão Duch, uma vez que: “empalavramos o mundo porque essa é a forma humana de conhecer”. Nessa perspectiva, o pensar, o compreender e o comunicar demandam a conversão “em palavras e em enunciados as percepções provenientes da realidade externa pelos sujeitos, assim como as sensações e emoções provindas da realidade interna e experimentada pelos sujeitos” (MOTTA, 2013, p. 55).

Com isso, a partir da virada linguística tem-se também uma virada da subjetividade, compreendendo que as experiências, vivências e relações interpessoais, consigo, com os outros, com o meio e com o mundo, são mediadas pela comunicação e pela linguagem, consequentemente constituem a subjetividade dos sujeitos e, ainda, das instituições que compõem o fazer social. Essas viradas são estimuladas pelas tradições filosóficas surgidas no século XIX – compreensãoismo, proposto por Wilhelm Dilthey e abraçado por Max Weber na sociologia; e o pragmatismo, iniciado por Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. E ainda, com outros adeptos, como Friederich Nietzsche, George Herbert Mead e Jürgen Habermas, e cuja principal expressão nas ciências sociais passa a ser o Interacionismo Simbólico de Herbert Blumer e o construcionismo de Peter Berger e Thomas Luckmann²⁴.

A partir disso, salientam Moreira e Lima Silveira (2011, p. 67), em *Teorias da Subjetividade: convergências e contradições*, que superamos a ideia kantiana e deixamos de ver o sujeito como único e universal, ou seja, aproximamos ‘posições-sujeitos’ vinculadas às formações discursivas e ideológicas que são (re)construídas discursivamente. Assim, “o sujeito age no e pelo discurso, de forma ativa e dinâmica, na construção da realidade e de si próprio, mediado pela relação com o outro, num processo sócio-histórico”.

Conectado ao processo de construção do conhecimento, o amplo campo das ciências sociais e humanas evidencia imensuráveis discursos (por vezes antagônicos) e sua influência direta nas diferentes metodologias e experiências de conhecer e “fazer ciência”. Com isso, meu trilhar de caminhada (se necessário esse “alocar”) iniciou sustentado no paradigma simbólico interpretativo, ou ainda como conhecido interacionismo simbólico, pois se relaciona intimamente com os universos simbólicos de contextos sociais particulares, onde a linguagem

²³ Idem.

²⁴ Ver Berger e Luckmann (2004).

é um instrumento chave para alcançar a compreensão almejada. Sob a perspectiva de Herbert Blumer (1980) ao analisar “a natureza do interacionismo simbólico”, sua fundamentação pauta-se na interação de três premissas básicas:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. Tais elementos abrangem tudo que é possível ao homem observar em seu universo [...], além das situações com que o indivíduo se depara em seu dia-a-dia. A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificado) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p. 119).

Para González Monteagudo (2001, p. 234, tradução minha), ao estudar o paradigma interpretativo na investigação social, “a linguagem é o sistema de signos mais importante da sociedade humana e nele se sustentam, fundamentalmente, as objetivações comuns dos seres humanos”. Ainda, pela possibilidade de tipificá-la na e pela experiência, podemos observá-la a partir de amplas categorias, as quais assumem sentido para os sujeitos.

A importância da linguagem para esta proposta investigativa deságua da percepção das jovens enquanto sujeitos, carregados de subjetividades e representações que são construídas diariamente nas interações sociais; assim, linguagem está posta também como um instrumento de ação, porque são ações práticas cotidianas que compõem o universo simbólico individual e afetam as experiências e escolhas desses sujeitos. Logo, de acordo com as reflexões de González Monteagudo (2001, p. 232, tradução minha), em *El Paradigma interpretativo en la investigación social y educativa: nuevas respuestas para viejos interrogantes*, “o comportamento humano não se reduz a uma mera conduta, envolve ação. A ação humana é, justamente, a conduta adotada de uma significação subjetiva”. Em alinhamento com o autor supracitado, José de Souza Silva (2011, p. 636) expõe que “a forma de ver o mundo condiciona a forma de interpretá-lo e de nele intervir para transformá-lo. Uma visão – concepção – de mundo é um marco cultural que articula um conjunto de premissas – verdades – para explicar a natureza e a dinâmica da realidade”.

Com isso, penso que ao explorar as trajetórias de vida é possível evidenciar os fatores intrínsecos que estão influenciando cotidianamente no modo de vida de cada sujeito. Com sua fundamentação fenomenológica²⁵, José de Souza Martins (2008), sociólogo de grande importância para estudos em contextos rurais, contribui a essas (minhas, nossas) reflexões ao

²⁵ (1899-1959). Sociólogo e filósofo que se dedicou à Fenomenologia nas Ciências Sociais. CASTRO, Fábio Fonseca de. A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. **Ciências Sociais**, Unisinos, v. 48, n. 1 jan./abr. 2012. p. 52-60

expor a intensa e permanente instabilidade da vida cotidiana, já que esta sofre e está sujeita a inúmeros choques que estabelecem descontinuidades – também constatadas pelas interpretações dialógicas – em maior ou menor grau nos diversos mundos ou como define Alfred Schutz, nas realidades múltiplas dos sujeitos. “Múltiplas, justamente, porque cada mundo (como a vida cotidiana, o sonho, a loucura, etc.) tem o seu próprio estilo cognitivo, definidor dos limites de suas significações” (MARTINS, 2008, p. 56).

Retomo Berger e Luckmann (2004) que enfatizam o fundamental papel desempenhado pela linguagem na configuração da vida cotidiana: matéria prima da ciência empírica na investigação social. De acordo com seus escritos, “a vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens [e mulheres] e, de modo subjectivo, dotada de sentido para eles [e elas], na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 31). Assim, o mundo cotidiano também tem origem nos pensamentos e ações dos sujeitos, construindo sua realidade.

Desse modo, considere também, ao caminhar, a guiança dos passos pelo construtivismo social, especialmente orientado pelas ideias de Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), em *A Construção Social da Realidade*, onde o sujeito imerso em constantes relações e construções, desenvolve sentidos e significados e estes por sua vez auxiliam na interpretação do mundo e de si, bem como, e principalmente, na tomada de decisões que orientarão as ações individuais. John Creswell (2010, p. 31), dedicando-se à sistematização dos métodos de pesquisa, em sua obra ao referir-se aos construtivistas sociais e a sua forma de conduzir a pesquisa, infere que “a intensão do pesquisador é extrair sentido dos (ou interpretar) significados que os outros atribuem ao mundo”, pois

os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas. Tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias. [...] Com frequência, esses significados subjetivos são negociados social e historicamente. Eles não estão simplesmente estampados nos indivíduos, mas são formados pela interação com as outras pessoas (daí o construtivismo social) e por normas históricas e culturais as quais operam nas vidas dos indivíduos. (CRESWELL, 2010, p. 31).

À vista disso, “a sociologia do conhecimento compreende a realidade humana como uma realidade construída na sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 192). Por consequência, a experiência subjetiva da vida cotidiana integra numerosas interpretações a respeito da realidade cotidiana, que segundo Berger e Luckmann (2004), referem-se a interpretações pré e quase científicas adquiridas na interação social. Isto posto, carrego neste

caminhar a articulação entre aspectos concretos e subjetivos apreendendo elementos dessas realidades socialmente construídas.

Nesse andarilhar pelos caminhos dos sentidos no ato de conhecer, acabei me percebendo em direção à outras imprevistas estações que me levavam (e ainda continuam a me levar) aos trilhos desconhecidos das afetações. Já no período de qualificação, havia sido estimulada por Maria Catarina Chitolina Zanini a pensar o *Ser afetado* por Jeanne Favret-Saada. Este reflexionar que rompe com proposições preestabelecidas de afastamento e separação do “nós” e do “eles” e proporciona um repensar da Antropologia. Favret-Saada (2005, p. 155), nos expõe os caminhos que a levaram ao questionar do lugar dos afetos no trabalho de campo, apreendendo sua dimensão central como “*modalidade de ser afetado*”. Sua pesquisa relacionada à feitiçaria no Bocage francês, em 1968, reconhece a sensibilidade abordando-a, em crítica ao paradoxal tratamento que se colocava em curso sobre o afeto na antropologia, que em geral, conforme indicado por ela, “os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana. Quando o reconhecem, ou é para demonstrar que os afetos são o mero produto de uma construção cultural, e que não têm nenhuma consistência fora dessa construção, como manifesta uma abundante literatura anglo-saxã”.

Em sua construção textual, Favret-Saada (2005, p. 158) revela como construiu seu dispositivo metodológico que possibilitou sua posterior elaboração de “um certo saber”, distinguindo tal processo metodológico dos caminhos da observação participante encarada pelos etnógrafos e distanciando-se igualmente da empatia. Em suas palavras descortina o fato de não poder fazer outra coisa a não ser aceitar afetar-se pela feitiçaria, já que “uma das situações que vivia no campo era praticamente inenarrável: era tão complexa que desafiava a rememoração, e de todos os modos, afetava [...] demais”. Assim, sua escolha metodológica perpassou a experientiação dos encontros de enfeitizados e desenfeitizados, sem uma busca de compreensão e retenção de dados investigativos, ela sim, deixou-se afetar. “Chegando em casa, redigia um tipo de crônica desses eventos enigmáticos” (e que por vezes eram carregados de tanta intensidade que nem mesmo mais tarde era possível sua elaboração). Ao iniciar da pesquisa tomava muitas notas como essas, no entanto elas serviam muito mais para asserenar suas angústias de estar engajada pessoalmente do que em si um material de trabalho. Ela nos relata que:

Nesses momentos, se for capaz de esquecer que estou em campo, que estou trabalhando, se for capaz de esquecer que tenho meu estoque de questões a fazer... se for capaz de dizer-me que a comunicação (etnográfica ou não, pois não é mais esse o problema) está precisamente se dando, assim, desse modo insuportável e incompreensível, então estou direcionada para uma variedade particular de

experiência humana – ser enfeitado, por exemplo – porque por ela estou afetada. Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. [...] Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159).

Afetações essas que também foram postas e se conectaram a minha trajetória, a partir da tese de doutorado de Boessio (2021), por meio dela fui atravessada e adentrei o até então desconhecido caminho que nos leva a uma *virada estética* (para além da virada subjetiva e da linguagem) nos colocando em (inter)relação com os afetos. Aqui, soa relevante para mim, expor minha profunda conexão reflexiva com Amábile Tolio Boessio, já que nossa relação se dá a partir da graduação e desde aí estamos trilhando caminhos conjuntos de reflexões e desconstruções diárias, dessa forma para além de sua tese escrita, sou afetada diretamente pelo seu pensar e agir no e com o mundo (há mais de 12 anos). Seu compromisso ético com a pesquisa e seus desdobramentos colocam-me em um constante questionar de meu papel e lugar enquanto pesquisadora, bem como tensionam o pensar dos impactos de minhas ações e escritas. Não ao acaso a menciono nesta escrita que age, pois como dito por ela, sua “tese não apresenta como temáticas somente o gênero, o rural, a experiência estética, os afetos, a performance, o reconhecimento, mas também os atravessamentos que estão para além do encontro entre sujeito que pesquisa e sujeito que é voz da pesquisa” (BOESSIO, 2021, p. 15).

Boessio (2021, p. 15), ao percorrer seu transcurso de escrita revela seu manifesto acadêmico e nos instiga a pensar sobre questões que acabam sendo omitidas do processo de comunicação da pesquisa, sendo que seus desdobramentos falam diretamente do processo de construção dos saberes e da produção de conhecimento. Sua pesquisa alocada na Extensão Rural expõe outros horizontes possíveis de construção e reflexão, diante disso, inspirada em suas palavras escritas, e utilizando delas, anuncio que:

Ao longo do processo de traduzir as ideias e os sentimentos em texto, em palavra que simboliza significados, percebia minha necessidade de expor mais que um “produto” acadêmico de finalizar de um doutoramento, mas uma espécie de um manifesto inclusive metodológico, pensando a caminhada, as interfaces, os desdobramentos velados que quem vive da e na pesquisa é submetido e, quase sempre, é convidado à não mencionar, afinal aquilo pode ser interpretado como um erro metodológico e isso na ciência é heresia. (BOESSIO, 2021, p. 15).

Nesse caminhar, por meio de Boessio (2021), pude encontrar Jean-Luc Moriceau – professor do Institut Mines-Télécom, em Évry, na França – e suas reflexões éticas a respeito da

dimensão afetiva a partir dos Estudos Organizacionais, uma vez que suas pesquisas estão inseridas na comunicação organizacional; em especial pelo texto *A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis*. Aqui pude compreender a *virada estética*, assim como sua “nova partilha do sensível permeada pelos afetos e mediada pela própria biografia de quem escreve” (BOESSIO, 2021, p. 20). Ao adentrar esse caminho fica expressa a responsabilidade ética de quem impulsiona seu compor ao centralizar os afetos na pesquisa, em sua comunicação propõe:

[...] considerar a virada afetiva não primeiramente como uma proposição ontológica (há afetos e são importantes na comunicação), nem mesmo uma estratégia epistemológica (uma maneira de acessar o que não poderia ser de outra forma). Antes disso, a virada afetiva define uma ética e uma política. Levinas propõe a ética como a primeira filosofia, que vem antes da produção do conhecimento. É tal ordem que esses estudos vão seguir. Tal ética envolve a responsabilidade do pesquisador muito além do que é comumente chamado de ética da pesquisa. (MORICEAU, 2019, p. 41).

Em direção a esse novo olhar e andar pelas trilhas que tecem o pesquisar e comunicar da investigação, assumindo minha responsabilidade ética e política aqui no desaguar desta corporificação textual, manifesto sem demora as três relações éticas que fundamentam a pesquisa dos afetos, pelo prisma de Alphonso Lingis, essas que “definem uma ética do encontro como doação e gratidão (e, portanto, a partir do exterior), uma ética da surpresa e da aprendizagem, uma ética do *far away, far ago*, uma ética da comunidade mesmo com aqueles com quem não temos nada em comum”. São elas: a relação com a diferença, a relação com campo estudado/leitor e a relação com o leitor (MOURICEAU, 2019, p. 42).

Sobre a ética da relação com a diferença, Mouriceu (2019) nos revela o *encontro* com o outro, esse que não é nosso mero objeto estudado. Esse encontro que é *o estranho*, uma *surpresa* para nós, nos *afeta* e age no nosso pensar. É a partir do encontro que nos pomos a pensar, porque é ele que nos proporciona o experienciar e experimentar da situação, logo as afetações que nos são geradas pelo encontro, também afetam a situação com a qual nos relacionamos. E isso implica em doação, na decisiva escrita enquanto resposta e responsabilidade por e com esse encontro. Assim, “o pensamento não é a vitória heróica do pensador, ele nos é dado, ele vem de fora”, pois “o encontro com o rosto nu e precário do outro é imperativo e doação. Ele afeta não apenas nossa sensibilidade, mas também nossas ontologias e categorias: o mundo como definido pelo conhecimento estabelecido ou pelo autor” (MOURICEAU, 2019, p. 43).

Nessa perspectiva, “a relação ética aberta pelos afetos nos força a repensar nossas certezas e nosso ser de pesquisador. Nós aprendemos muito, mas esse conhecimento vem da ética e não do contrário” (MORICEAU, 2019, p. 45). Isso implica (re)pensar nosso lugar, uma vez que também afetamos quem participa da pesquisa, além de que nossa escrita igualmente afeta, “nós escrevemos por que estamos afetados, mas devemos refletir sobre os efeitos de nossa

escrita”. Para isso é preciso assumir uma postura de deslocamento e desconstrução da ética estabelecida, e por vezes inquestionável, de construir e comunicar a pesquisa científica. Com essa forma de posicionar-se, não há como fugir do tensionamento de nossa performatividade acadêmica, nosso comunicar e compor textual (MORICEAU, 2019, p. 44).

De certa forma, isso refletirá na segunda ética expressa por Moriceau (2019), a ética da relação campo estudado e leitor/a, uma vez que assumimos nossa responsabilidade em revelar o trajeto e os encontros da pesquisa, nos colocamos (pesquisadoras e pesquisadores) enquanto ponte que conecta quem é encontrado e quem lê o corpo textual. Uma *terceira* ou um *terceiro*, uma *mediadora* ou um *mediador* que “como mídia, ele é quem coloca em contato, quem transmite, quem torna o relacionamento possível, mas quem pode obstruir ou distorcer”. E ainda é importante dizer que “não é uma questão de explicar ou traduzir, ou mesmo imitar o afeto, mas de tentar recriá-lo. A explicação manteria os efeitos à distância. A tradução traria o que é estrangeiro no encontro. E uma reprodução idêntica fora de contexto não produziria o mesmo efeito” (MORICEAU, 2019, p. 46).

Desse modo, o comunicar da pesquisa não se trata de algo formado, mas sim desformado, pois nos obriga a pensar “sem impor o que pensar”, diz respeito a preservar “o poder e o estranho do afeto” na comunicação (MORICEAU, 2019, p. 47). Com isso, culmino aqui na última relação ética, a da relação com quem lê, esse ou essa que não pode ser visto enquanto um frasco vazio que aguarda ser preenchido por quem detém o que lhe falta. Para quem lê, recriamos “os afetos, as deformações, os poderes que o forcem a pensar”, não só transmitimos ou descrevemos uma situação. “O relacionamento ético com o leitor não é o de quem sabe para quem ainda não sabe, para quem precisaria receber explicações. Ele é mais parecido com o de alguém que se sente sortudo por ter uma experiência de vida, uma aprendizagem e quem quer transmiti-la”. Dessa forma, para ser possível uma comunicação fundamentada nos afetos é preciso que os textos sejam performáticos que geram efeitos sobre quem lê, sobre seus sentimentos e pensamentos, isso “porque o que há para transmitir não são algumas visões abstratas da verdade ou um sistema de pensamento. Mas um arranjo de afetos para colocar o leitor em movimento, desformá-lo faz com que ele solte seu sistema de defesa para receber (MORICEAU, 2019, p. 47).

Assim, “o que a virada afetiva nos passos de Lingis [e expressa por Moriceau] permite é uma ética não majoritária. Uma ética que vem do outro, do vulnerável, do deficiente, do queer, do animal, da natureza, etc., que chega ao pesquisador sem aviso, da qual não podemos mais nos esquivar, mas que é bom refletir e compartilhar”. E para além de um conhecimento ou

mesmo um método de investigação, a virada afetiva refere-se à “um jeito de viver” (MURICEAU, 2019, p. 48).

Nesse momento, meu caminhar é fertilizado pela compreensão dessa forma de viver as investigações, me percebi neste andarilhar das afetações e me permiti adentrar outras trilhas desconhecidas a mim, ao meu conhecer e experienciar mundo. Como já referenciado no início desta conversa, pela ótica da educação dos sentidos, meu corpo manifesta o encantamento por esse desconhecido e procuro explorá-lo para conhecê-lo, assim como a criança que deseja conhecer os mistérios da música que agrada seus ouvidos. Foi então que parti em viagem, deixei-me afetar e a partir daqui informo, em deslocamento sigo, sem mais impedir o percurso fecundo que se mostra e expande, indicando caminhos importantes que foram trilhados por esta escrita para a compreensão das reflexões que ainda irão emergir nas e com as histórias aqui contadas. Mais uma vez te convido: Segue comigo! Vamos juntas e juntos nos mover para que em pouco tempo as narrativas possamos conhecer.

2.3 NARRATIVAS E ESCRITAS DE SI: A ARTE DE (EN)CONT(R)AR-SE PELO CAMINHO

“Temos de produzir alguma coisa que ainda não existe e que não sabemos o que será”
(Introdução à vida não-fascista, Michel Foucault).

Hoje pela manhã, ao acordar e sentir os movimentos que brotavam ao redor da casa, percebi os primeiros frutos do tomateiro que grandiosamente floresce. A plantação de suas mudas aconteceu cerca de dois meses atrás, quando o frio ainda era imperativo da estação que se transformava em primavera. Ao observar seus movimentos me coloco a refletir sobre os movimentos que esta tese-semente ganha ao caminhar, já vejo suas primeiras formações, após a floração de suas intenções. E o tempo vai delimitando sua construção, sua brotação. Já gostaria de provar os sabores que um tomate cereja, colhido em minha própria horta pode gerar, no entanto, esse, por ora, apenas sonho e intento, ainda precisa de espaço para sua beleza transformar, seu verde até o momento amargo não é capaz de passar aos sentidos aquilo em que se propõe expressar. Assim também estou eu, compositora desta escrita em ação, percebendo os movimentos da escrita que por momento, amargos ao paladar, já nos dão vislumbres do que pode se tornar. Intenciono o sonho de uma tese-fruto que ao ser saboreada desperte sensações corporais únicas, alegres e que delicadamente vá nutrindo os sentidos de quem a lê e experiencia. Sigo em movimento com o tempo que parece passar... contemplando seus pequenos frutos que somente em outro espaço e outro tempo conterão as condições de sua inteireza cíclica e, assim, você e eu poderemos com apreço degustar.

Nesse movimentar de reflexões, recordei-me de Michel Foucault, e de uma de suas entrevistas que havia lido, “Uma Estética da Existência” de julho de 1984 – no livro *Michel Foucault, 1926-1984: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política* –, onde ele, questionado por Alessandro Fontana, abordava as dificuldades e os problemas sobre escritas de seus livros, em suas palavras:

As dificuldades provinham do próprio projeto, que pretendia justamente evitá-las. Tendo programado meu trabalho em vários volumes a partir de um plano preparado de antemão, eu me disse que havia chegado o momento em que poderia escrevê-los sem dificuldade, e desenvolver simplesmente o que tinha em mente, confirmando-o pelo trabalho de pesquisa empírica. Morri de tédio escrevendo esses livros: eles pareciam demais com os precedentes. Para alguns, escrever um livro sempre implica correr algum risco. Por exemplo não conseguir escrevê-lo. Quando se sabe de antemão onde se quer chegar, falta uma dimensão da experiência, a que consiste precisamente em escrever um livro correndo o risco de não chegar ao fim. Tentei assim mudar o projeto geral: ao invés de estudar a sexualidade nos confins do saber e do poder, tentei pesquisar mais para trás como havia se constituído, para o próprio sujeito, a experiência de sua sexualidade como desejo. Para destacar essa problemática, fui

levado a estudar mais pormenorizadamente textos muito antigos, latinos e gregos, que me exigiram muito preparo, muitos esforços e que me deixaram até o final com não poucas incertezas e hesitações. (FOUCAULT, 2012, p. 281).

Assim como Foucault relata, ao deixar emergir nesta construção a dimensão da experiência, chego “com não poucas incertezas e hesitações” a esta escrita, correndo alguns riscos, inclusive o de não conseguir expressar em palavras o que aqui me proponho, ou mesmo de “não chegar ao fim”. No entanto, com o andar do percurso e com o movimentar dos ciclos, fui surpreendentemente me conectando a novas possibilidades de experienciar a tese e senti-la, fui vendo amadurecer seus frutos reflexivos que cresciam em mim. Com o passar do tempo e o encontro com as estações, fui observando os detalhes e percebendo suas nuances, fui conhecendo seu transformar, seu (re)compôr, as novas faces de um mesmo lugar.

Continuo o andar ao redor da casa e assim como o tomateiro percebo a magnólia que com seu verde estrondoso faz morada em meu jardim. Antes, visualizava os galhos secos com pequenos brotos que fez florir o inverno anunciando que a primavera despontava no horizonte. Assim também estou eu, nesta escrita em ação, percebendo os novos movimentos que só são possíveis de serem avistados com o passar do tempo. Agora, já em um espaço e tempo primaveril, andamos em direção ao verão que se faz presente no futuro, aqui percebo um novo florescer da magnólia, no entanto distinto do primeiro, os brotos das flores se escondem em meio ao esverdear das folhas que com sua presença me chama a atenção. Já tem um tempo que vejo pequenos frutos, nem mesmo sabia que nesta planta eram possíveis, observo-os transformando-se. Neles vejo refletido o movimento que me faz andarilhar por minhas reflexões teóricas. Consigo avistar os pequenos frutos que aos poucos se transmutam em algo antes não avistado em minhas paisagens. Dei tempo e cuidado para o olhar, por isso agora, agraciada com a beleza do tempo que se mostrou dilatado em prazo para esta escrita final, posso seguir observando os detalhes que ainda hão de crescer e se transformar.

Sigo minha jornada e avisto a possibilidade de florescer, de frutificar. Como serão? Quais os seus sabores e dissabores? Não é possível responder por ora, mas permito que o tempo que atravessa a magnólia, assim como o tomateiro, me mostre. Revelo, aqui na escrita, os tempos da vegetação, como a frondosa magnólia e o frutífero tomateiro, no entanto o que meu corpo expressa por meio deles neste texto é meu processo doutoral que agora caminha em um novo espaço-tempo conectando as novas possibilidades reflexivas durante o jornadaear.

Antes de seguirmos pelo caminho, avisto a importância de sinalizar que embora eu veja refletida em imagens minhas perspectivas, o que proponho nesta tese é um ato de reflexão, busco contemplar, meditar, pensar, sentir e refletir sobre e com o que se apresenta, sem a

pretensão de análises ou interpretações fechadas que desconsideram o mundo que está fora da apreensão de minhas redes discursivas. Procuo expor o devanear do que se apresenta na experiência, uma tese das avessas que comunica o processo de reflexão do pensamento até sua (des)construção, que permite o desfazer de um pensar rígido e cristalizado em lentes universais. Este desconstruir e desfazer se dá no encontro com o outro, e também atravessado por este outro, como nos mostra Boessio (2021) em sua tese de doutorado, junto com Judith Butler e Jean-Luc Moriceau, ela que percorre um caminho pós-estruturalista e desconstrutivista em sua pesquisa e escrita. Assim também estou eu, dando passos desconstrutivistas e pós-estruturalistas nesta escrita, buscando a multiplicidade e pluralidade dos saberes, desconstruindo as lentes que nos acorrentam a uma ciência que encurrela nosso conhecer, definindo-o a partir de métodos únicos e universais.

Muito do que aqui escrevo já estava rabiscado em meu caderno de reflexões diárias, exercício esse que adotei com maior interesse ao adentrar o doutorado, pois meu processo de andarilhagem pelos caminhos do conhecimento exigiram um mergulho mais profundo do que aquele que vinha estabelecendo até então com as palavras e com os sentidos que ainda estavam indecifráveis ao meu pensar. As trilhas do saber foram afetando os questionamentos que emergiam sobre meu existir, sobre meu pesquisar e sobre minha inserção no mundo, que antes estava carregada de certezas e avistava um caminho seguro para o desenvolver de minhas pesquisas.

Agora, porém, caminhando em incertezas e indagando minha maneira de agir no mundo, por meio de minhas escolhas políticas e epistemológicas, passei a reivindicar um contato mais próximo com meus desejos e querereres que orientavam minhas manifestações até então, foi assim nessa busca por minhas palavras (como nos estimula Paulo Freire) que percebi ao visitar meus escritos até então pessoais, um revelar de minhas angústias, alegrias, reflexões e afetações de um sujeito que estava a se constituir enquanto pesquisadora e crítica do seu próprio saber e fazer. Por esse caminho compreendi que, para além de um caderno de reflexões diárias, estava a construir um diário de campo, onde vi refletido meu processo de escrita em ação. Ali, mais consciente de sua existência, passei, ao decorrer da pesquisa, a escrever sem intimidação, anotações e reflexões de pesquisa, que hoje estão expressas neste manuscrito.

Para minha surpresa ao adentrar com maior profundidade os escritos de Michel Foucault deparei-me com a “escrita de si” e sua “estética da existência” que entende a transformação social para além de um projeto político, a concebe como um estilo de vida, passei a interessar-me ainda mais, justamente por esta se dar tanto na experiência individual quanto social.

Foucault, ao historicizar os modos de subjetivar os indivíduos procurava tecer “a história das “técnicas de si” e das “artes do viver”, uma história das experiências de construção da vida como arte”” (RAGO, 2013, p. 49).

Margareth Rago pesquisadora e feminista brasileira, oportunizou-me um contato mais íntimo com essa literatura, pois influenciada não só por Michel Foucault, mas também por Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard e Jacques Derrida busca estabelecer caminhos metodológicos para o que ela assume Ciência Feminista. Sua trajetória enquanto historiadora e professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2000 e, em especial, com seu livro *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* me lançou em redes de pensamento acerca dos feminismos e das artes do viver que não pude pospor, pois seus desdobramentos reflexivos emanam de conceitos e problematizações a respeito da constituição do indivíduo ético e das “estéticas da existência” de Foucault, este que resgata as “artes do viver” greco-romanas em seus estudos acerca das experiências de subjetivação na antiguidade, bem como no que está relacionado a governamentalidade – “isto é, sobre as formas pelas quais se manifestam o governo das condutas e a luta pela autonomia (2004b, 2008c, 2011b)” (RAGO, 2013, p. 42).

Vale lembrar que, para ele [Foucault], o sujeito não é condição de possibilidade da experiência, não preexiste aos acontecimentos; ao contrário, constitui-se na ação e em redes de relações em que vivencia a experiência. Nessa perspectiva, Foucault entende por “modos de subjetivação” os processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade, ao contrário dos “modos de sujeição”, que supõem obediência e submissão aos códigos normativos, como ocorre desde a ascensão do cristianismo e com a emergência da sociedade disciplinar, na Modernidade. (FOUCAULT, 1984, p. 28; 1994, p. 706 apud RAGO, 2013, p. 42).

Ao questionar a constituição da subjetividade por meio de modelos modernos e buscando resistir à intensa pressão de controle do Estado sobre a vida, gestos, condutas e crenças dos indivíduos²⁶, Foucault reflete a possibilidade de invenção de novas formas de existência fundamentadas na relação de si para consigo e para com o outro. Em *A hermenêutica do sujeito*, Foucault propõe engendrar a “questão da política” e a “questão da ética” a partir de uma trama que é composta por: relações de poder, governamentalidade, governo de si e dos outros e relação de si para consigo, implicando em uma ética de si que de acordo com o filósofo e historiador significa “uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for

²⁶ Para Foucault, a concepção de indivíduo, está atrelada a individualidade moderna que o forma como corpo objeto, dócil-e-útil, enquanto sujeito está vinculada a outra forma de constituição, essa relacionada à tomada de consciência ética. Para um aprofundamento sobre a questão, indico: *Michel Foucault e a Constituição de sujeito* de Márcio Ales Fonseca. São Paulo: EDUC, 1995.

verdade que, afinal, não há outro ponto primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação a si para consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 306).

Neste sentido, Foucault ao recorrer à filosofia antiga greco-romana recorre ao “cuidado de si” para refletir sobre a constituição do sujeito que está sempre em “deslocamento e retorno”, ou seja, para além de uma vigilância de si há um movimento de “deslocamento do sujeito em direção a ele mesmo e retorno do sujeito sobre si” (FOUCAULT, 2006, p. 302). Dessa forma, a subjetividade é construída a partir de técnicas e ações que o sujeito implica em si mesmo e em sua vida, em seu modo de viver. É aqui que ele lança o olhar às “artes do viver” ou “estéticas da existência” que são constituídas por “técnicas de si”, essas que diferem da pedagogia do corpo e dos sentidos que buscam produzir “corpos dóceis”, passivos e submissos (o que é possível refletir em *Vigiar e Punir*).

Como nos sinaliza Rago, há uma grande insistência por Foucault em demarcar “essas diferenças que separam antigos e modernos”, assim sendo, compunham esse modo de viver greco-romano técnicas como “a meditação, a escrita de si, a dieta, os exercícios físicos e espirituais, a parresía ou coragem da verdade, que envolviam o cuidado de si e do outro, isto é, [...] práticas relacionais de construção subjetiva como um trabalho ético-político” (RAGO, 2013 p. 44).

Com isso em perspectiva, Foucault, para além de um projeto político, percebe a transformação social como uma “estética da existência”, ou seja, um modo e um estilo de vida que se dá tanto na experiência individual quanto social e que percebe a vida como obra de arte. Dessa forma,

Foucault busca fazer a história das “técnicas de si” e das “artes do viver” [...] Certamente, essa busca está referenciada pelas questões da atualidade, pela necessidade de abrir saídas num mundo marcado pela reestruturação neoliberal do Estado e da produção, em que se sofisticam as tecnologias de governamentalidade. [...] Numa rápida passagem de *A hermenêutica do sujeito*, ele reconhece a existência de inúmeras tentativas históricas de fundação de um indivíduo ético e de novos espaços políticos e sociais. [...] É no contexto dessas reflexões que a “escrita de si” dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das “artes da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente, experimentada como prática da liberdade, e não como sujeição às práticas disciplinares (Foucault, 2004a). A “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu. Portanto, mostra ele, a “escrita de si” dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se difunde desde o cristianismo e que se acentua na Modernidade. (RAGO, 2013, p. 49).

Estava a reconstituir minha ética e mergulhada nos escritos de Foucault, assim como nas narrações expressas por Rago, apreendi que a “escrita de si” atravessava meu cotidiano e

manifestava também minha ética enquanto pesquisadora, não sem motivo revelo minha escrita reflexiva diária e utilizo desta técnica para desvelar o processo ético da pesquisa, qual o seu percurso e o que ela passa a expressar após seus acontecimentos. Com esse movimento precisei hibernar alguns processos de escrita antes avistados, me percebi imersa em assuntos que me exigiam uma profunda reflexão, mergulhei ainda mais em escritos de Michel Foucault e nos textos acolhedores de Margareth Rago para compreender melhor o que até então aguçava meus sentidos e pedia por uma maior investigação.

Fui conhecer a história de Foucault, suas motivações e seu caminhar, sentia uma proximidade que até então não via expressiva em outros caminhos teóricos, mergulhei e deixei a beira d'água o que não poderia ser carregado durante o mergulho, era preciso compreender o que estava submerso e jamais imaginava eu o que poderia encontrar ali, embora visualizasse algumas de suas nuances antes exploradas por mim.

Com esta imersão, já sabia que não poderia dar alguns passos sem refletir ainda mais minha ética, sem pensar o meu corpo e a produção de textos que gerava. Ao ler Foucault²⁷ sou levada a aprofundar o processo de disciplinamento do meu próprio corpo e pensar, me proporcionando um deslocamento e um retorno a mim mesma a partir das práticas que ele reconstrói historicamente e nos (re)apresenta. As práticas do “Cuidado de si” me lançaram a velejar reflexivamente não só pela docilização dos corpos, mas também conduziu minha atenção às escritas e ao pensar, me propondo o afastamento da produção de textos dóceis, de falas dóceis e de pensamentos dóceis.

A submissão cotidiana que muito se revela em nosso escrever, espelha o carecimento de um cuidado ético de quem se propõe o pesquisar e refletir, em vista disso passei a observar o processo de construção do conhecimento que se dava diariamente no compor desta tese, ainda mais, passei a questionar os valores éticos que compunham minha prática, minha trajetória, minha existência, tarefa essa que, para mim, se mostrou tão necessária e indispensável da qual não via outro caminho a percorrer antes de possibilitar o (des)encontro com a ética que guiava meu andarilhar.

Emergi neste período um encontro tão fecundo e profundo com Foucault, que suas reflexões se estenderam por semanas em meus pensamentos, em meu corpo, até mesmo em meus sonhos, ainda sinto a reverberação de sua forma de pensar orbitando meu cotidiano,

²⁷ Leituras que permearam: Vigiar e Punir (2014); Microfísica do Poder (2007); Arqueologia do saber (2020); As palavras e as coisas (2016); A Hermenêutica do sujeito (2010); Em defesa da sociedade (2010); Subjetividade e verdade (2016); A coragem da verdade (2011); A história da sexualidade em seus quatro volumes (2020); entre outras.

talvez, em especial, por sua proposição filosófica vislumbrar um modo de viver e questionar a produção da subjetividade. Meus desejos foram questionados para além de meu pensar e minhas ações diárias despertaram a reflexão do que lia e apreendia com Foucault, fui atravessada por sua filosofia e me percebi engendrada em relações de poder antes não vislumbradas por meu olhar.

Particularmente, ao tocar, não só com os olhos, as palavras expressas na introdução feita por Foucault à edição americana de *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari²⁸ fui tocada por elas, neste curto texto de abertura, um amplo repertório de questões e incertezas se exteriorizaram. Conhecido por ser um filósofo que busca estremecer as evidências, Foucault não indica uma teoria “absolutamente totalizante e tranquilizadora”, já que esta pode nos levar a um modo de vida fascista, uma vida em que amamos o poder, ao contrário ele nos convida a pensar de forma diferente aquilo que já se sabe, a criar saberes ao invés de uma busca incessante pela legitimação do conhecido e do esperado. Assim, ao ler *O Anti-Édipo*, o filósofo compreende que se encontrar com o que Gilles Deleuze e Félix Guattari expressam em seu livro, coloca-nos na tarefa de “abordá-lo como uma arte”, pois argumenta ser um livro de ética, uma vez que “ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensar e de vida”²⁹.

Sua percepção dos caminhos de Deleuze e Guattari, possibilita visualizar *O Anti-Édipo* como uma “*Introdução à vida não-fascista*”, isto porque os autores “espreitam os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos” e com seriedade nos faz olhar e refletir sobre “todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas”³⁰. Diante de suas manifestações e afetada por seus horizontes reflexivos, perturbações poéticas saltavam ao meu escrever e refletir, uma vez que meu corpo reconhecia e se reconhecia naquelas palavras: meu corpo é um corpo fascista, repetia eu ao caminhar. Aquele fascismo de cada dia, que por vezes esquecemos de constatar. Ao me perceber em meu cotidiano só podia eu encarar, o quanto de tristeza havia em cada acordar. Sentia que a partir dali era preciso mover o meu corpo e os discursos que se manifestavam em mim. Sentia que era preciso romper com meu corpo fascista antes que ele corrompesse a mim.

Visitar Foucault em seus escritos, expressa (não só para mim) a relevância de sua filosofia ao buscar novas formas de pensar, de sentir e de agir, novas possibilidades de viver, e

²⁸ Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

ao estudar o seu tempo busca nas brechas encontrar novos espaços que lhe possibilitem criar a si mesmo, bem como uma nova vida. Parafraseando Margareth Rago em *Dizer sim à existência* (2009, p. 253):

É como alguém que diz sim à existência que vejo Foucault, alguém que sabemos ter enfrentado momentos de muita pressão, angústia e dor, quando recorremos à sua biografia. Alguém que desce aos infernos, confronta-se consigo mesmo e com a morte, e opta por retornar e ficar. Doravante, a força do sim proferido afeta e contamina toda a sua vida e pensamento.

“Foucault desconstrói os discursos lineares que estabelecem a continuidade histórica e permitem legitimar o presente. “O saber”, diz ele, na esteira de Nietzsche, “não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (RAGO, 2009, p. 256). E assim, rompendo com as linearidades, da mesma forma revelando a realidade cortante do saber, nos oportuniza uma ruptura com narrativas históricas dominantes e suas verdades pré-estabelecidas, conectando-nos a novos repertórios, a novas relações e tradições. Nesse sentido, Margareth Rago nos auxilia no processo de deslocamento das, e em direção às, narrativas, nos aconselhando acerca da necessidade de releitura do passado para a construção de outras leituras históricas. Ela, que “desafia certos academicismos” operando “com os conceitos de “estéticas da existência” ou “artes do viver”, “parresía” e “escrita de si” da filosofia de Foucault, assim como com operadores de Deleuze e da teoria feminista pós-estruturalista” – particularmente em *A aventura de contar-se* – inspirando-me a “desconstruir poderes e mostrar como certos dispositivos acadêmicos estão profundamente comprometidos com o domínio masculino e falocêntrico” (RAGO, 2013, p. 14).

Comprometida em externar a construção de “artes feministas da existência”, nos convida a conhecer a rede de relações e conexões, histórias e memórias de sete mulheres que contribuíram na trajetória do feminismo brasileiro, a partir de suas narrativas de si. Assim, alicerçada em Margaret McLaren, Nelly Richard e Leonor Arfuch, bem como em Foucault, além de tantas e tantos mais, de forma prazerosa busca revelar “como se constroem esses feminismos que escapam às estratégias do poder, às sofisticadas tecnologias biopolíticas de produção da individualidade na “sociedade de controle””³¹. Em seu *corpus* documental estão incluídos processos penais, relatos autobiográficos em entrevistas gravadas, ou já publicadas e, ainda, artigos e livros que foram escritos por essas ativistas, narrativas essas que Rago aborda com referência à “escrita de si” que Foucault discute “como prática da liberdade constitutiva das “estéticas da existência” dos antigos gregos e romanos” (RAGO, 2013, p. 30).

³¹ Ibidem, p. 29.

Ao considerar que tais narrativas ganham um sentido no presente ao serem reconstruídas por meio da reflexão das experiências passadas, Margareth Rago parte “da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real social é construído discursivamente” (RAGO, 2013, p. 30). Assim, utilizando de suas palavras:

Compreender que esse sistema de imagens, representações e signos compõe o pensamento da lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-lo e abrir novas possibilidades de ser. Se entendemos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de existência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência. Não se trata de negar a “realidade” e a “experiência”, reduzindo-as à existência linguística, nem à ação social, ao determinar a “morte do sujeito”, como atacam os críticos do pós-estruturalismo, mas de desconstruir essas noções consideradas pré-discursivas, apontando para a sua historicidade, como analisa Joan W. Scott (1991), em relação à noção de experiência. [...] A Experiência, portanto deixa de ser vista como autenticidade do vivido, como evidência em si mesma, assim como o discurso deixa de ser considerado como mera abstração conceitual, reflexo da realidade, a partir de uma oposição binária que hierarquiza teoria e prática, pensamento e ação. (RAGO, 2013, p. 31).

Ando junto com Rago (2013, p. 32), sobretudo quando ela se refere que ao narrar suas vidas as mulheres “desfazem as linhas da continuidade histórica, questionam as identidades construídas e constituem-se relacionalmente como sujeitos múltiplos”, assim também percebo as jovens parceiras desta pesquisa que relatam a si e criam um espaço-tempo narrado. Relatos que são expressos nas narrativas de si e que envolvem afetos e memórias, mobilizam reflexões e acontecimentos sobre a própria identidade e subjetividade, desconstruindo a costumeira linearidade histórica imposta, bem como possibilitando de forma relacional a constituição múltipla e plural dos sujeitos. Assim como Rago (2013, p. 40) e inspirada em seu esforço de contatar interpretações e experiências diferenciadas, “não focalizo um grupo de mulheres, mas lido com uma multiplicidade de subjetividades, com dispersões de pensamentos e práticas”. Nessa tentativa de provocar o encontro com experiências diversas busco, contudo, vidas que foram atravessadas pela experiência de caminhar à frente da presidência da cooperativa-escola, jovens mulheres que ocuparam ou ainda ocupam este espaço de poder, dentro do processo formativo educacional, e que também é constitutivo de sua subjetividade. Além disso, entendi que ao convidar essas jovens para o relatar de si, seria possível tornar perene, um pouco, de suas experiências e ações no mundo, atravessadas pela participação na presidência da cooperativa-escola.

Ao expor a vida de sete mulheres militantes do feminismo brasileiro, Rago (2013) nos socializa a relevância de narrar histórias e trajetórias femininas, em especial, por demonstrar o

quão raras ainda são as expressões de histórias transgressoras. Isso me fez recordar também de Amábile Tolio Boessio e as narrativas de suas parceiras de pesquisa em sua tese, onde o narrar a si foi possível por mulheres vinculadas ao movimento sindical. Em seu texto-experiência, Boessio (2021) nos revela um texto vivo e pulsante de narrativas de si de mulheres vinculadas à contextos rurais e lideranças da FETAG/RS, comunicando de forma sensível e recriando as experiências e afetações com os encontros no e pelo processo investigativo. Encorajada pela *virada afetiva* e caminhando fundamentalmente com Judith Butler e Jean-Luc Muriceau, dá passos inusitados e radicalmente transgressores no fazer científico, desvelando sua escrita performativa, além de deslocar-se com Paulo Freire olhando para a Extensão Rural a partir da comunicação e do diálogo. O caminho que Boessio (2021) escolhe, ou melhor é escolhida em sua caminhada investigativa como ela nos expressa, permeia as narrativas de si das mulheres que compõem, (des)constroem e produzem os sentidos do conhecimento.

Boessio (2021) inspirada tanto em Butler quanto em Rago, encontra sua forma de recriar as narrativas de si preservando suas oralidades, além disso está imersa também nos escritos produzidos pelo Grupo Afetos (Grupo de Pesquisa em Comunicação Acessibilidade e Vulnerabilidades da UFMG), esses que possibilitam o contato mais profundo com a virada afetiva e o narrar a si.

Falar sobre si, falar sobre sua experiência, relatar. Tecer explicações, encontrar o fio da meada, ou perder-se no emaranhamento das sensações. Para Rago (2013) e Butler, os relatos de si, numa perspectiva afetiva, são importantes ferramentas na medida em que possibilitam aos indivíduos uma atenção a suas ações e a seus movimentos responsivos, ajudando-os na compreensão de si, bem como no entendimento do outro. Os relatos de si não obedecem, necessariamente, a uma temporalidade linear, mas se fazem a partir de episódios que marcaram a trajetória dos sujeitos. (MANTOVANI; PESSOA; BOAVENTURA, 2019, p. 90).

Assim como essas mulheres, que compõem esta conversação e são inspirações para o pensar, busco construir uma narrativa que não é masculina e tão pouco cientificista, expressando e comunicando narrativas que há muito são esquecidas e pouco valorizadas, vislumbrando, ao menos, nesta escrita, romper a violência da narrativa masculina sobre a narrativa feminina. Não tenho pretensão aqui, de aprisionar em correntes do pensamento as narrativas e escritas de si que se manifestaram no processo de composição desta tese-semente, ou mesmo transformá-las em uma narrativa única e universalizante, minha proposta consiste muito mais no entrelaçamento de suas complexidades, rompendo com a temporalidade linear histórica, conectando as narrativas e tornando possíveis novos caminhos de reflexão e de expressões de subjetividades, essas que muitas vezes se apresentaram impensadas e até mesmo invalidadas.

Ainda, relembro com Paulo Freire (FREIRE; HORTON, 2003, p. 37) que “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”, e com isso vou indicando meu processo de construção desta escrita, estou aprendendo a caminhar e aos poucos vou retocando e refazendo aquilo pelo qual me moveu o andar. Tenho ciência de que muito do que aqui está sendo apresentado, neste espaço e tempo, ganhará outras dimensões, caminhos e relações. Dessa forma, meu intuito não consiste na construção fechada de um constructo teórico, ao contrário busco a partir da “práxis da boniteza” como nos mobiliza Freire, conjuntamente navegando com as “estéticas da existência” historicizadas por Michel Foucault, assim como com as “artes feministas da existência” da forma que nos entusiasma Margareth Rago, dar corpo às afetações que movem meu caminhar diário, de uma maneira distinta e diversa da que costumeiramente vislumbramos no caminhar acadêmico que se mostra e se consolida entrelaçado à autoridade masculina e falocêntrica.

Por tanto, excitada pelo que venho construindo até aqui, peço não só licença poética e filosófica, mas também literária, adentrando os universos dos contos, utilizando nossa necessidade humana de contar e escutar histórias e/ou estórias. Para isso utilizo como estratégia a composição de narrativas curtas que surgiram nos encontros e conversas com as jovens mulheres, narrativas que buscam expressar os acontecimentos e encontros experienciados na narração de si, incluindo também as escritas de si que me oportunizaram realizar esta escrita.

Ao experienciar os momentos e encontros com as jovens e mulheres, senti que cada relato oral e narrativa, ao dialogar com meus pensamentos, compunham contos, estes que precisavam espaço de centralidade e alguma, ou muita, liberdade. Assim como Boessio (2021), percebi que as jovens e mulheres, falavam de si, mas falavam também de mim e de muitas jovens mulheres que vivem a composição diária de sua subjetividade em espaços acadêmicos e coletivos. As narrações e escritas de si eram reveladas nos encontros que tínhamos, antes mesmo do processo pandêmico, mas em especial, durante as conversas virtuais que nos foram impostas pela crise sanitária que nos atravessava.

Tocada por Boessio (2021) quando esta narra os encontros com as mulheres compositoras de sua escrita, antes mesmo de expressar suas oralidades me vi afetada, também pelo que Vladimir Safatle, doutor em filosofia pela Universidade de Paris VIII e professor livre-docente do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP desde 2003, menciona por verdadeiros encontros. Safatle (2020), em seu livro *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o*

fim do indivíduo, dialogando com as perspectivas de Jacques Lacan, compreende que os verdadeiros encontros com o outro, acontecem quando o outro nos despossui da ideia fixa e cristalizada de quem imaginamos ser, foi assim que me senti com elas, pois a experiência do encontro com cada jovem mulher me despossuía de mim mesma, do que estava pré-estabelecido no meu pensar. Era incômodo, muitas vezes, ouvir o que estava sendo dito e meu corpo afetado com os relatos não escondia a experiência psíquica que eu vivia estando com elas, vendo com elas, ouvindo com elas, experienciando com elas, refletindo com elas. Tudo que estava a experienciar me mostrava que as coisas não permaneceriam no mesmo lugar e alguns pensares eram pulsantes em mim, todo o experienciar era disruptivo e o que eu apreendia com os meus sentidos era que algo para além do que até então eu estava cogitando, se manifestava.

Múltiplas histórias e conexões eram atravessadas em mim e eu como tecelã responsável pelo entrançar dessas subjetividades, memórias, afetos e trajetórias – algo que ninguém mais tem acesso da forma como tive – busquei recriar minha experiência psíquica com cada uma delas, assim como suas experiências psíquicas no e com o universo educacional e suas memórias históricas vinculadas à cooperativa-escola. E foi ali, nesses encontros, e nessas experiências, que brotava em meu processo criativo a possibilidade dos contos, que em um primeiro momento ganhou resistência em meu corpo e em meu pensar enrijecido de uma construção do saber que não permite as afetações, aos poucos fui soltando as amarras imperceptíveis que insistem em fazer morada no corpo. Havia um grande conflito nesse desenrolar, visitavam-me os pensamentos de repressão ao mesmo tempo que eu era forçada à imaginação, não ao acaso trago aqui o pensar ético de quem pesquisa, pois foi isso que me revelou os caminhos pelos quais eu gostaria de percorrer, foi ao refletir sobre minha existência no mundo que pude, em certa medida, escolher e agir de acordo com o que desejo construir coletivamente, embora a tarefa seja árdua e o caminho longo de transformações almejadas.

As provocações teóricas de Paulo Freire, bem como sua práxis ético-político-educativa, evidenciam a necessidade de transgressão para que sejam alcançadas mudanças radicais e transformações sociais em direção a um *sonho possível*, para que assim possamos tornarmos sujeitos da história. Inspirada em seu fazer permito-me algumas transgressões dos manuais pensados e pré-estabelecidos pela cátedra acadêmica. Sem perder a rigorosidade e o comprometimento com a construção do conhecimento permito-me caminhar em direção a outros sentidos do saber, experienciando outras formas de conhecer e refletir que não se encerram ou se aprisionam em escritos “universais e totalizantes” como nos diria Michel Foucault. Permito-me mais a reflexão e a abertura crítica das questões que emergiram com e no processo investigativo, bem como nos encontros que foram possibilitados pela jornada, do que

propriamente um caminhar fechado em suas (e minhas) conclusões interpretativas. Assim provoço um ampliar de horizontes reflexivos que são possíveis e muitas vezes impensados, para além de um destino previsível que comumente se espera ao fim de um percurso investigativo. E é assim, que também percebo os contos apresentados aqui, pois estes estão passíveis a modificações de acordo com suas transmissões orais, bem como com a possibilidade de ampliação de suas reflexões.

Quem me inspirou em uma certa medida de ficcionalidade na arena acadêmica foi Chirley Mendes, ainda quando, sincronicamente, encontrava em Boessio (2021) o entendimento e o mergulho em uma escrita afetiva e performativa. A sensibilidade de Chirley (2018) expressa em sua composição, do início ao fim de sua tese, me inspirou a construir também uma história ficcional mesclando as histórias tornando-as estórias, mas preservando seus dilemas e reflexões, características de seus percursos de caminhada e nossos encontros psíquicos, sem comprometer com a identidade das jovens que se puseram em expressão. Sua composição de histórias na medida em que busca manter a fidelidade ao que considera relevante a respeito das particularidades das trajetórias, também se “converte em outro percurso, que cria uma outra e nova narrativa”. (MENDES, 2018, p. 1).

Assim, inspirada na produção de novas narrativas, como também se aventura Mendes – e já comunicado aqui anteriormente com Foucault e Rago – vou tecendo narrativas, que foram sendo reveladas ao decorrer da pesquisa, fui recriando as afetações, assim como propõe Moriceau e realiza Boessio, em mim e minha experiência psíquica dos encontros com essas jovens mulheres. Com essa conduta a criação das narrativas expressas nesta tese acontece, de tal forma, uma vez que nossas vidas se atravessam, nossos percursos se entrelaçam e nossas experiências dialogam. À semelhança de Mendes, a construção deste caminhar de escrita revela “elementos que considere relevantes para pensar as questões relativas às experiências da juventude nesse contexto, por meio de uma perspectiva que parte da ideia de **composição das subjetividades, dos corpos, dos afetos** e dos arranjos cotidianos da vida ordinária” (MENDES, 2018, p. 2, grifo meu).

Recordo-me de Maria Catarina Chitolina Zanini durante a qualificação de meu doutoramento, sua fala declarava a extrema relevância dos estudos que refletem a presença e importância das mulheres, em especial das jovens nos contextos cooperativos. E aqui as trago em suas presenças, em suas falas, narrativas e existências, assim como, nossas afetações durante o processo investigativo. Como já indicado nos primeiros encontros da caminhada, meu percurso teórico perpassa um olhar atento para as juventudes, em conjunto, ao desvelar seus

dilemas e sonhos adentro nas construções e relações de gênero e suas implicações históricas na sociedade. Com isso, também destaco e tensiono as presenças e/ou ausências dessas juventudes no movimento cooperativista. Quis saber suas dores, suas alegrias, seus sonhos e caminhos trilhados assim como os meus, o que ainda não foi dito, o que está sendo silenciado e negligenciado. Intencionei o descortinar das experiências juvenis e aprender com seus dilemas e conflitos ocultados, uma vez que pulsantes vivemos na juventude a constituição de nossas identidades, nossas construções formativas, educacionais e profissionais, como também intensificamos relacionalmente o contato com diversos dispositivos de poder nas relações consigo, com o outro e com o coletivo.

Freire usava de uma estratégia admirável que era nomeada por ele de “falar um livro”, o objetivo dessa tarefa era reunir educadores e amigos em uma “boa conversa”, em um diálogo sério e, no entanto, com um estilo que tornava “mais fácil ler as palavras”. Assim ele os chamou de “livros falados”, onde o intuito primeiro estava em “falar o livro” e depois transcrevê-lo e organizá-lo (FREIRE; HORTON, 2003). Inspirada em suas conversações que davam corpo e vida aos seus “livros falados” percebi que ao encontrar com as jovens e mulheres, bem como ao ouvir suas narrativas, nos tornávamos próximas e enredadas em uma teia dialógica de conversações – essas que já anunciava no período de qualificação, quando propunha *entrevistas conversacionais* a partir de Helen Simons.

Naquele momento, podia eu visualizar os “livros falados” que eram expressos em cada oralidade, em cada memória, em cada trajetória e existência, que torna característico, em especial, a narrativa contada por todas a respeito da história da cooperativa-escola. Assim, além de extrair os contos destas jovens mulheres que serão ponte para as reflexões adiante, também componho uma narrativa comum histórica feminina da CESPOL. Uma narrativa comum, que em alguma medida é ficcional, uma vez que entrecruza os relatos individuais e suas experiências nesses espaços institucionais, produzindo assim uma nova narrativa histórica. Uma história narrada por mulheres e jovens, uma história que normalmente é contada pelo sujeito masculino e universal, por lentes patriarcais, que tem por referência invisibilizar as mulheres.

Por isso transponho aqui, por meio de palavras, o que antes foi transmitido oralmente por elas, elas produzem e constroem comigo esse conhecimento. E eu, responsável por organizar e editar essa narrativa comum, de alguma forma precisei, mesmo buscando as sutilezas, as espontaneidades e as descontinuidades das falas, costurar os diferentes tecidos produzidos em diálogos com, no intuito de elaborar algo como uma colcha diversa, colorida e coesa. No entanto, tal costura tem o interesse de facilitar e aproximar a leitura de quem

desfrutará deste texto assim como pude ao participar das conversas e transcrições, considerando suas afetações e o que recorrentemente Paulo Freire evocava a respeito dos sentimentos, emoções e sabores que a leitura pode provocar. Além disso, inspirada no destaque que as mulheres, parceiras de pesquisa de Boessio (2021) ganharam em sua escrita, evidencio que, tanto na narrativa comum coletiva, quanto nos contos, as falas das mulheres serão preservadas e não estarão recuadas, pois constituem a tecitura do corpo textual, nelas, alguns destaques serão feitos a partir de meu olhar reflexivo e de minhas intervenções *senti-pensantes*. Ainda, utilizo de nomes fictícios para preservar identidades que não só as das mulheres e jovens, mas também de outras existências que compõem as narrativas.

Antecipadamente, antes de partirmos para a próxima estação, esta que nos revelará o caminho da cooperativa-escola trilhado e contado coletivamente, anuncio, que mais à frente nos esperam contos que emergem das narrativas e escritas de si das jovens e mulheres (não só delas, mas também de meu diário reflexivo), com sua medida ficcional, eles nos permitirão o encontro com os sentidos, estes mobilizados, metaforicamente, com o frio rigoroso do inverno, o florescer da primavera, igualmente com o aquecer intenso do verão e, ainda, com o renovar do outonal. Portanto, peguem suas passagens que o trem já está de partida. Avistaremos em seu trilhar paisagens únicas que foram reconstruídas e restauradas por suas memórias e afetos. É hora de conhecer a CESPOL e nada mais justo que pegarmos esse trem de forma coletiva com quem já conhece os caminhos e pode nos contar melhor sobre eles, sobre suas construções, desconstruções e reconstruções. Que você possa, aqui, assim como eu, abraçar a beleza dessa trajetória e observar as durezas e bonitezas desse caminhar!

3 ESTAÇÃO COLETIVA CONTAÇÃO: NARRATIVAS DE MEMÓRIAS ENTRECRUZADAS DA CESPOL

Atenção senhoras e senhores passageiros! Dou as boas-vindas à estação histórica da CESPOL. Aqui vocês farão um passeio pelo tempo e acontecimentos da cooperativa-escola, esse que será conduzido pelas contações coletivas de mulheres jovens (presidentes) que circulam ou já circularam esse espaço em algum dado momento e tiveram suas vidas atravessadas por este caminhar. Poderá também ser avistado no caminho, algumas interrupções e destaques de meu *senti-pensar*, inevitáveis no processo de conversação.

Aviso que esta estação está organizada para que seja possível ouvir e ver os entrelaçamentos cotidianos da instituição e as complexidades e tensionamentos que a cooperativa-escola enfrenta, percebendo também que ela só pode existir por meio das e dos sujeitos que a constituem, essas vidas ganham destaque e suas narrativas são ponto de partida para o contar coletivo da CESPOL. Na condição de relembrar memórias, esta estação revela existências que fazem história e se constituem, da mesma forma, com ela. Por tanto, vocês serão guiadas, guiades e guiados agora por elas: *Olívia e Lótus*. Desejo a vocês um prazeroso passeio, cheio de descobertas e surpresas! Passo agora a palavra para elas, é com vocês jovens mulheres, estamos vibrantes na espera de suas partilhas!

[Nesse momento de conversação, abre-se o espaço para as jovens presidentes. Aqui, *Lótus* e *Olívia*, atual e ex-presidente da CESPOL, compartilharão suas presenças, suas experiências e nos propiciarão ver, em especial e de forma mais intensa, os sabores e dissabores das mudanças ocasionadas com a transformação dos ramos de representatividade no movimento cooperativista OCB. Bem-vindas e fiquem à vontade, a fala agora é de vocês!]³²

[Fragmento de relato de *Olívia*:] Muito obrigada, primeiramente eu queria agradecer o convite. Nós estamos honradas por estar fazendo a representação aqui da CESPOL. Eu vou apresentar um pouquinho pra vocês sobre a CESPOL. **A CESPOL nasceu em 15 de abril de 1987.** De 3 cooperativas que nós temos contato do estado, que são cooperativas-escolas, nós

³² O compartilhamento ocorreu em outubro de 2020, como atividade da disciplina de Ramos do Cooperativismo I, no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Na ocasião, estava alocada no campus de São Lourenço do Sul/RS enquanto professora temporária do curso, e ministrava a disciplina junto da, também professora temporária, Amábile Tolio Boessio.

somos a mais nova e **nascemos a partir da Cooperativa-Escola dos Estudantes em Agropecuária, que antes se chamava COOPEASM, nós somos sediadas dentro da Universidade Federal de Santa Maria na unidade de ensino chamada Colégio Politécnico da UFSM, que era antes o Colégio Agrícola de Santa Maria.**

Nós temos um convênio com a UFSM, pra sediar a nossa sede, antes no Colégio Agrícola agora no Politécnico, e também esse convenio nos permite administrar tudo, todos os recursos provindos da lavoura experimental. Então antes, no Colégio Agrícola, todo esse valor ia pra União e não ficava nada pra instituição, só os repasses, né, de sempre. Só que existia muita demanda do Colégio Agrícola e pouco repasse de verba, e então teve um incentivo do governo na criação das cooperativas-escolas justamente, pra ser tudo administrado pela cooperativa, o que vem da lavoura, por exemplo. Nós não temos nada, nenhum bem em nosso nome e de acordo com o convenio, todos os nossos equipamentos, eles são doados para universidades. Nós não podemos ter nada no nosso nome, mas isso daí não é o problema, porque nossa maior intenção é ajudar a promover o processo pedagógico.

Nós dizemos que a CESPOL, ela é uma cooperativa que veio pra ajudar na qualidade de ensino, então, nós tivemos em 2011, isso foi praticamente muito recente, né, quase 10 anos a reforma estatutária. E por que a gente fez uma reforma estatutária? O Colégio Agrícola passou a se chamar Colégio Politécnico, não abrangendo só o curso técnico em Agropecuária e, sim, diversos outros cursos técnicos, de graduação, pós-graduação e ensino médio, ali no Colégio Politécnico. Então não fazia sentido a cooperativa só trabalhar com o técnico em Agropecuária sendo que a cooperativa era do colégio, era dos associados [estudantes]. Então a partir disso a gente teve uma reforma estatutária tentando abranger todas as áreas de ensino do Colégio Politécnico, tá?! E o que que a gente vê? Ano passado então a gente teve a mudança dos ramos³³, né, efetivamente, e quando a gente soube dessa questão das mudanças dos ramos nós estávamos no encontro de cooperativas educacionais e quando falaram que a nossa modalidade, que é uma cooperativa-escola provinda de escola técnica agrícola, seria da parte de agro, do Ramo Agropecuário, foi um choque pra nós. Não foi algo que foi fácil de ser aceito porque nós vínhamos alguns anos trabalhando em questão de representatividade dentro do Ramo Educacional, porque como nós somos poucos nós temos que fazer barulho pras instituições, a OCERGS, e os demais do ramo nos ouvirem, porque

³³ Algo que logo mais à frente será explicado por *Olívia*.

nós também **fazemos parte do sistema e nós também temos anseios** e temos **necessidades** e queremos compartilhar também com vocês pra crescermos juntos.

Então nós **víamos um trabalho de reconhecimento**, o ramo, **os representantes dos ramos, começaram a fazer visitas na nossa sede, nos chamar para eventos** e chegou então no final de 2018 o convite para eu participar do Conselho Consultivo do Ramo Educacional. **Eu era a única representante diferente**, né, podemos dizer diferente, porque **os demais representantes são de cooperativas de professores, mantenedores de escolas**, então eu vi ali uma oportunidade da gente compartilhar os anseios e soluções e também, como cooperativista, a compartilhar os nossos pontos de vista de fora, porque **grande maioria não faz tanto processo de sucessão ou tem visões muito engessadas sobre o sistema**. Resumindo, a **intenção da gente entrar como estudantes era pra criar... instigar sobre coisas novas e nós estávamos conseguindo fazer** essa questão. Sobre o processo então burocrático, em relação a mudança do nome [do ramo] do agro, não mudou praticamente nada do nosso processo burocrático. **O que muda mesmo então é a questão da representatividade, pois nós não temos...**

Então, vou aproveitar e falar um pouquinho sobre o Ramo Agropecuário e o Ramo Educacional pois, **nós fazemos parte do Ramo Educacional e a gente passou pro Ramo Agropecuário** e nós não poderíamos deixar de dar uma pequena reclamada histórica sobre o Ramo Agropecuário e o Ramo Educacional, né [risos]. **O Ramo Agropecuário é um dos mais antigos historicamente de constituição de cooperativas aqui no Brasil**, né. Então o cooperativismo agropecuário ele tem uma grande importância e participação aqui na economia do Brasil, né?! Ele é responsável por quase **50% do PIB agropecuário** e de acordo com o Ministério da Agricultura, e os dados do último censo (2010), **o IBGE conta que 48% de tudo que é produzido no Brasil passa de alguma forma pelas cooperativas**. São 1613 cooperativas em atividade em todo o país e que reúnem 1 milhão de associados e gera cerca de quase 210 mil empregos, isso conforme a OCB, né.

Então **o Ramo Agro ele tem atuação na produção, industrialização da produção, comercialização da produção e assistência técnica e extensão rural**. Nos últimos anos, tem estado em bastante foco no constante desenvolvimento dos profissionais e na questão do aprimoramento da gestão e da governança cooperativa. Mas vale também ressaltar que essa profissionalização não pode ser só feita com dirigentes ou colaboradores e sim com os associados da cooperativa, assim, pra entender o real motivo para estar lá dentro, pra ter realmente a participação. Então tem como desafios, muitos desafios que são muito similares

com vários outros ramos que é a participação dos cooperados, né. E também principalmente na questão das políticas públicas, nas contratações públicas, isso me lembra muito a questão da agricultura familiar e no trabalho em conjunto com PNAE [Programa Nacional de Alimentação Escolar] e com PAA [Programa de Aquisição de Alimentos].

Outro desafio, que é de praticamente todos os ramos, é a participação das mulheres. Nós temos visto um grande movimento das mulheres empreendedoras do Ramo Agropecuário também. Nós vemos grande movimentação, mas ainda é um processo, é gradual. **E a questão da educação cooperativa também, nós vemos que tem grandes trabalhos...** tem o jovem aprendiz do campo, de levar pro associado algo sobre a participação, a questão das assistências técnicas, né. E também o fomento de levar o jovem novamente pro campo, esse é um grande desafio né, mas que tem sido feito trabalhos muito grandiosos em relação a isso.

E o Ramo Educacional, né, ele foi criado a partir das necessidades que os pais e professores tinham na época... por um ensino de mais qualidade e mais incentivo e valorização dos profissionais. Então, no que se refere os parâmetros de atuação deles, é... **qualidade de ensino, projetos técnicos pedagógicos, pelo aumento desproporcional das mensalidades na época, pelo número restrito de vagas em algumas localidades e buscar pela melhor remuneração dos professores.** Então a gente caracteriza o **cooperativismo educacional** como o **conjunto de empreendimentos cooperativos** que tem como **objetivo promover a educação nas escolas, a fundação de estabelecimentos de ensino ou manutenção desses empreendimentos como uma proposta de gestão democrática.**

A atuação do Ramo Educacional era, né, porque teve... ainda é, mas era, né, ele é **multifacetado, então não é apenas uma cooperativa.** Sendo que a atuação dela depende muito do que é a **segmentação do tipo de cooperado.** Então **uma cooperativa ela pode ser de professores, pode ser de pais e professores ou de alunos de escolas técnicas,** é muito de acordo com a composição do quadro social. **E quais são os desafios dos ramos, desse ramo [especificamente]? Também é a participação das mulheres. Dentro da CESPOL não [aparece] só a questão da participação, pelo menos da participação das mulheres, da equidade de gênero dentro dos cargos de alta liderança, mas sim trazer diversidade pra dentro do nosso quadro de associados e principalmente dos cargos de diretoria.** E isso também é **um desafio pras outras demais cooperativas do educacional.**

A educação cooperativa [outro desafio], **por mais que estejamos falando de cooperativas educacionais, muitas vezes, pecamos em não fazer a educação cooperativa com sócios.** Isso eu digo, [porque] eu **fiz parte do Conselho Consultivo do Ramo Educacional aqui do Rio Grande do Sul,** então nós tinha, por mais que a grande maioria das

cooperativas fosse de professores e nós somos a minoria, que é cooperativa-escola, **nós temos os mesmos anseios**, nesse sentido.

A atuação jovem dentro das cooperativas também é algo que é um grande desafio, né, e a inovação do ensino. Aqui no Rio Grande do Sul existe só duas cooperativas-escolas registradas pela OCB e são três em atividades. Então, como é que ficou essa questão da mudança dos ramos? Nós, então, ficávamos no Ramo Educacional, junto com os professores, pais e alunos, esse ramo passou a compor agora os ramos: de Trabalho, Produção de Bens e Serviços ([neste coube] o educacional só dos professores); de Consumo ([onde estão alocadas] as cooperativas de pais) e **ainda no Agropecuário** ([estamos] nós, que somos cooperativas de alunos de escolas técnicas de produção rural).

[No processo de mudança dos ramos] **não tivemos nenhuma recepção ou alguém veio nos procurar do Ramo Agro. A gente sentiu falta**, assim... *sejam bem-vindos*, sabe? Por mais que isso muitas vezes não ocorra, mas é que nós somos tão poucos e... nós passamos a introduzir esse grande ramo, né?! Então a gente sentiu muita necessidade, muita falta disso, e esse é um dos maiores anseios que nós temos... sobre o que a gente estava construindo, **a questão da representatividade**. Daí a gente tá construindo a nossa voz dentro do cooperativismo e existe muito receio dessa nossa voz ser apagada, porque em eventos que já participamos as vezes nós somos... **passamos por “chatos do Colégio Politécnico”**. Não é questão de ser chatos, mas, é... como os professores falam, **nós estamos criando formadores de opinião e... pessoas críticas, então nós acabamos levando essas discussões para os eventos que nós vamos** e coisas que acabamos notando que precisam de uma melhoria, ou não ficou muito claro. Então, às vezes, **não gostam de ser questionados em alguns certos pontos**. Então a gente, sei lá, era **“os chatos de Santa Maria”**, mas era muito legal essa questão da representação que a gente tinha e a gente está muito na dúvida agora como é que vai ser os próximos passos porque agora veio a pandemia e foi... tá sendo tudo muito novo pra tudo mundo, né, e a gente está aguardando então os próximos passos pra ver o que vai ser nós no futuro com a agro.

Nós, ainda, **temos uma certa resistência sobre “fazemos parte da agro?”**, porque... o nosso estatuto ele **abrange assim a questão é do processo educacional**, sabe? E uma das conversas que eu tive, **“Ah, por que nós estamos sendo alocados pro agro? Sendo que a gente não é... a gente é uma escola politécnica e não mais uma escola agrícola, né?!”** Disseram que era **por causa do nosso balanço**. Então, a grande maioria do **nosso balanço é provinda da nossa lavoura experimental**, mas essa não é a única atividade do projeto, seguindo a *Lótus* vai apresentar mais um pouquinho. Então a gente sentiu que não fomos muito

bem atendidos nos nossos anseios e nas nossas preocupações, mas... **se é para nós ficarmos no Ramo Agropecuário, nós vamos mostrar que... somos cooperativas educacionais e fazemos parte desse ramo e nós então queremos ver a movimentação em relação a educação.**

Bom, **o que é, então, uma cooperativa-escola, né?** A cooperativa-escola, ela **vem através de um plano, um incentivo do governo, das escolas fazendas, né,** pra trazer o **senso de responsabilidade de gerir uma organização, a geração e administração de recursos e auxiliar, principalmente, no processo de ensino pedagógico.** Eu vou passar pra *Lótus* agora, pra ela apresentar mais um pouquinho pra vocês sobre o objetivo, da CESPOL, pra vocês conhecerem mais um pouquinho e ao longo [da conversa] a gente vai debatendo. É contigo *Lótus!*

[Fragmento de relato de *Lótus*:] Ótimo! Bom, **como objetivos da CESPOL** a gente tem: **“proporcionar aos educandos um ensino teórico e prático do cooperativismo e que sirva de instrumento para a fixação de um melhor aprendizado na formação profissional”.** É muito interessante pra gente, principalmente pros alunos do curso de Gestão [de Cooperativas], a gente ter a oportunidade de tá **colocando aquilo que a gente tem em sala de aula na prática.** Então **a CESPOL é nosso laboratório prático,** pra gente poder colocar em prática o que a gente aprende em sala de aula.

[Continua com os objetivos] **“Apoiar a escola no aprimoramento de sua ação educativa, integrando suas atividades do currículo e viabilizando na prática a fixação de conhecimentos necessários à formação integral e do técnico”,** né?! Então, como a gente vinha falando, a gente tem essa oportunidade de tá conseguindo colocar em prática o que a gente aprende em sala de aula. E, **“Promover a defesa econômica dos interesses comuns, objetivando a aquisição de materiais didáticos e insumos em geral, necessários ao processo de ensino-aprendizagem”.** A CESPOL facilita muito isso pra gente com **a aquisição de materiais,** às vezes, as salas de aula não têm **materiais pras aulas práticas,** e a CESPOL auxilia também.

[Continua com os objetivos] **“Realizar a comercialização dos produtos agropecuários, decorrentes do processo de ensino-aprendizagem, bem como a prestação de outros serviços de conveniências do ensino e do interesse dos sócios”.** Há um tempo atrás, a gente tinha também, no Técnico em Alimentos, que muito daquilo que era usado em aulas práticas a gente comercializava pra poder ter um recurso que ficava disponível pro curso, pra utilização futura. E também a gente tem a própria Floresce, que é a nossa floricultura, que a gente tem dentro do Colégio Politécnico. São exemplos que a gente pode dar, que os alunos do

Técnico em Paisagismo eles precisam, né, poder colocar em prática o que eles aprendem em sala de aula, então isso possibilita que eles cultivem algumas plantas, algumas flores e disso é realizado uma venda, pro público em geral, e que gera um recurso que fica disponível.

Aí o que eu preciso pra me associar à cooperativa? Precisa tá **matriculado no Colégio Politécnico**, tem que manter o vínculo, [e tem] a subscrição da cota-parte que é no valor de R\$ 21,00 (vinte e um reais). **O cooperado ele se mantém associado até o máximo de um ano após o fim do vínculo com o Colégio Politécnico**, após esse período ele é desligado da cooperativa. Atualmente **a cooperativa conta**, em média, entre **350 associados** que a gente tem.

[Fragmento de relato de *Olívia*:] Só deixa eu fazer um adendo na questão da **composição da diretoria e tempo de mandato...** eles são de **1 ano**, então todas as nossas AGO's [Assembleias Gerais Ordinárias] têm eleições de diretoria e conselho fiscal novo. E só vale ressaltar que **essa cooperativa ela é de estudantes para estudantes**, então **apenas os estudantes vinculados ao Colégio Politécnico podem ser associados, não temos professores e nem servidores técnicos**. Desculpa *Lótus*, vou passar a palavra [risos].

[Fragmento de relato de *Lótus*:] [Risos] A gente sabe que muitas vezes é necessário fazer **algumas visitas técnicas** e normalmente **a cooperativa ela auxilia muito** nessa questão. Muitas vezes os alunos vão ter que viajar para outra cidade e então **a cooperativa auxilia com uma parte dos custos desses alunos a essas viagens**, então isso é muito bom pra quem muitas vezes não tem condições. A gente **também tem patrocínio em eventos**. Inclusive uma coisa bem interessante, a gente também tem na nossa sede alguns produtos à venda dos cursos técnicos e dos cursos superiores que a gente também tem no colégio. Entre cuias, camisetas, canecas e inclusive bombas, né, pro aluno poder, [caso] no meio da aula quiser tomar um mate tem o produto do próprio curso. E além de ter um desconto diferenciado pra quem é associado, a gente também auxilia na aquisição de livros e revistas, porque às vezes existe uma demanda de um professor de ter ou precisar de algum livro pra ele utilizar nas aulas. Então **a gente também auxilia na compra de livros pra poder ter um ensino aprendizagem de qualidade**.

A gente apoia muito, **todos os projetos de ensino, pesquisa e extensão registrados no Colégio Politécnico**, [por exemplo] o nosso **Projeto Zelo**³⁴ que a gente [apoia]... pra quem

³⁴ Projeto de extensão universitária, que busca conscientizar a comunidade acadêmica e local de que é preciso cuidar dos animais e que eles precisam de um lar aconchegante com os cuidados necessários. Ainda cuida dos animais que são abandonados ou vivem na universidade.

tem a oportunidade de conhecer nossa sede, [vai ver que] também **tem alguns animais que são comunitários**. É muito bom tu viver num ambiente onde tu pode ter aquele convívio com gatinho, com cachorro... então o Projeto Zelo é um dos [que] a gente apoia também. A nossa **Polifeira**³⁵ [é outro exemplo] **que são alimentos que são vendidos, que o pessoal produz no interior e acaba trazendo pra cidade**. Produtos inclusive que não tem nenhum agrotóxico, nada que possa prejudicar a saúde, **são alimentos livres de qualquer agrotóxico**.

Tem a **CESPOL publicações** que é uma coisa e a CESPOL é outra coisa. A CESPOL publicações ela é pra publicação de alguns artigos, livros que a gente muitas vezes tem a demanda de alguns cursos. Hã... em eventos que estão sendo planejados, um dos eventos que a gente quer promover também que com a pandemia a gente tava sempre acostumado antes a fazer [é] o **Café Cooperativo**³⁶, que a gente tá pensando em fazer online este ano, cada um com seu café em casa, pra poder falar um pouquinho das experiências dos alunos que já se formaram, que estão se formando. Pra falar o que eles tão sentindo com essa mudança toda, até inclusive da própria pandemia, pra poder compartilhar alguns dos desafios que estão tendo.

[Além disso] A participação da cooperativa em eventos educacionais eu acho que isso proporciona a gente conhecer um pouquinho mais as dificuldades das outras cooperativas, os desafios e oportunidades que as mesmas estão tendo, isso faz com que a gente aprenda muito até inclusive pra própria gestão. **Ampliar a intercooperação**³⁷, [por exemplo] a gente tem a nossa lavoura experimental, então isso vai possibilitar a gente fazer intercooperação com outras cooperativas. Inclusive posso citar, [que] a gente tem a Sicredi [Sistema de Crédito Cooperativo] e a Campal [Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma], temos a Cotrisel [Cooperativa Tritícola Sepeense] que também nos apoia muito e [são] apoiadores da cooperativa.

[Fragmento de relato de *Olívia*:] Eu só tenho um adendo a fazer... é bem rapidinho, que... **é nossa responsabilidade fazer o futuro do futuro**. Então, **como cooperativistas que somos, cabe a nós ocupar esse espaço de fala e representação e questionar sobre esses processos de mudança**. E sobre a CESPOL, nós estamos sempre tentando aplicar tudo aquilo que aprendemos no curso, nela. Por exemplo, nós **trabalhamos apenas com**

³⁵ Uma feira que acontece no campus universitário. Resultado de um projeto de extensão rural do Colégio Politécnico da UFSM. Iniciou em 2017, com o objetivo de aliar ensino e pesquisa, orientando as agricultoras e os agricultores no sentido de uma produção saudável, buscando a redução de uso de agroquímicos.

³⁶ Promovido pela CESPOL reúne estudantes e egressos do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, bem como de outros cursos, para a troca de experiências sobre a área.

³⁷ Um dos 7 princípios do cooperativismo moderno e que estimula a parceria entre as cooperativas.

cooperativas pra fazer todas as nossas demandas, e isso **tá no nosso estatuto agora**, na reforma estatutária. Então são questões que a gente sempre vem reafirmando e essa questão da intercooperação, só pra finalizar, ela vai ser uma oportunidade da gente resgatar a nossa essência porque agora, somos então Ramo Agropecuário. E nada mais, nada menos do que alinhar nossas forças com essas cooperativas, inclusive com as outras cooperativas-escolas, é retomar nossa essência do que foi feito há 33 anos atrás pra funcionar nossa escola de hoje. Então eu agradeço novamente o convite, nós estamos à disposição e o convite fica aberto para quando passar essa pandemia visitar a nossa sede da CESPOL na UFSM. Muito obrigada!

[Enquanto as ouvia *senti-pensava*: Que maravilha ouvir vocês assim! Foi passando um filme em minha mente, pois em 2011 eu estava lá, também repesando o estatuto, estava na diretoria naquele momento. E perceber os rumos que a cooperativa tomou me afeta. Isso porque, quando surge o curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativa, no Colégio Politécnico da UFSM, inicia-se uma retomada de compreensão de como funciona uma cooperativa em si. Ela acontecia, mas não se entendia muito bem o que era o cooperativismo, como se fazia a gestão. Então, ver essa caminhada de mais de 10 anos, é uma alegria enorme. Intervenho também pensando que a CESPOL sempre teve a representatividade juvenil, até mesmo, por conta da faixa etária da maioria das e dos estudantes, mas, perceber também a importância e o envolvimento das mulheres, ver duas presidentes no compartilhamento desse processo, é combustível para meu movimento, ainda mais pelo momento que vivemos, onde é tão necessária essa representação de gênero.]

[Aproveito a ocasião, pois eu já sabia que a *Olívia* havia participado de um programa de liderança, então menciono que gostaria de saber como foi sua experiência e ela gentilmente responde:]

[Fragmento de relato de *Olívia*:] Do “**Somos Líderes**” o programa do Sescoop, né, do Curso de Formação de Liderança. Foi uma experiência única e eu tava numa responsabilidade muito grande desse programa **porque além de eu ser a única do Ramo Educacional, eu ainda considero Ramo Educacional, ser presidente e mulher, ali representando**. Então, é algo que... **foi, assim, uma experiência muito vasta** porque **eu tive muito autoconhecimento** e muito... eu **aprendi a ser líder de mim pra depois ser líder dos outros**. E são questões que eu **tenho refletido na gestão da CESPOL**, porque a gente pensa muito na questão do imediatismo de fazer as coisas. E acabou que, estudando também durante esse período, mais

historicamente o que a gente passou no cooperativismo, **a gente não tinha tantos traços educacionais, inclusive dentro da CESPOL. Então, por que que a gente não retoma esses traços educacionais se foi a nossa essência lá no início? Tanto da CESPOL quanto do cooperativismo.**

Então é essa... nossa maior tarefa, que a gente tem, que é desenvolver líderes. **A sucessão também, que é ter o caso que... eu e a *Lótus*, eu também vim do processo sucessório de formação de líderes e líderes que sejam capacitados e que entendam o negócio e que represente os seus associados e os seus objetivos.** Então todos que forem participantes de alguma cooperativa, vocês podem se inscrever no Somos Todos Líderes e eu quero ver a representação de vocês lá, assim como eu participei pra representar o Rio Grande do Sul. Então eu quero ver vocês lá [em meio à risos, se refere ao modo pelo qual fala com os e as associados/as da cooperativa]!

[Aproveitando a contação da experiência de *Olívia*, intervenho perguntando quais as transformações que o envolvimento com a cooperativa-escola propiciou em suas experiências pessoais e acadêmicas]

[Fragmento de relato de *Olívia*:] Então, assim, eu **já sou formada no curso de Gestão de Cooperativas** e agora tô terminando o Técnico em Administração no Colégio Politécnico, por isso que eu ainda tenho vínculo, né. Mas **eu mudei demais durante esse processo de cooperativismo, principalmente quando eu entrei dentro da gestão da CESPOL**, porque primeiramente **eu não entendia o que era cooperativismo**, eu achei que era **algo similar a Administração** e no momento que eu entrei e eu vi que a gente tinha a possibilidade de tá aplicando tudo aquilo no laboratório de gestão, eu **me senti muito privilegiada.**

Na época eu trabalhava e eu acabei dando uma reviravolta na minha vida, porque eu larguei meu emprego, eu fui morar na casa do estudante da universidade, porque não é um estilo de vida totalmente diferente, pra poder assumir essa responsabilidade da CESPOL, pra poder viver a universidade, tudo aquilo que me proporcionou. Então eu sou muito grata por isso porque eu soube como que se faz um processo de gestão, quais são os anseios que o cooperativismo tem e que a gente pode melhorar dentro da nossa própria instituição.

O processo educacional é algo que me encanta assim, muito. Então a CESPOL mudou quem eu era e quem eu quero ser daqui pra frente, porque eu quero levar, isso adiante, sabe? É a questão da Educação Cooperativa, então contribuiu muito pro processo

de entender a teoria e colocar na prática, no mesmo momento e conjuntamente. Então, foi **uma experiência que eu sou eternamente grata** e que eu **vou levar pra minha vida**. Eu passo a palavra pra *Lótus* se não, eu vou ficar até amanhã falando [Risos].

[Fragmento de relato de *Lótus*:] Bom, eu vou resumir as palavras né, da *Olívia*, praticamente, porque **pra mim é a mesma coisa**. Eu **entrei como associada da cooperativa** em 2016, quando entrei no curso **Técnico em Contabilidade**, eu acabei me formando, depois de eu ter **terminado o técnico eu tive a oportunidade de participar do SISU**³⁸, aonde eu entrei no curso de **Gestão de Cooperativas**. Quando eu digo assim, que... logo após eu ter a oportunidade de ser acadêmica do curso de Gestão [de Cooperativas], **veio a oportunidade de trabalhar como bolsista**. Eu entrei como bolsista e **depois logo recebi o convite da Olívia** a participar da **diretoria da CESPOL**.

E eu digo pra vocês [falando de forma bastante empolgada] que **me apaixonei, eu não consigo me imaginar trabalhando em outra área se não for no cooperativismo. É algo que a gente se apaixona, a gente cresce, inclusive com os desafios, a gente aprende muita coisa e eu não digo só na área profissional, mas como pessoal também**. A gente começa a perceber que a gente amadurece muito, então eu não consigo imaginar qualquer outro trabalho se não no cooperativismo. E a gente **aprende muito a trabalhar em equipe**, porque **com o passar do tempo eu percebi que não é somente o presidente que toma as atitudes, é o grupo todo! É**, a gente começa a ouvir opiniões dos demais e eu fico assim.... eu **não sei com que palavras descrever o que eu sinto hoje!** Somente gratidão por ter tido a oportunidade de tá dentro da CESPOL, de participar como bolsista, participar na diretoria. Eu não tenho palavras pra agradecer!

Este é o momento que regressamos ao trem, a partida é imediata, ainda há outras estações para percorrer. O atraso aqui, só será permitido aos sentidos que buscarem decodificar suas afetações, pois em breve se avistarão e sentirão outros. Para isso, esteja preparada e preparado para as mudanças de estações que o *sentir-pensar* pode provocar. Sem mais dizeres

³⁸ Sistema de Seleção Unificada. O Sisu é um programa do governo federal criado em 2010 que seleciona estudantes para instituições federais e estaduais de Ensino Superior.

para o momento, tome seu acento, de preferência ao lado de uma janela, que será responsável por compor seu quadro imagético nesta viagem. Até breve!

4 ESTAÇÃO DOS ENCONTROS QUE GERAM CONTOS

“Quero convidar você a ir comigo numa excursão. Eu serei [...] guia. Uma excursão é, antes de mais nada, uma experiência com os sentidos: ver cenários desconhecidos, ouvir sons incomuns, sentir perfumes novos, experimentar comidas estranhas, deixar que a pele sinta o sol, o frio, o vento. Não se vai a uma excursão para pensar. Não se trata de concordar ou discordar. Trata-se, simplesmente, de experimentar com o corpo. Antes de partirem para uma excursão, todos deveriam ler, como devoção diária, os poemas de Alberto Caeiro: “O mundo não foi feito para ser pensado, mas para ser visto e para se estar de acordo””. (Rubem Alves, *As melhores crônicas de Rubem Alves*, 2012, p. 62).

4.1 O SILÊNCIO QUE ECOA EM MEIO AO BRANCO DOS CAMPOS INVERNAIS

Estava frio, meu corpo sentia o aconchego do calor ao despertar, quisera eu permanecer ali por mais tempo protegendo meu corpo do rigoroso inverno que se debruçava pelos campos esbranquiçados que avistava pela janela. Não pude, era um dia há tanto tempo esperado. Com um leve sorriso levantei-me, pois o frio não impedia em mim o movimento de uma possível surpresa que aquele encontro poderia causar. Peguei o casaco mais confortável e saí do quarto em direção ao fogão à lenha que faz morada em meu lar, iniciei o processo de acender o fogo, não só o que habitaria a casa trazendo conforto, mas também aquele que acenderia a queima interna de um coração que caminha vibrante em direção ao encontro. Agora, enquanto escrevo, percebo que este último já estava aceso, mas que só foi visto ao ser refletido nas chamas das lenhas que aqueciam meu lar. Depois de uma xícara de chá quente, pude finalizar as tarefas diárias que me chamavam antes de partir para o caminho combinado. Mesmo com pés, mãos e corpo aquecidos, o vento frio cortava o rosto a cada passo que eu me propunha dar, segui, com a chama acesa e vibrante pelo que poderia ser experienciado. O primeiro destino era a estação de trem, ali nos encontraríamos, e eu seria conduzida por uma viagem que não tinha controle algum. Estava pronta para qualquer desfecho menos aquele que ocorreu.

Ela era jovem, a conhecia pouco, nos encontramos em outro espaço-tempo de nossas vidas e estava curiosa para saber mais de seu caminhar. Sabia que havia mudado em alguns aspectos, afinal quem de nós não se transforma a cada novo dia? Estava esperançosa pelo que seria dito e pelo caminhar que faríamos juntas, apesar do frio que regia a sinfonia de nosso encontro. Para adiantar-me pensei em comprar os bilhetes, no entanto dei-me conta de que não sabia qual seria nosso destino, acalentei minha ânsia do viver e busquei aquecer as mãos que pelo tempo já começavam a gelar. Fui movimentando meu corpo e por vezes me assentava para esperar o tempo passar. Observava as pessoas que chegavam e já de pronto subiam ao vagão, eu curiosa buscava entre tantas e tantos quem eu aguardava chegar. O tempo passou, o vagão

já não estava mais disponível para ninguém entrar e o trem partiu. Eu permaneci ali, um pouco preocupada e ainda receosa pelo que poderia ter se passado. Decidi então esperar por mais alguns minutos antes de regressar. A movimentação da estação já estava silenciosa e outro trem demoraria a passar novamente, foi naquele momento que um jovem se aproxima, estende seu braço e me entrega uma carta endereçada a mim, sem nada a dizer apenas se retira e me deixa ali, sozinha, sentindo o frio que agora estava tomando conta de meus pés e mãos. Decido abrir e ler, era justamente de quem eu imaginava, um recado de quem ali não podia estar, era de *Helena*.

Ela que não estava ali em presença, mas estava em palavras... surpreendi-me com sua interpelação e com o caminho que me indicava seguir, por detrás de suas palavras pude ver um mapa que me levaria a algum lugar ainda desconhecido por mim. Seguindo seus escritos indagava-me a respeito do que ainda não era bem compreendido, mas que revelava o reflexo de sua ausência cheio de sua presença. Ao longe avisto o lugar indicado onde nos encontraríamos, não mais na estação, meu corpo aconchega-se no calor que seria provido pela cafeteria em que *Helena* me aguardava. Ao adentrar, vejo-a em um canto mais retirado, silenciosa observando a fumaça que evaporava de seu café. Aproximo-me com cuidado para não a assustar e com um sorriso leve, até mesmo envergonhado me cumprimenta ao meu chegar. Sento-me em sua frente e agora com sua presença, neste momento em silêncio encara-me com olhos firmes de quem contém um mundo em si, mas que ainda não pode ser revelado. Seu olhar enigmático despertava-me a curiosidade de uma criança que queria lançar-se apressada em uma conversa, mas seu silêncio profundo regia nosso encontro e eu com cautela, ia lhe dando o espaço necessário para que as palavras, que há pouco saíam com sua voz, fossem ficando à vontade com minha presença. Como já havia anunciado previamente o intuito de nossa viagem, assim como a liberdade que ela teria para conduzi-la. De forma calma, *Helena* me sinalizou que não teríamos tanto tempo e que a conversa seria breve. Enquanto aquecia-me com o café que havia chegado à mesa, observava e ouvia atenta sua expressão corporal e o que diziam suas palavras. Foi ali que ela desatou o nó que prendia sua garganta e disse:

“Talvez eu não tenha muito a contribuir contigo pois, por imaturidade na época, aceitei a pressão dos colegas para me “candidatar” e não era isso que eu realmente queria. Por conta disso, acho que não fui uma boa presidente. Hoje, depois de 9 anos, faria tudo diferente e contribuiria muito mais com os cooperados. Também não segui no cooperativismo, pois o mercado de trabalho é bem diferente do que os professores nos falam durante a faculdade e nunca consegui um emprego na área”.

Respirei profundo ao ouvi-la, precisava reorganizar o que havia sido atravessado em mim e em silêncio, minha reação primeira foi olhá-la com afeto e agradecimento por seu sincero relato. No entanto, meus pensamentos voavam sem direção, com tudo que havia sido mobilizado em meu corpo, por meio do que fora dito. Gostaria de deixá-la confortável, mesmo em meio ao desconforto que já era expresso em suas palavras. Ressoava em mim, e então emiti: Sua história de vida é importante! Todas as narrativas são importantes! Seu olhar maduro trará riquezas para refletirmos. Procuo também revelar processos que por vezes não são desvelados em pesquisas, que são até escondidos e isso é injusto com tantas possibilidades de reflexão que serão possíveis a partir das nossas experiências.

No entanto, meu cuidado com as palavras era eminente, *Helena* estava à minha frente atravessando-me com sua existência, seu olhar zeloso me observava. Foi após um de seus goles de café, que sua voz, novamente em minha direção foi propagada:

“Vou te pedir desculpa, mas vou optar por não dar meu depoimento. Conversei com minha psicóloga sobre isso e decidimos que agora não é momento de eu reviver a faculdade. Foi um período muito difícil, [...] só agora estou conseguindo pensar em fazer uma nova faculdade. Eu nunca consegui emprego na área, perdi totalmente o contato com o mundo do cooperativismo depois que me formei, então acho que não tenho nada a acrescentar [...]. Sei que você vai encontrar relatos muito melhores e mais interessantes. Peço desculpa mais uma vez, mas eu realmente não consigo”.

Um longo silêncio pairou em nossa mesa, ouvi e senti seu suspiro profundo ao findar de sua fala, minha mão sem hesitação se moveu em sua direção, tocou suas mãos trêmulas que juntas sustentavam o falar, e com um toque suave e firme só pude lhe observar. Junto com *Helena* sentia um descompasso, de quem havia sido profundamente afetada por aquele momento. Minha intenção foi acolhê-la e dizer o quanto estava grata por sua sinceridade, o quanto a compreendia, e (re)afirmar justamente esse lugar de priorização de si mesma, de um cuidado com sua história e trajetória, com tudo que estava sendo narrado. Com um leve sorriso desajeitado, ela balançou a cabeça indicando que estava bem com o momento entre nós, me agradeceu acariciando minha mão que ainda estava em contato com a sua, anunciou sua despedida e se levantou em silêncio.

A vi partir... e fiquei ali por horas repassando nosso encontro em minha memória, tentando ler os afetos mobilizados e revirados em mim. Seu silêncio de partida ecoou em mim, ainda ecoa, faz morada em meu corpo, em cada silenciamento que também carrego comigo... que tantas jovens e mulheres carregam consigo. Retorno então para casa, em silêncio. Um silêncio assombroso que também fala e desnuda uma jornada expectada. A sensação é de que estou amordaçada, porém meu silêncio grita para além das palavras, não sei o que dizer a *Helena*, pois qualquer palavra dita pode ser alimento para o desconforto. Há momentos que só o silêncio pode ser dito e é ele que contém a mensagem insistente que pede para ser ouvida.

Cá estou eu tentando entendê-la, tentando decifrá-la. Percebo, em meio aos delirantes pensamentos, que assim como aquele inverno, a presença silenciosa de *Helena* noticia as incontáveis viagens que nos são impedidas de acontecer ou mesmo que nos são forçadas a percorrer. Com sua fala breve e seu silêncio vertiginoso, ela gritou a necessidade de hibernação do nosso próprio percurso, um tempo de respiro e afastamento das arrebatadoras histórias que muitas vezes assombram nosso caminhar. Ao se expressar revelou o congelamento de estados psíquicos que não só os meus, mas também o atravessamento incontrolável do outro em nossa existência. Seria ingênuo de minha parte pensar que o mesmo só acontece com *Helena*, há muitas *Helenas* por aí, gritando com seu silêncio. Reparo que ainda há poucos ouvidos acolhendo seu silenciamento.

Estou seca
 Sou árvore
 Você me vê assim
 Eu também
 Quem tem olhos pra ver
 Enxerga
 Recolhida seiva está em mim
 Inverno passou
 Prenúncios da primavera
 Folhas pequeninas despontam em mim
 Você vê
 Eu também vejo
 Logo flores despertam
 Outras caindo estão
 E folhas pequeninas despontam

A seiva iniciou seu movimento
 Já posso parar de secar
 O verde renova
 A dor se vai
 E a beleza habita em mim.
 Você vê
 Eu também vejo
 Já não via mais.
 Agora, sorrir desperta
 A seiva que em mim corre
 Não mais se recolhe
 Seiva estou
 Flutuo pelo corpo que me habita
 Você vê
 Eu também vejo
 E assim sigo
 Florindo em mim.

(Poema encontrado em meu caderno de reflexões diárias e adaptado para esta escrita)

4.2 CONFIANÇA EM POESIA: O DESABROCHAR PRIMAVERIL DAS JUVENTUDES

*“Eu quero saber me querer com toda a beleza e abominação que há em mim”, começo esta autodescrição com o trecho da música “Sombra” da cantora Pitty³⁹, no qual sinto que representa o meu momento de autoconhecimento. Nesta caminhada que estou percorrendo já me vi presa em amarras, onde sonhos eram oprimidos e o instinto de sobrevivência era diariamente ligado. Mas assim como o poema *Desiderata*⁴⁰ traz “Você é filho do Universo, irmão das estrelas e árvores. Você merece estar aqui, e mesmo sem você perceber, a Terra e o Universo vão cumprir o seu destino” voltei meus olhos a me compreender, me libertei de correntes e me tornei leve, livre pra ser feliz e buscar meu lugar ao sol, e com certeza meu*

³⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=RmdcgOThnkI> para entender a escrita de Olívia.

⁴⁰ Poema em prosa do início dos anos 1920 do escritor americano Max Ehrmann.

lugar está no cooperativismo, onde apesar de um intenso trabalho a ser feito, é o que aquece meu coração e que se tornou parte da minha essência. Honro minha história, cada passo que dei e cada pessoa que cruzou esta caminhada, foram relevantes para quem estou me tornando, e hoje só olho para trás para ver o sol se pôr. Eu sou Olívia, dona de mim, filha, irmã, aluna, sonhadora, cooperativista” (Olívia, escrita de si, 2021).

Após um rigoroso inverno, alguns brotos e flores indicam a chegada da primavera. O canto dos pássaros já está diferente aos ouvidos, anunciando o contentamento, que chega noticiando o calor que pouco a pouco vai dando sinais. São tantos detalhes, tantas cores, tanto florir que escapam aos nossos sentidos, queria construir aqui uma paisagem imagética de tudo que foi dito e experienciado no narrar de *Olívia*, mas não pude, nem de longe consegui trazer todas as afetações que ela me proporcionou ao seu compartilhar. Contudo, espero com o coração pulsante, que possamos nos aventurar, um pouco, por suas experiências e jornadas. Por se tratar de um encontro que encanta os sentidos e se tornam incontáveis os pormenores, deixo o estrelato para a estação e sua particular vivacidade, assim como espelha *Olívia* em sua escrita e narrar de si.

O combinado era que nosso encontro iniciasse na estação de trem, ali compraríamos nosso bilhete, *Olívia* gostaria de me apresentar um lugar, fazer-me uma surpresa de seu destino. Assim aconteceu, segui sua sugestão e confiei em sua guiança. No horário combinado estava lá, era início da tarde, pois aproveitaríamos a boniteza do dia para nos deleitarmos em conversa com um pretexto de piquenique. Não longe, descemos em outra estação, antes não conhecida por mim, acabei fazendo viagens mais longas ou curtas demais para descer por ali. Fomos seguindo por entre as flores e nos acompanhava um beija-flor, como se ele soubesse por onde pisariam nossos pés. Com seu entusiasmo, *Olívia* apontava para a multiplicidade de minúcias que continha nosso percurso. Chegamos então a uma praça histórica, nem podia ver seu fim, no entanto, enxergava a grama esverdeada, o curso de água que a cortava, bancos preenchidos e outros vazios, árvores gigantes e outras em seu despontar inicial, sorrisos caminhantes e gargalhadas que se escutavam ao longe, estas embaladas pelo ar primaveril que desperta em nós contentamento no viver.

Ali, eu seguia os passos de *Olívia*, e enquanto contemplávamos o que nos circundava, podia observar a intimidade que brotava em seu corpo ao se relacionar com o lugar, inesperadamente, ela ri, e com um ar misto de fascínio e espanto estende uma de suas mãos indicando onde o beija-flor havia pousado. Era esse o lugar que procurava. Eu, naquele momento, acreditava que era apenas uma conexão sua com o beija-flor, até que ela, com sua

tranquilidade, me fez entender que o que buscava me mostrar era o monumento onde pousara o beija-flor. Fiquei abismada também, pois ali estava contida uma homenagem ao início da jornada do cooperativismo moderno, era ali perto que ela gostaria que nos sentássemos para a partilha de narrativas e o desfrute do que havíamos levado para nosso piquenique.

Assim foi, escolhemos um lugar confortável, embaixo de uma sombra acolhedora e aos poucos fomos estendendo a toalha, nos surpreendendo com as delícias que cada uma havia levado para a partilha. Sabíamos que teríamos tempo para a fruição, por isso despreocupadas fomos gozando do que a experiência nos possibilitava e entre compartilhamentos, sorrisos, pausas para a nutrição do corpo e narrações de si, deixamos que a noção de tempo passasse e sem controle permitimos que aquele momento se alongasse sem desassossego. Como a primavera, *Olívia* foi abrindo-se e sem muitas intervenções minhas revelou-se na conversa, narrou sua história, contando em seu passeio a abundância de detalhes que era visível à estação. Apenas versei sobre sua jornada na cooperativa-escola, indicando-lhe curiosidades minhas, ela animada e vivaz põe-se em movimento na fala, sem hesitar:

“Hoje eu faço parte do Conselho Fiscal. E eu fui Presidente de 2018 a 2020, até outubro de 2020. E antes eu era Primeira Gerente, de 2017 a 2018. Eu acredito que até as minhas outras colegas vão falar a mesma coisa, mas eu caí de paraquedas... [Risos] no Curso de Gestão de Cooperativas, porque assim, eu estava procurando um curso que fosse noturno e eu estava tentando Administração, né, porque eu precisava trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. Cursos diurnos naquela época eu não conseguia ver a possibilidade, porque eu não conhecia os benefícios da Universidade. Então, eu tava vendo as grades curriculares dos cursos noturnos ofertados pela UFSM e eu achei o Gestão de Cooperativas, eu vi a grade curricular, e era muito similar a Administração, daí eu pensei: “Olha, isso parece ser legal e no Politécnico” e eu “Ah... que legal.”.

E eu já comecei a pensar em entrar, mas eu conheci e deu aquele estralo mesmo, porque no primeiro semestre de 2016 eu passei no Curso Técnico em Administração lá no Poli. E daí eu comecei a conhecer melhor como é que era, os professores, a estrutura, veio uma tal de Diretoria da CESPOL se apresentar pro nosso curso e a gente ficou: “Mas olha, que interessante uma cooperativa de alunos, dentro de uma instituição pública”. E eu acabei conhecendo melhor o curso a partir do técnico e como entrava antes do segundo semestre, eu apliquei pro SISU, na chamada oral [risos] e eu passei [comemorando com as mãos para cima e um sorriso]!

Mas foi um desafio muito grande, porque eu peguei aquele primeiro SISU onde a UFSM não tinha definido os pontos de corte, daí tava tudo assim, tipo [gesto com as mãos para indicar algo grande] Gestão de Cooperativas tava 750 o ponto de corte. Tava uma loucura, né, porque a gente não sabia. Mas daí eu entrei pela chamada oral e eu iniciei o curso em agosto. Tranquei o técnico e eu estou concluindo agora o técnico. [Risos]. Eu concluí o Gestão de Cooperativas e eu gosto de concluir os meus ciclos, e como eu gosto muito e ia ser um complemento pro meu currículo... enfim, as grades e horário... eu quis concluir. Só que atrasou, por causa da pandemia e agora em outubro [de 2021] eu estou me formando no Técnico, depois de um ano formada em Gestão de Cooperativas.

E o que me motivou a fazer parte da CESPOL foi um grande desejo meu de viver a Universidade. Porque eu tinha 23 anos naquela época e... [risos fortes] eu achava que eu estava uma “jovem idosa” [mais risos], que não tava aproveitando a vida. E como eu ficava muito limitada ao meu trabalho e eu via todos os meus amigos nessa minha faixa etária aproveitando, vivendo a Universidade, daí eu pensava: “Puxa vida, eu tenho que trabalhar [risos]. Eu não posso viver a Universidade, né”. E veio esse anseio, essa possibilidade: “Ai que legal, eu posso participar da Universidade conciliando com trabalho e participar da cooperativa”.

O convite veio a partir de uma colega minha que disse: “Olha, eles tão querendo formar uma chapa pra Cooperativa...”. Daí eu disse: “Mas eu não tenho perfil”. A gente, sempre duvida da própria capacidade, né. E... eu acabei aceitando o desafio, por esse anseio de querer viver o que a Universidade podia me oferecer pra agregar no meu currículo. O que foi assim... uma experiência encantadora... [sem palavras ela fica em silêncio] que eu... nossa, eu não tenho nem palavras pra descrever o quão isso me ajudou e me ajuda ainda na minha formação, sabe?! Mudou completamente o meu ver das coisas, esse foi o meu início. E, na época, eu via... quando eu era Primeira Gerente, eu via várias questões estruturais que a gente podia melhorar na CESPOL e eu sempre gostava de participar ativamente na diretoria, com as melhorias que a gente podia fazer. Eu não entendia direito essa questão da importância da participação do associado, afinal eu recém tava no início do curso, né. E eu fui me moldando e o convite surgiu a partir do outro presidente, ele disse assim pra mim: “Guria, tu tem capacidade de ser Presidente, eu quero te ver Presidente”. E daí a professora coordenadora me cutucando: “Vai lá, eu quero te ver Presidente” e os outros colegas “Vai! Eu voto em ti!” [Risos]

Daí eu: “Meu Deus! Não!” [gesticulando medo com as mãos na cabeça]. Mas eu estudei, eu pensei: “Bom, a gente tem um trabalho incrível pra fazer aqui e tem muitas possibilidades de melhoria, a gente quer que a CESPOL apareça. Então, se vocês confiam em

mim, eu vou começar a confiar em mim mesma pra aceitar esse desafio.”. E então eu tive muito incentivo da professora coordenadora, do professor coordenador do curso também e do outro Presidente.

Antes de começar na presidência, eu comecei a fazer terapia. É algo bem íntimo meu, mas eu comecei a fazer terapia porque eu tinha muitos bloqueios internos, sobre principalmente a questão da comunicação, porque eu não era uma pessoa comunicativa por várias questões pessoais. Mas o meu maior desafio, meu maior medo era o de me comunicar, saber me comunicar e me fazer clara pras pessoas, sabe?! Também de conciliar trabalho com a Cooperativa, porque eu queria me dedicar a ela. Faculdade, trabalho... eu recém tinha me mudado.

Olha, foi uma transformação!! [risos]. Então meu maior receio foi sobre a comunicação e sobre essa questão de dar conta, sabe?! De organizar a casa e dar conta da cooperativa. E daí depois disso vem os outros desafios, né, mas essas eram minhas perspectivas antes, principalmente da comunicação. Os desafios que surgiram no processo foram: como que eu posso engajar os meus colegas, e os meus colegas em geral, a participar mais da cooperativa? Como que eu posso fazer pra que a cooperativa seja mais estruturalmente para aluno? Como eu disse, é uma cooperativa de alunos para alunos, que pretende quebrar um pouco do paradigma dos professores, né. E como é que eu posso fazer pra nossa Universidade enxergar que nós temos uma cooperativa e que ela contribuiu muito pra comunidade e como é que a gente pode contribuir pra comunidade?

Porque assim, o que vimos em questão da Universidade, como a Universidade não nos conhecia tanto, eu digo que não existe resistência pra algo que se desconhece. Então o nosso papel diante a Universidade como um todo... não setorizado, era mostrar que nós existimos, sabe?! Então não teve resistência, na verdade quando a gente começou a participar, por exemplo, do Dia C⁴¹ e fazer mais apoios aos projetos e colocar a cara a tapa das nossas ações que a gente tá fazendo, por mais que eram pouquíssimas coisas, a gente começou a ser convidado pela Universidade pra, por exemplo, participar da rádio da Universidade, pra fazer uma entrevista na Arco Educação⁴². Daí tipo, meu Deus, a Universidade tá nos enxergando. Então já foi um reconhecimento. Agora dos professores, setorizados do Colégio Politécnico, tem sim uma grande resistência, porque é um processo, mas é aquela coisa que vê a CESPOL como assistencialismo e esse é um grande desafio que a gente tem, todos os anos têm que dizer

⁴¹ Dia de Cooperar (Dia C) é uma iniciativa das cooperativas brasileiras que promove e estimula a realização de ações voluntárias diversas e simultâneas nos estados onde a campanha acontece.

⁴² Arco é a revista de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

“não somos assistencialismo, somos uma cooperativa” e se os alunos têm uma necessidade, os professores têm que incentivar isso.

Nós ali na CESPOL, ajudamos principalmente nos projetos de pesquisa, ensino e extensão, então a questão de recurso passa pela cooperativa. Por exemplo, se a Universidade nega o recurso pra um projeto, a CESPOL que arca com recurso pro projeto dar continuidade, então é nesse sentido, sabe, que os professores pedem ajuda... E aí mostrar a importância da Cooperativa pros professores é necessário, porque eles são os principais conectores com os alunos por mais que eles não influenciem nas decisões da Cooperativa, porque a gente, junto com a professora coordenadora, que sempre analisamos quais são as necessidades e quais são os focos que a gente tem. A gente tem limites, porque não pode ser apenas para projetos, então a gente tem levantamento de orçamento, a gente tem priorização do que pode, do que não pode. Tem muita coisa que a gente recusa, porque não é pro momento, não é a prioridade. Então a gente tem essa autonomia, porque é nossa a Cooperativa, né, de ver o que tá sendo melhor pra poder continuar apoiando, mas a gente não consegue... ser assistencialismo, né, pediu, dá. Não é assim que funciona, existe um processo pra ocorrer.

Mas a gente já plantou a sementinha e isso já basta, a gente vai colher as sementes ao longo dos anos. Aos poucos a gente foi trabalhando com os professores, e eu fui convidada a participar do Conselho Diretivo do Colégio o que me deu um poder de fala pra esses coordenadores dentro do Conselho Diretivo. Eu uma mera aluna [risos]. Essa experiência, assim, hoje em dia eu consigo ver os muitos bloqueios que a gente tem enquanto aluno, porque a gente tem o professor como autoridade máxima e a gente não quer desrespeitar e... não acha adequado o nosso lugar de fala. Porque às vezes ainda dentro de sala de aula a gente tem muita concepção bancária⁴³, né, que o aluno é só pra depositar. E a gente acaba acreditando nisso, então foi um grande desafio desconstruir essa minha mentalidade, que não é assim, eu tenho lugar de fala. Se eles tão dizendo que nós somos jovens criadores de ideias e pensamentos, então eu vou fazer esse papel. Se eles dizem que a gente tem que fazer barulho pra poder incomodar, pra ser ouvido, eu vou fazer isso dentro do Colégio [risos], porém de formas sutis, porque eu acredito muito numa comunicação... [pausa para pensar] a... comunicação não-violenta, sabe?! Pra gente ser ouvido com legitimidade. Então, existe dificuldade, mas é uma dificuldade muito velada, sabe?! É... a gente é jovem, a gente tá

⁴³ Uma das noções (conceito) de Paulo Freire acerca dos processos educacionais. Esta, caracteriza-se pela condição de um aluno que serve de depósito para os conhecimentos do professor, sem envolvimento e reflexão crítica acerca do processo de formação. Nesse caso, o ensinar está vinculado à simples transferência de conhecimento, como se o professor/a fizesse um “depósito” tal qual em um banco (*Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire, 2011).

aprendendo, então às vezes a gente sente... por mais que não seja... não diga cara a cara, a gente sente que é velado, porque não dão tanta importância às vezes, ou peso pra nossas palavras, sabe, ou pra alguma questão. Mas isso que eu tô falando não é em geral, é alguns professores específicos, sabe, ou técnicos administrativos específicos. Mas é por isso que é importante a questão de colocar a cara a tapa e continuar utilizando a voz pra dizer “não, eu tenho embasamento, eu estou estudando”, sabe?! Até desconstruir esse pensamento que existe.

Então... foi um processo conseguir esse espaço, esse lugar de fala, de eu me sentir confiante em me posicionar com os professores e saber que eu tenho o apoio deles. E foi uma construção muito legal, porque a gente começou a ver a maior movimentação dos professores, de poder ajudar a cooperativa. “Ah, então a Cooperativa faz isso, então a gente pode tentar melhorar naquilo”, então foi um trabalho de formiguinha que foi uma experiência muito boa, nesses dois anos que eu fiquei lá no conselho. Dois anos ou três, agora eu não me lembro exatamente. E também, desde que eu entrei, a diretoria do Colégio tem sido um dos principais apoiadores da Diretoria da CESPOL, eles acreditam e dão autonomia pra gente. Eles que nos chamam pra fazer algumas coisas, sabe?! “Ai... tem tal projeto”, “Tenho uma ideia pro Dia C” ou “Quem sabe o envolvimento da Cooperativa...”, eles são muito assim, eles nos ajudam e incentivam demais a progredir e a melhorar. Então, da diretoria do Colégio, olha, dá vontade até de... colocar cada um num potinho, né [risos]. E agora temos uma professora que é a nova diretora! Com certeza, sem o apoio da diretoria do colégio, eu acredito que não existiria Cooperativa.

Outra coisa que eu gostaria de compartilhar é que em 2016 já tinha um bichinho que me incomodava dizendo [pausa para pensar] que eu tava muito limitada aonde eu estava. Porque eu trabalhava numa imobiliária familiar, que era bem desafiadora, hoje em dia eu vejo como era desafiadora. Eu era gerente, com 20 anos eu fui gerente!! Super nova, né?! Só que em 2017 eu via que aquilo lá não era pra mim e eu me sentia presa numa gaiola e eu precisava estender as minhas asas. E, o que que eu fiz? Eu sou aluna cotista, então eu tinha direito a morar na Casa do Estudante e eu só fui conhecer isso depois de 2017. Então, a gente fez um acordo no final de 2017, eu me desliguei, e fui morar na Casa do Estudante. E aí eu fui como bolsista, assumi a presidência, fui em um monte de evento, participei da Diretoria, do Conselho Diretor, assim eu abracei a Universidade, eu vivi a Universidade. Então assim, eu fui até 2017 e hoje eu não tô trabalhando, formalmente, é bem um trabalho informal. Não é informal hoje em dia, mas eu trabalho ainda com o Projeto +Coop⁴⁴.

⁴⁴ Projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria para a educação cooperativa.

Mas sobre morar na Casa do Estudante foi uma experiência incrível, porque assim, o RU [restaurante universitário] era do lado, eu podia tomar café da manhã de pijama [risos]. E era muito legal ver o Movimento Estudantil dentro da Casa do Estudante, né, porque quem tem uma visão de fora fala assim: “É baderna, os alunos... tão lá, à toa”. Não... não é isso, são nossos direitos, são eles que estão lutando lá e a gente tá aqui pra apoiar. Nossa, foi muito incrível, eu só fiquei um ano na Casa do Estudante, mas disso eu tirei muito aprendizado. E na Casa do Estudante eu tive a sorte de... na época conseguir morar com meu namorado, ele e a minha gata obviamente, sempre [risos]. Mas... foi uma experiência muito boa, muito única, da Casa do Estudante.

E depois ali na Universidade começou a surgir muitos convites. Como eu tava muito ativa dentro da Cooperativa, começou a surgir muito convite de participar de palestras, de representar a Cooperativa na OCERGS. Eu fui convidada pra participar do Conselho Consultivo do Ramo Educacional. E eu fiquei até... desconstituir o Ramo, né, eu fiquei atuando lá e foi muito legal porque era só homens, cabeças branquinhas, dentro dum Conselho pra decidir o que era melhor para o Ramo, né. Chegou uma jovem mulher estudante, sabendo usar minha voz, aprendendo a usar minha voz, eu via a importância que tinha ali dentro daquele conselho pra decidir em nível estadual. Isso foi muito importante pra mim, porque eu vi como que é realmente o cooperativismo, as dores e o que a gente precisa mudar e ainda eu estava representando a nossa Cooperativa, a nossa Universidade e isso foi muito importante pra mim. E eu também participei, fui chamada pelas assessoras pedagógicas de uma cooperativa de crédito, porque eles gostaram muito do nosso modelo e queriam que a gente levasse um pouco da história, enfim... contribuísse. Então eu conheci quase todo o estado fazendo essas viagens e conciliando com o TCC e daí eu passei no Somos Líderes⁴⁵ e eu fui a representante da CESPOL. Das três do Rio Grande do Sul, a nossa Cooperativa foi uma pra fazer a diferença dentre as poucas que tinha no operacional lá dentro, então assim, [risos] foi muita coisa!! [suspiro profundo].

Naquele momento percebi que Olívia pedia uma pausa, um descanso para o falar, seu tom de voz baixou e transpareceu um pouco de cansaço depois de tanto entusiasmo no

⁴⁵ Realizado pelo Sistema OCB é um projeto voltado exclusivamente para a formação de novos líderes cooperativistas. “O objetivo é que, ao final do curso, esses jovens sejam responsáveis por levar o modelo cooperativista ainda mais longe, seja no contexto das organizações cooperativas ou até mesmo nas esferas políticas, econômicas e sociais” (SISTEMA OCERGS SESCOOP/RS). Disponível em: <https://www.sescoopr.scoop.br/noticias/2021/04/29/somos-lideres-esta-com-inscricoes-abertas-2/> . Acesso em: maio de 2022.

compartilhar. Servi-a com um suco de amora, colhida pouco antes de encontrá-la, também ofereci um pão que havia preparado com fermentação lenta e natural, por nove dias fiquei cultivando meus intentos junto do fermento, ele que nutriria o pão assado, em forno de barro, sobre uma folha de bananeira que também encontrei próximo ao jardim. Ela havia levado sua doçura que se revelava no mel, e entre silêncios e sons de prazer, expressávamos nossa satisfação a partir da nutrição dos sentidos. Ficamos ali por um tempo, nossas conversas, agora seguindo um ritmo de leveza mais acentuado, propiciava o descanso em meio ao vento tênuo que nos acariciava.

Após uma pausa, deitamo-nos na grama macia, olhando os galhos da frondosa árvore que nos abrigava em sua sombra, foi aí que nosso compartilhar também convidou ao céu azul, quase sem nuvens, que compunha aquele cenário, para participar do relato; como se *Olívia*, inspirada na tela que via diante de seus olhos, quisesse compor, ainda mais detalhadamente o seu narrar a si, nesse instante move-se em palavras, com seu olhar ao alto e seu corpo ao chão:

“Eu vejo que hoje, nesses últimos anos, existe um movimento muito forte pra inserção da educação dentro das cooperativas, dentro das temáticas de sucessão, temas educacionais que não só apenas a educação cooperativa, mas o que a educação cooperativa pode trazer, que vai muito mais além do cooperativismo, vai de liderança, vai de finanças, vai de marketing, vai de autoconhecimento. E... quando eu tava antes no Ramo, eu via que era muito fechado, sabe, eu ainda tenho essa questão aqui na OCERGS, porque eu quero ver um conselho da OCERGS, um conselho jovem da OCERGS e um conselho de mulheres, porque a gente não tem aqui e é uma coisa que a gente fica “batendo” [gesto de batendo, entre risos]. Porque esse é o nosso dever, sabe, que a gente sente de trazer mais representação jovem dentro do Ramo Educacional, obviamente, pra dentro dessas organizações, né, da OCERGS, a própria OCB, pra fazer o movimento. Então hoje em dia, eu vejo que assim, tá se fazendo um trabalho, muito lentamente, mas começou, entende?! E é um orgulho muito grande da gente começar esse movimento assim, eu como vários outros jovens fazendo esse trabalho de formiguinha pra começar a virar a chave, principalmente da questão de sucessão, juventude, nós mulheres nos papéis de alta liderança das cooperativas, já que isso é um desafio enorme.

Então... foi um crescimento muito bom, sabe, a gente vê que é um trabalho de formiguinha que tem muita coisa pra ser desenvolvido, mas iniciou e isso é legal de ver. [E via, por exemplo lá no Conselho Consultivo que], eu estava sozinha, tinha mais uma mulher no Conselho também, mas ela era suplente. Só que... como jovem, sendo a única jovem, eu não

era tão ouvida, eu me sentia bem desconfortável, porque era um ambiente totalmente diferente pra mim, não tava na minha zona de conforto, era um ambiente desafiador. Pra eu me posicionar e colocar e... falar as coisas que eu penso, eu sentia que existia sim muita resistência, tinha apoio, mas tinha resistência. Aquela questão do velado, sabe?! [risos]. Tinha muito disso nessas representações e a gente acaba percebendo que o falar é uma coisa e o agir é totalmente diferente. Então, existia um processo de desconstrução nessa questão de ouvir a juventude, então foi um desafio bem grande, muitas vezes... nem eu me sentia com abertura pra falar nesses momentos”.

Poderia ficar por horas ouvindo *Olívia*, naquela tarde primaveril, eu estava encantada com nossa conversa e sua espontânea partilha, perguntei sem demoras se ela queria me contar mais alguma coisa desse período que estava na CESPOL, ou então me falar quem era a *Olívia* antes e depois de participar da CESPOL, já que estávamos inspiradas com as transformações que eram possíveis na primavera. Ela sorri, pois agradada da pergunta e enquanto uma borboleta amarela cruza por seu olhar, ela responde e seu corpo acompanha o movimentar das asas que vagueiam no ar:

“A Olívia antes da CESPOL era uma mulher insegura, com muitos sabotadores, que não tinha autoconfiança e que não sabia usar a sua voz. Hoje em dia eu me tornei uma mulher extremamente confiante das minhas decisões e de como eu quero usar a minha voz e ocupar os meus espaços que eu tenho direito e que eu quero participar. E esses sabotadores eles existem, mas eles não são eu, então hoje em dia eu me sinto muito mais confiante de quem eu sou e de como eu quero agir. Antes, a Olívia ela era presa numa caixinha, hoje eu não me vejo numa caixinha, eu preciso estender as minhas asas pra todos os lados, é isso! Tem muitas coisas que a gente não tem o que mensurar. A cooperativa ela me fez ver quem eu quero ser hoje, como eu quero atuar hoje, porque eu não me vejo tanto atuando como uma gestora, por exemplo numa cooperativa. Eu quero desenvolver pessoas, eu quero desenvolver o lado social e não estar presa numa caixinha de colaboradora, cumprindo meta, eu acredito que o meu potencial ele é muito maior do que essas limitações que uma cooperativa, ou qualquer outra empresa dispõe pros colaboradores”.

Contemplando a poesia que havia em sua voz e a potência criativa que habitava sua trajetória, percebi que algumas coisas não precisavam ser ditas ali... segui sua movimentação com o olhar e o voar interno de suas percepções que acompanhavam o voar das asas amarelas,

passadas recentemente por entre nós, via o reflexo daquele singelo ato no expressar e silenciar de *Olívia*. Após um tempo de sua contemplação externa e viagem interna pelos seus sentidos e pensamentos ela continua entre risos:

“É... que bom que eu fiz terapia hoje [risos fortes]. Percebo que hoje, Olívia é uma mulher sonhadora que tem grandes perspectivas pra vida... é uma mulher livre, que não consegue e nem deve se limitar ao que muitas vezes a sociedade impõe. A Olívia é uma mulher que quer fazer a diferença pras outras mulheres, pra sociedade que a gente vive. E... a Olívia, já que estamos falando na terceira pessoa, né [risos], mas... eu... eu me sinto feliz e honrada com a minha história, então eu sou orgulhosa, hoje em dia eu sou orgulhosa de mim mesma e pelas coisas que eu estou construindo”.

Após essa massagem em meus ouvidos, não poderia estar mais feliz em uma tarde de primavera, o regalo que ganhei não estava previsto por mim ao sair do meio-dia. Com o relato de *Olívia*, aprendi mais sobre confiança, sobre o desabrochar de si em meio às intempéries que possam surgir. Pude revisitado também, o lugar de insegurança e irreconhecibilidade que em muitas faz morada, particularmente jovens e mulheres, ao lançarem-se ao voo. As afetações provindas de *Olívia*, de seu atravessamento em mim, eram tantas que saltavam em sorrisos as intensas e alegres pulsões que me moviam o existir. Entendi ali, que era hora de partir. E, como se não bastasse, ao se despedir, ela toca mais uma vez meu coração com o florescer de suas palavras:

“Como eu te disse, é uma honra a gente poder tá participando dessa construção desse trabalho [se referindo a tese] e eu acredito que tu vai se encantar porque cada menina, cada uma das mulheres que participaram da cooperativa elas têm uma história muito forte. E nenhuma delas vai ser igual, então eu acredito que tu vai conseguir bastante diversidade de conteúdo sobre as nossas experiências como mulheres no cooperativismo”.

Ela estava certa, nenhum dos encontros foi similar, nenhuma existência se repete, todas trazem o encantamento que me conecta com o ato prazeroso da escrita e da pesquisa, que move a transformação de minha ética pessoal. A cada encontro e caminhada em conjunto eu sentia “nossa, é uma parte de mim também”. E, vendo *Olívia* falar comigo dessa forma, sabia que a práxis da boniteza percorreria conosco essa jornada. Assim como a primavera encanta os olhos

e corações com sua beleza, eu estava maravilhada com o caminhar e encorajada para o escrever dessa conversação, eu também estaria falando de mim através de cada história, estaria falando de muitas. Só pude terminar esse encontro sorridente e agradecida, por estarem aqui comigo em palavras, minhas parceiras de pesquisa, sem suas existências e narrativas de si, minha caminhada não teria sentido e esta escrita não teria acontecido.

Palavra não tem lado de dentro.

Palavra não mora do que diz.

Palavra abre pra fora

(Viviane Mosé em Pensamento chão)

4.3 MAZELAS DE UM COLETIVO QUE SE ESVAEM: A VISÃO OPORTUNA ENQUANTO HÁ AMPLIDÃO LUMINESCENTE

Era um fim de tarde de verão e eu caminhava em direção à estação de trem, lá encontraria *Sól*. Enquanto meus passos levavam-me para o inesperado, percebia que com seus dias mais alongados, o verão, nos proporciona um distorcer da noção de espaço-tempo do anoitecer, as noites tornam-se mais curtas enquanto os dias se estendem com a incidência ampliada dos raios solares sobre a terra. Característico por suas temperaturas elevadas, nos exige uma constante fuga do calor extremado que é possível sentir, às vezes, sem muito êxito, nosso corpo é imposto à desidratação e nossas células choram em demasia, fazendo escorrer a água que nos constitui. Não sem razão, *Sól* e eu, escolhemos um dos últimos horários para o passeio de trem, a essa altura do dia nossa conversa se tornaria agradável refresco e, ainda, seria possível contemplar o início da noite, que estaria iluminada com a chegada da lua cheia.

A encontro já dentro do trem, sentada próxima à uma das janelas do vagão, em contato radiante com o silêncio, decifrando a natureza que inundava sua visão. Gostaria de ler seus pensamentos naquele momento, mas não posso, movimento-me então em sua direção, ela sentiu que eu me aproximava, virou seu rosto e sorriu convidando-me a sentar em sua frente. Nos cumprimentamos, comentando algo sobre o dia que havia passado, olhava atenciosa para sua forma de comunicar, ela, uma mulher que vivera quase quatro décadas, segura em seu falar e confiante na caminhada que a trouxera até ali, carregava consigo um livro, que logo depois me contou se tratar de um relato de sua vida, o trouxe caso precisasse usar em nossa partilha. Sabia

que poderia, com ele, acessar suas memórias e compartilhar histórias que estavam gravadas em suas páginas.

Fomos interrompidas pelo apito do trem, era o aviso da partida, e os vagões iniciaram seu movimento pelos trilhos, aos poucos ganhando velocidade. Assim também estávamos nós em nosso diálogo, ganhando movimento nas trocas que nos levariam ao narrar de si, de *Sól*. Como já sabia de meu intento, ela se propôs a compartilhar capítulos específicos de sua vida comigo. Para revelar sua trajetória, deixei-a livre, gostaria que expressasse sua arte, escrita em cada página do livro que trouxera. Estava ali para ouvi-la e conhecê-la, e embora já tivéssemos nos encontrado anteriormente, não sabia muito de suas experiências educacionais, nem mesmo de seu caminhar na direção de uma cooperativa. E, no tempo em que era possível dançar com o trem, ouvindo a música de seu atrito pelos trilhos a fora, viajávamos também, não só por paisagens montanhosas esverdeadas, mas igualmente por mundos subjetivos incontáveis, mundos esses diversos em suas cores e formatos, eram lugares guiados por *Sól*, já que somente ela conhecia e se dispunha naquele momento nos mostrar. Ela inicia então, o narrar do processo de chegada à universidade, indo até mesmo aos passos que a guiaram a presidência da cooperativa-escola e seu trabalho atual:

“Eu comecei, a minha vida acadêmica com o curso de Matemática e eu me frustrei bastante. Assim... porque eu gosto muito de matemática, eu trabalho hoje praticamente com números, mas ele é um curso que frustra bastante, porque a gente pensa que é uma coisa e na verdade era diferente do que eu gostaria do trabalho com os números. Eu sempre gostei bastante da área de gestão também, sempre li muito sobre isso, sobre negócios e então, não fechou muito, sabe?! Eu vi que eu não poderia aproveitar aquele tipo de matemática ali pro que eu gostaria de fazer. Mas me abriu portas, né, porque eu fui, comecei a trabalhar através do estágio no departamento financeiro de uma empresa, e então aí, eu consegui identificar um pouco melhor o que eu gostava, que era realmente a área de gestão.

Aí eu fui pesquisando, fui vendo outros cursos pra fazer, e assim, eu achava o curso de Administração um pouco chato, meio cumprido e meio desfocado, sabe?! E eu lia bastante sobre cooperativismo, mas, acho que na época não tinha o curso ainda, porque a nossa turma, se não me engano, foi a segunda turma de Gestão de Cooperativas. Daí quando abriu o curso [em 2009] eu me informei um pouco melhor. No primeiro ano, não fiz o vestibular pro curso, mas no segundo ano, aí eu já fiz e passei. Daí já entrei na segunda turma e comecei a conhecer

um pouco melhor, comecei a me identificar com a área do cooperativismo e gostei bastante, daí me achei e acabei concluindo, me formei ali e tudo.

E sobre a cooperativa-escola, na verdade eu nunca tive pretensão de seguir no meio acadêmico, sabe?! Fazer mestrado, doutorado, essas coisas, não é muito a minha área, então, eu queria alguma coisa que me colocasse em contato com a prática. E aí a gente tinha a cooperativa, na época eu já trabalhava com finanças, já trabalhava no financeiro de uma empresa. E o que eu pensei, assim, na questão da cooperativa é as oportunidades que me abriam depois também, né... de ter feito parte da cooperativa-escola. E a cooperativa-escola eu já conhecia, porque o meu pai era funcionário da Universidade, então, mesmo antes do curso a gente já falava: “Ah, comprei lá na Cooperativa”, “E isso aqui? Ah, tu trouxe lá da Cooperativa”. Então a gente já tinha conhecimento da Cooperativa antes. Eu participei de duas gestões, tá?! Uma como secretária, não lembro bem se primeira ou segunda secretária e a outra como presidente. E mesmo estando na gestão, participando um pouco mais, quando eu fui presidente, sempre foi muito corrido, porque eu já trabalhava, e a gente tinha aula toda noite e eu não consegui conhecer tudo da forma como eu gostaria. Ver todos os projetos e participar de todos os projetos, que são muito bacanas, até pensar e propor outras coisas também, mas mesmo assim me abriu muitas portas, sabe?!

Nesse meio do caminho eu tive a oportunidade de ir pra uma cooperativa de crédito, né, que é onde eu trabalho hoje, e foi muito importante pro meu currículo ter essa experiência, sabe?! De ter participado da gestão e principalmente, na entrevista eu percebi assim, a questão de ter sido presidente, fez diferença. Hoje, eu sou Gerente de Negócios Pessoa Jurídica e a gente tá trabalhando mais com consultoria financeira, principalmente quem atende empresas, pra estar bem mais próximo, prestando uma consultoria mesmo, sabe?! Então, eu atendo algumas empresas com um faturamento de até um milhão e meio, cuido da conta dentro da Cooperativa e aí a gente tenta fazer esse trabalho de consultoria, pra estar mais próximo. E explicando também, a gente tem o programa de educação cooperativa para todos associados, não associados, conselheiros, coordenadores de núcleo e colaboradores, esse ano a gente tá com ele bem forte. A gente tem uma turma, por exemplo, na pessoa jurídica uma vez por mês que reúne de 20 a 25 empresários, pra levar um pouquinho sobre o papel deles ali, como associados”.

Ao abrir seu livro sobre a sua vida em minha frente, não havia como fugir das afetações que sua jornada implicava em meu corpo, queria ouvir mais, pois o calor de suas palavras me movia internamente e ao mesmo tempo arrefecia os sentidos, a acompanhei nas palavras que

continuavam a saltar em sua oralidade, essa que relatou ainda alguns impactos da participação na cooperativa-escola para o seu atual fazer laboral. Disse-me que o mais importante que lembrara era a “*questão do posicionamento*” e ainda que sem saber onde os caminhos a levariam, era preciso se dispor, mostrar-se, mesmo não sendo o que se espera, pois é nesse caminhar que se torna perceptível o alcance de algo que está para além do que se pensava:

“Eu acho que nisso, pra minha vida, eu aprendi que eu podia! Que eu podia fazer as coisas, que eu podia ir além e isso eu levo pra tudo! Porque hoje eu trabalho numa cooperativa e isso é muito importante, talvez se eu não tivesse passado por isso [pelo próprio curso e pela cooperativa-escola], eu não estivesse nem no cargo que eu estou hoje dentro da Cooperativa”.

Sól, após concluir sua fala me olha, como se abrisse permissão para uma intervenção, aguardei o movimento de troca e conexão e aproveitei para saber dela quais são as apreensões de seus sentidos e suas dificuldades, caso existam em sua realidade, a respeito de se colocar nos espaços institucionais, especialmente enquanto mulher. Ela com atenção me responde:

“Eu nunca senti essa diferença, tá?! Sendo bem sincera, assim. Eu sei que ela existe no mercado, sei porque a gente lê e se informa, mas na cooperativa que eu trabalho, eu nunca senti essa [dificuldade]... por ser mulher, sabe?! Obviamente, eu tenho algumas limitações técnicas às vezes, que são minhas, algumas limitações negociais, mas a gente não tem diferença de salário, por exemplo. Claro, às vezes tu pensa, “Ai, nossa, naquele setor ali tem mais homens”, mas se tu analisar a capacidade técnica, daqui a pouco realmente, eles têm mais capacidade pra aquilo. Eu sinceramente não sinto e tento não levar as coisas pra esse lado, sabe?! Mas se eu identificar e se eu achar que tá errado, eu vou falar, sabe?! Eu sou... bem enfática [risos].

Mas assim, ó, o mundo dos negócios ele é bem masculinizado, né, por mais que eu não sinta diferença. Por exemplo ali, a nossa equipe tem dois homens, nós somos em seis, são dois homens só. Mas o que a gente percebe, é inclusive quando a gente vai atender as pessoas. Às vezes, tu percebe na cara da pessoa, que: “Ai nossa, mas né, mulher será que...” e aí a gente tem que tá sempre mostrando que a gente tá no mesmo nível e, às vezes, num nível acima dos meninos. A diferença é maior nisso, eu acho que é uma questão mais cultural, do mundo dos negócios, principalmente, que é onde eu trabalho agora. Bom, tanto que das empresas que eu

atendo, são pouquíssimas mulheres na diretoria. Mas no meu trabalho, na minha cooperativa não... eu não vejo essa diferença de ser mulher ou ser homem, sabe?!”.

Já estava anoitecendo, e o pôr do sol nos fez abrigo, compondo o cenário de nosso deslocamento, por um momento contemplamos as cores que só são possíveis avistar no entardecer, quando o sol se despede e segue seu caminho. Inspiradas por aquela ocasião, sinto o pensar que se desenrola em *Sól*, volto então minha atenção para ela, mostrando-a que minha escuta, assim como meus outros sentidos estavam disponíveis para sua partilha, não imaginava o alinhamento de ideias que viriam dali, mas já pressentia sua significância:

“Eu acho que na vida pessoal a gente tem que ser cooperativista pra tudo, né... a gente não é... a gente não é nada, a gente pensa que é e na verdade a gente não é, nem um pouco... A gente tá sempre tentando ser, mas no fundo, a gente é de uma sociedade que não pratica a cooperação. E quanto mais conhecimento a gente tem sobre o cooperativismo, mais a gente entende que a gente não é cooperativista.

*Para o meu trabalho hoje, foi muito importante ter contato com a educação cooperativista e na minha vida também. Na minha vida, eu tô tentando ainda, tá?! Que é bem difícil, como eu te falei, é bem difícil pra mim, “ser cooperativa” na vida. Talvez o meu perfil, o jeito que eu fui criada e a gente... não vai se dando conta, né?! Que nem eu até falei, às vezes a gente nem sabe o que que é “ser cooperativo” na vida. É isso que eu tava te falando agora, na vida eu acho que eu não sei o que que é “ser cooperativo”, sabe?! Eu coopero com o meu filho, eu coopero com a minha irmã, eu coopero com a minha família, mas eu coopero com a sociedade? Eu não sei. Eu não sei te dizer e eu não sei te dizer nem o que que eu precisaria fazer hoje pra ser uma pessoa cooperativa como... pessoa física *Sól*, numa sociedade, assim... Não sei! Eu acho que eu não sou e eu não saberia hoje te dizer, sabe?!”*

Agora... no trabalho eu sei, mas eu sei ser na cooperativa de crédito, porque eu sei como funciona uma cooperativa de crédito, o que precisa ser feito lá dentro pra que a cooperativa prospere pra que o associado tenha o direito dele de volta ali. Isso sim, isso pra mim, no curso foi muito importante, talvez eu nem tivesse nesse mercado se não fosse o curso, né.

*Mas, como *Sól*, assim, eu te confesso, é bem difícil a gente ter essa noção e saber o que é e se realmente eu estou sendo cooperativa, cooperativista... eu não sei bem, o termo... Oh... na verdade ninguém é muito cooperativo, todo mundo é um pouco da “boca pra fora”, mas ninguém tem muita noção. E hoje, fazendo o próprio programa de educação cooperativa que*

mencionei, que a gente leva [a educação cooperativa para associadas e associado], tem pessoas que eu percebo, que são associados há 20 anos, 30 anos e não tinham noção do papel que eles têm dentro da cooperativa, mas o mundo... que nem eu te falei, e principalmente empresas que eu atendo, ninguém é cooperativo, ninguém é!! Todo mundo acha que é, tenta ser, mas não tem noção do que é ser, e é uma sociedade bem capitalista, bem capitalista mesmo e bem individualista.

Ali na cooperativa a gente consegue trabalhar alguma coisa e consegue perceber, principalmente aqui, que é cidade pequena, entre aspas. Todo mundo se conhece, sabe?! E o que que eu percebo mais? A coisa mais cooperativista que eu percebo no meio empresarial, assim... é porque eles sempre fazem de alguém que conhece, sabe?! Tipo: “Ah, eu conheço... lembra daquela empresa que uma vez eu encontrei aqui, me indica?”, isso sim, mas isso é a coisa mais cooperativa que eu vejo no meio empresarial. Tipo: “Ah, vou comer ali no fulano porque é meu conhecido”, “Vou jantar no restaurante dele”, mas aquela cooperação que a gente aprende lá... dos pioneiros⁴⁶, isso não existe! Eu acho que isso não existe nem em cooperativa.

Eu acho que depois da experiência na cooperativa-escola e no curso eu mudei um pouco o meu conceito sobre o que é “ser cooperativo”, sabe? Eu acho que eu achava também que “ah, eu acredito no cooperativismo, eu sou cooperativista e tal” e na verdade a gente percebe que a gente não é, né (risos). Que a gente tem muito a evoluir nisso e que realmente hoje eu vejo que, cada vez mais eu entendo que o mundo precisa ser cooperativista. E eu acho que foi esse choque de realidade, sabe?! “Ah, porque tu tem uma noção”, “Ah, mas eu sou cooperativista.”, daí tu vê lá... “Ah, vou fazer esse curso que é legal” e realmente, é muito legal, mas eu tive esse choque de realidade: “só um pouquinho, não é bem assim”, eu preciso estudar e preciso evoluir muito mais como pessoa.

Como profissional eu acho que eu tô conseguindo, sabe?! Tô conseguindo evoluir, porque a gente estuda muito! A gente tá sempre envolvido, mas como pessoa, assim... eu tenho certeza, absoluta que eu preciso evoluir muito pra dizer “ah, a Sól é uma pessoa cooperativa”. Eu tenho um título de tecnóloga? Tenho, mas eu não... eu hoje te digo que eu não sou uma pessoa cooperativista, fora o trabalho, claro, né [risos]”.

⁴⁶ Pioneiros de Rochdale que remete à experiência de Rochdale, em 1884, em Manchester na Inglaterra, considerada a experiência pioneira para o movimento cooperativista moderno.

Já era noite, no entanto *Sól*, com suas palavras proferidas, tinha a capacidade de queimar em mim as ilusões que de alguma forma sustentavam um acreditar frágil de ações diárias desse “*ser cooperativo*” que ela menciona. Entre uma pausa e um respiro, observando a lua cheia que começa a dar notícias, pude ver e sentir que ainda há muito a refletir a respeito da cooperação cotidiana em nossas vidas privadas, bem como em nossas bases coletivas, e ponderar nossa forma de cooperar para com os outros, assim como com o mundo que coabitamos.

Sól, despreziosa em seu compartilhar autocrítico, nos provoca a reflexão e o deslocamento de nossas certezas estruturantes que nos constituem, ela nos planta a suspeita de que nossos discursos talvez não revelem tanto de nossas ações. Do lado avesso, nossas ações, de vez em quando, podem vir a transparecer a incoerência com nossos discursos. Será que assim como *Sól*, temos condições de indagarmo-nos a respeito do que é preciso ser feito para cooperar diariamente e contribuir socialmente? Para que avistemos outros horizontes possíveis, capazes de romper com as bases da competição que regem nosso sistema econômico hegemônico e que nos é imposta em nossas organizações sociais?

Enquanto reflito, meus pensamentos descontraídos começam a embalar-se com uma bossa nova que foi soprada ao meu ouvir interno, escrita por Tom Jobim, em 1972, vou cantarolando em silêncio *Águas de março*, ressoando em mim a voz de Elis Regina, meu corpo acompanha: “São as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração [...]”⁴⁷. Seguindo com o balanço desse findar e sentindo a existência de *Sól*, em meio a esse verão, neste instante, cooperando com águas reflexivas que jorram em nossos solos do pensar, arriscamo-nos vibrantes o (re)plantar no horizonte do que estava desvivendo com a segura que o calor provocou, e, quem sabe, fazer crescer as sementes da cooperação pelos campos secos que seguem atormentados pelas narrativas discursivas da competição.

Leva tempo...

Leva tempo pra entender que talvez eu não seja o que penso sobre mim
Leva tempo até que eu passe pelo processo de aceitar o fato em si de que
leva tempo

Leva tempo pra a partir daí, eu andarilhar mundos à fora conhecendo o
que não sou eu e abrindo espaço pra o que talvez eu possa, então ser
Leva tempo, passa água, são muitas pontes, barcos e braçadas

⁴⁷ Caso você sinta a necessidade de uma pausa ou até mesmo queira compartilhar do nosso cantarolar ao findar deste conto, aqui está o link da música na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aKvwnHiJSdk>

O rio da vida leva tempo

Quanto tempo?

Talvez nem o tempo saiba quanto tempo leva pra que nos entendamos em

meio ao tempo

(Amábile Tolio Boessio em *Gênero, performance e experiência: um descortinar da pesquisa em contextos rurais mediada por afetos* (2021, p. 13). Poema escrito em 9 de novembro de 2020, na cidade de Santa Maria, de frente para um belo e crepuscular pôr do sol).

4.4 A INDISPENSÁVEL SEMEADURA OUTONAL DAS RENOVAÇÕES

O outono chegou e com ele as cores se transformam em meio ao verde dos jardins, as folhas secas que deixam seus galhos, compõem um quadro imagético cativante aos meus sentidos. Com a experiência do outono, começamos a nos nutrir de nossas folhas, pois os dias começam a reduzir sua luz e calor, iniciando um processo de renovação e preservação de seiva que agora faz morada especialmente nos caules, abrigando-se do frio rigoroso que chega com a próxima estação, seus nutrientes por um período retidos, futuramente serão expandidos na primavera e no verão. Assim também percebo *Lótus* e sua presença na cooperativa-escola. Ela que chega tão cheia de vida, em um momento que reestruturações internas e externas à CESPOL são exigidas, o mundo se recolhe por questões pandêmicas, passamos, nesta ocasião, a nos nutrir de nossas folhas, abrigarmo-nos em nossas moradas, procurando nos preservar do frio intenso que (viria a devastar e que) assolou nossa vida coletiva. Com ela não foi diferente, a tudo era imposto revisão.

Lótus me encontrou na estação, chegara de trem, já havia feito longa viagem e decidimos andar por entre os trilhos enquanto conversávamos, observando a paisagem outonal que nos inundava os sentidos. Era a mais jovem de todas as que encontrei, em seu olhar brilhava a esperança no ato de caminhar, ela sentia que podia mais e se expressava com alegria. Descrevia-se enquanto “*uma menina bastante sonhadora e bastante batalhadora*”, nada a desviava de sua vontade de partilhar o que havia experienciado. Intrigada com sua história por detrás da batalha que indicava, perguntei-lhe o porquê de tal resposta para defini-la, ela de pronto e sorridente explica:

“eu defino a palavra batalhadora porque, hoje eu vejo que a minha infância também foi um pouco sofrida, principalmente quando eu iniciei meus estudos, porque eu... e meus pais, morávamos longe da escola, então muitas vezes eu percorria dois quilômetros por dia a pé pra poder ir até escola. Então sou uma menina que correu atrás dos sonhos dela”.

Observei que ao caminharmos por entre os trilhos, *Lótus* carregava consigo uma sacola de sementes, que ia distribuindo ao solo dos meus ouvidos enquanto narrava sua história e oferecia entusiasmo em forma de adubo ao contar suas experiências vivenciadas até ali. Assim como na sua infância, ela continua a percorrer os seus sonhos e compartilha agora, comigo, seus passos. Conversar com a *Lótus*, foi um constante revisitar o passado, talvez isso se dê por conta de nossas trajetórias se aproximarem tanto! Também venho do meio rural... minha mãe e meu pai, da mesma forma são agricultores familiares, no entanto não trabalharam com o fumo, como a família de *Lótus*, mas conheço a difícil realidade de quem trabalha com essa cultura, o aprisionamento financeiro e o adoecimento do corpo que muitos enfrentam⁴⁸. *Lótus* sempre tão disponível e acessível me fez dar passos alegres em direção a novos encontros. Ela inclusive apareceu em meu sonhar noturno, em imagem onírica, indicando com sua escrita de si possibilidades de caminhos que poderiam ser trilhados, me deu segurança, inclusive, para narrar a mim, enquanto narrava a si.

Assim como os trilhos que nos guiavam o caminhar, *Lótus* me relatava sua possibilidade de atuação na presidência por caminhos que já haviam sido construídos por outras mãos, essas que possibilitaram e ainda possibilitam o suporte para o seu caminhar. Com generosidade, ela nos transmite a importância do reconhecimento de quem a antecede e abre seus caminhos, assim como notabiliza as mulheres que andam com ela e constroem diariamente o destino (citando a *professora coordenadora, Olívia* e tantas outras jovens que estão à frente, na diretoria da CESPOL). Motivada em saber o trajeto que a levou para a presidência da cooperativa-escola, a questiono sobre o movimento que precisou ser feito e o processo pelo qual ela teve que passar para atualmente chegar nesse lugar. Ela atenta às minhas indagações responde com gosto:

“Bom, eu iniciei o curso de Gestão de Cooperativas em 2017 e logo nesse período teve o processo seletivo pra atuar como bolsista na CESPOL, eu me escrevi e acabei sendo

⁴⁸ Aqui indico, para aprofundamentos reflexivos, a tese de doutorado de Laila Mayara Drebes, *Suicídio de fumicultores familiares: construções de um problema social*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da UFSM em 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18608/TES_PPGER_2019_DREBES_LAILA.pdf?sequence=1&isAllowed=y

selecionada. Logo após, ali por... abril, maio de 2018, recebi a proposta de participar como Primeira Gerente. Então, surgiu o convite pra participar na diretoria e logo aceitei, foi uma grande experiência porque a gente aprende muita coisa, fazendo isso na prática, né, a gente vem da teoria pra prática e isso agrega muito. Logo quando atuei como Primeira Gerente, eu recebi também o convite... logo depois da primeira gestão, para montar uma chapa e concorrer. Depois a gente foi pra assembleia pra ver se os associados aprovam a diretoria. Então eu participei como Vice-presidente, juntamente com a Olívia, onde eu aprendi muita coisa. E a responsabilidade foi aumentando, né, de Primeira Gerente a Vice-presidente, cada vez a responsabilidade aumentava mais, e eu acabei me envolvendo mais também. E mesmo continuando como Vice-presidente eu atuei como bolsista, porque uma coisa é ser bolsista, outra coisa é ser Vice-presidente.

Atuei em duas gestões com a Olívia porque ela ficou dois anos, duas gestões seguidas como Presidente. Aí a Olívia acabou se formando e chega a preocupação da continuidade desses trabalhos que já vinham sendo realizados. Então eu pensei: “Vou encarar, a proposta de ser Presidente da Cooperativa”. Deu muito frio na barriga, porque quando tu é vice tu tem sempre a presidente pra te apoiar, né, mas quando eu comecei como presidente eu fiquei com muito medo. Será que eu vou ser uma ótima presidente? Vou conseguir dar conta de todas as coisas? Mas conforme as coisas foram acontecendo a gente foi analisando as situações e vendo que ainda são projetos e pensamentos que estão florescendo, então eu digo assim: “eu coloquei a sementinha neles e vamos ver se vai brotar”. E mais, a gente se apaixona pelo cooperativismo, sinceramente, desde o comecinho até hoje, foi a melhor escolha que eu fiz. Uma das alegrias que eu penso quando a gente começa a trabalhar com isso é que a gente não pensa mais só “o meu”, a gente começa a pensar “o nosso”, pensar mais no coletivo”.

Com sua fala fiquei reflexiva, sentindo os efeitos de seu dizer em mim, avistei a beira dos trilhos dois espaços que nos convidavam para uma pausa no caminhar, nos sentamos, e em silêncio observamos a nutrição que a paisagem nos proporcionava. Enquanto degustávamos aquele momento, ressoava em mim a última fala de *Lótus*: “Uma das alegrias que eu penso quando a gente começa a trabalhar com isso é que a gente não pensa mais só “o meu”, a gente começa a pensar “o nosso”, pensar mais no coletivo”. Sua fala reviveu afetos do início de minha jornada acadêmica, quando comecei, com consciência, a dar os primeiros passos reflexivos sobre o coletivo. A possibilidade de renovação de mim mesma, expressa na trajetória narrada por *Lótus*, me mostrou o quanto, nesses mais de 12 anos, tenho aprendido a pensar mais

coletivamente, a abrir espaço para o outro, para a diversidade, afastando-me da racionalidade individualista que presumivelmente rege nossas relações neoliberais e sistemas hegemônicos do pensar, bem como da organização social, que tanto nos é imposta. Depois de presenciar as afetações, quis saber mais sobre a experiência cotidiana de *Lótus* à frente da cooperativa, como ela se sentiu ao assumir a presidência e se percebeu florescer junto da CESPOL. Afetuosa com seu olhar, deixa brotar na oralidade seu dizer:

“Quando começou com aquela sementinha no coração, lá trás, no momento que eu comecei com a ideia de talvez me tornar presidente, eu não imaginava que seria num momento de pandemia. Então tinha várias ideias que eu tinha idealizado, mas que teriam que ser feitas no presencial, e aí tu já começa a pensar: “Como é que eu vou fazer isso não sendo presencial?”. O nosso primeiro desafio, eu não sei se a Olívia comentou, logo de início, a gente teve uma Assembleia Geral Ordinária e a gente tinha lançado todo o edital, todos os processos que tinham que ser feitos de forma presencial. Quando chegamos ali pela metade de março de 2020, iniciou-se a função da Pandemia e nós tínhamos marcado a Assembleia pro dia 25 de março. Então a gente ficou pensando: “Vamos esperar mais algum tempo e isso vai passar”. A gente via que os números de casos de COVID iam aumentando e que as coisas estavam cada vez mais complicadas e aí a Olívia falou: “A gente tem que realizar a nossa prestação de contas, como vamos realizar isso?”. Ah, vamos à busca, né, vamos se desafiar. Como fazer algo seguro, né?! Porque a gente também pensa assim... não é só fazer uma prestação de contas e pronto, a gente também tem toda a questão da legalidade disso, achar uma plataforma que fosse compatível com o nosso número de associados e confiável, porque às vezes não é só fazer um chamamento, fazer Assembleia, mas e se essa Assembleia não contar pra JucisRS [Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul]. Então tinha toda aquela questão, a gente tinha que cuidar cada detalhe... Aí a gente pensou assim “vamos lá” e logo depois disso saiu também a legalização das Assembleias Digitais. Ah... aquilo ali foi um marco pra nós, a gente pensou: “tá, é isso, vamos... vamos por esse caminho aqui que é o que a gente queria”. E, logo com isso, a gente teve vários cursos de capacitação, de como fazer essas assembleias e a própria OCERGS e a OCB começaram a divulgação de plataformas e meios de as assembleias serem realizadas”.

Não pude evitar, enquanto nos levantávamos para seguir o caminho, minha interpelação à *Lótus* foi no intuito de descobrir como era para ela ocupar um espaço na diretoria, em especial como vice e também como presidente de uma cooperativa, sendo ela uma jovem mulher.

Intrigava-me a curiosidade de como se davam as relações com docentes e a instituição de ensino onde se encontra a CESPOL. Com muita disponibilidade, e uma dose de humor, *Lótus* responde minha indagação:

“Bom, por ser uma cooperativa-escola, não chego a ver resistência... mas assim... se eu for analisar do Colégio pra fora, há um olhar... digamos... o pessoal fala: “Ah, mas é tão nova, já assumindo...”. Eu vi quando eu tava lá no Colégio, ali como bolsista, eu vi uma realidade, que não tinha tanta resistência, nem tanto preconceito, né, mas quando tu sai... Eu, por exemplo, fui fazer o meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] em duas cooperativas aqui da região central, onde os diretores são de várias gestões, de vários anos em cargos de diretoria e quando eu fui participar, fazer a pesquisa do meu TCC e expliquei que eu era presidente de uma cooperativa, eles me olharam e deram um pouco de risada, assim... não queriam acreditar na hora. E aí eu disse: “Não! Eu assumo um cargo de diretoria, aonde eu sou a presidente da cooperativa”. E eles falaram: “Mas tão nova assim? Tu não tem medo de não dar conta do [recado]...?”. “Não, não tenho medo não, eu acho que a gente tem que ter abertura a querer aprender cada vez mais e a gente só aprende se desafiando”. Então, eu vi assim... que algumas vezes, dependendo da cooperativa, há algum... digamos, um certo preconceito por ser nova e ao mesmo tempo mulher, porque as duas cooperativas que eu fui entrevistar eram cooperativas geridas por... pelo sexo masculino, então... “ah... uma presidente menina, assumindo um cargo de diretoria, né, tão nova...” [risos]”.

Não é preciso falar muito, depois que suas palavras foram lançadas ao vento o zumbido de sua mensagem nos provoca o pensamento, incomoda, desassossega, desconforta... torna visível o “risível do desencorajamento” de uma história, de uma existência e narrativa que precisa sustentar com mais força um lugar que detém o poder, o qual nem mesmo lhe cabe por muitos. Ri com ela naquele momento, no entanto ao mesmo tempo que vibrava por sua expressão no mundo, meu coração também entristeceu, recordei-me das dificuldades que tantas, há tempos, vem suportando diariamente para compor um lugar de visibilidade e reconhecimento, lugar esse que a priori, para alguns, ainda, só cabe ao estereótipo universal de quem detém o poder e o conhecimento, o homem branco, hétero, cis gênero, pertencente à gerações que sustentam certo conservadorismo histórico-cultural, que por ventura, por vezes, chamamos de forma equivocada, de amadurecidos.

Refletir sobre essas questões, me faz novamente perceber o ar outonal que nos envolve e orienta nossa caminhada, assim como a estação nos revela, é imprescindível e inevitável, também, viver o ciclo das renovações, e aqui, para além do cenário imagético, refiro-me as renovações na esfera do pensar e do agir, bem como na arena educacional e cooperativista. Transformações institucionais essas, que nos exigem reivindicações intelectuais e de ações práticas. Percebo em *Lótus* um desejo genuíno de transformação, em sua vida, onde trabalha, na cooperativa e na sociedade, talvez, até seja a estação que inunda os meus sentidos e refletem esse pensar outonal, ou ainda, a narrativa de *Lótus* que me estimula a revisitar reflexivamente os lugares de renovação cíclica da vida, o que precisamos deixar ir e o que precisa ficar. O que é preciso renovar e o que é preciso por momento ir hibernando, pois o frio já está dando as caras e precisamos nos proteger de sua dolorosa frieza. Enquanto conversávamos, *Lótus* me entrega um papel rascunhado que trouxe consigo, sua letra havia gravado nele quem ela percebia de si mesma, por meio da escrita, narrou a si...

“Meu nome é Lótus, tenho 24 anos, nascida em 18/08/1997, filha de agricultores rurais produtores de fumo, sou irmã mais nova, tenho dois irmãos mais velhos, ambos casados. Nasci no município de Dona Francisca, na região central do Rio Grande do Sul, onde residi com meus pais e meus irmãos até meus 5 anos.

Acabamos nos mudando, para o interior do município de Agudo, na Localidade da Linha Boêmia. Em 2004 iniciei meus estudos, com 6 anos de idade, em uma escola pequena onde frequentei até meus 9 anos, na época boa parte da minha ida era realizada a pé percorrendo 2 km todo dia. Em 2006 a escola foi fechada, tendo a necessidade de me matricular em outra escola, onde estudei e fiz todo meu ensino fundamental.

Em 2012 iniciei o ensino médio, na qual era na cidade de Agudo. Da casa dos meus pais até o local era praticamente 1h30min, 30 km de distância em estrada de chão. Acordava muito cedo e chegava tarde em casa, mas todo esforço valia a pena pois tinha um sonho de cursar uma universidade, um sonho não somente meu, mas da minha família, pois fui a única a cursar o ensino médio e entrar em uma universidade.

Em 2014, terminei o Ensino Médio, não conseguindo passar acabei procurando um emprego em um Jornal Local, trabalhei durante 6 meses como secretária. Em 2016 passei no curso Técnico em Contabilidade no Colégio Politécnico da UFSM, onde devido isso acabei me mudando para a União Universitária, no início de maio do mesmo ano, para a Casa do Estudante Universitário (CEU II). Também atuei como Bolsista neste período na PRPGP [Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa] no setor financeiro, em julho de 2017 acabei passando

em Gestão de Cooperativas, logo após disso abriu o processo seletivo para bolsas na CESPOL, onde tive a oportunidade de ser escolhida. Em 2018 fui convidada a participar da diretoria da CESPOL, onde atuo no cargo de presidente. Atualmente trabalho também como secretária escolar no município de Agudo, como contratada.

Considero-me uma menina que nunca teve medo de desafios, pois são com eles que aprendemos e nos preparamos para o futuro. Hoje sou o exemplo para minha família, pois fui a única que consegui cursar uma universidade pública, meus pais nunca teriam condições de pagar uma particular. Cresci em uma família de interior, criada na “roça”, com coisas simples, sem nada de luxo” (Olívia, escrita de si, 2021).

Entre uma pausa e um respiro, ressoa em mim, por meio de sua escrita, a menina que me habita, aquela que veio do interior do estado e com dezessete anos iniciou um curso de graduação em uma universidade pública, ressoa também a que morou na Casa do Estudante, a que foi bolsista, a que percorreu caminhos com a CESPOL e a que se desafiava mesmo em meio aos receios. Compartilho emocionada, pois são tantas em mim que ecoam e outras tantas, assim como nós, que percorrem caminhos tão afins, porém em outros lugares e contextos, em contato com outras pessoas e cursos, vindas de outros “rurais”, ocupando outros espaços de poder.

Pedi para ficar com a escrita, ela sorriu e disse que o rascunho era meu. Que o que escrevera não era mais dela, agora de alguma forma me pertencia também. E em certa medida, é por isso que escrevo similarmente aqui, isso não é mais de *Lótus*, muito menos meu, e como uma folha amarelada ou acobreada solta pelo caminho, é possível ser vista e percebida com os sentidos. Se for de sua vontade, você pode pegá-la e percebê-la em suas surpreendentes facetas e detalhes, levar para outros quadros imagéticos e transformar em palavras. Observei que semelhante são nossas existências e pesquisas, deixamos em palavras aquilo que já não nos pertence, para que então preservemos a seiva que nos será alimento para os próximos ciclos e estações.

Foi aí, com seu rascunho em minhas mãos e inspirada em seu caminhar narrado que a convidei, emocionada, para plantarmos ao chão a folha que desprendia de seus galhos, assim como suas palavras que se transformavam em sementes, estas lançadas por nosso andar em conversação, senti ali que a hora de semearmos juntas no caminho se aproximava, já não cabia mais em nossas mãos e a semeadura de outono se fazia necessária.

Escolhemos então, um lugar que nos abrilhantava o olhar e fazia sorrir os sentidos, agachamo-nos e próximas do solo aquecido com o sol da manhã, fiz uma pequena abertura naquela terra úmida, que havia se embebido da chuva escorrida dos céus no anterior anoitecer. *Lótus* já com o rascunho de volta em suas mãos, assentou-o naquele lugar. A quatro mãos fechamos a terra e a cobrimos com o tempo, suas sementes estavam plantadas, não só em mim, mas no caminho que havíamos trilhado. O gesto daquele momento, nutriu meus sentidos e sonhos e, assim como, e com *Lótus*, encorajo-me a lançar sementes, sejam elas em forma de palavras, ações, ou ainda em arte. *Será que brotarão?* Pergunto-me em silêncio, ao recordar de nosso encontro. Talvez. Mas isso só poderei dizer ao chegar da primavera ou do verão, caso isso não aconteça, não me entristece pensar no alimento que a terra comeu e que em nutrição pôde transformar.

5 ESTAÇÃO CÍCLICA: UM PASSEIO EM DIREÇÃO À OUTROS, NEM TÃO OUTROS, LUGARES DO PENSAR E REFLETIR

Hoje o dia amanheceu com um ar outonal, no entanto ainda com resquícios do verão, aproveito o momento para desfrutar, enquanto escrevo, de meu jardim. Ponho-me a movimentar uma mesa e uma cadeira que habitualmente se encontram pelo lado de fora da casa e organizo meu local de trabalho. Este que ganha novo aspecto, não mais vejo circundante paredes amarelas ou cor de canela, nem mesmo as estantes de livro ao lado. Disponho agora de outros detalhes que inspiram o *senti-pensar* e que provocam um outro experimentar aos sentidos. A visão que antes se limitava há um espaço de pouco mais de 2 metros, pode ver por entre as cores dos corredores das árvores que permitem a suavidade do vento que agora toca meu rosto e minhas mãos ao escrever. Sinto também o cheiro de sol que nutre a grama verde, orvalhada e fria da manhã.

A cada momento uma surpresa, pois me faz companhia um beija-flor que voa suavemente por entre as flores que me envolvem. Ouço o barulho de sua anúncio enquanto se aproxima, o que me desperta também para outros sons e ruídos antes afastados de minha percepção. paro por um segundo, e atento o que até então não ouvia, ou mesmo percebia com o olhar. Tanto a ser observado... as abelhas que também desfrutam do pólen que se transformará em mel, os cítricos amarelando em suas árvores à espera da geada que os adoçará, as rosas brancas que nem mesmo imaginava tão altas e o silêncio que um domingo pela manhã provoca. Minhas mãos e meu corpo sentindo um desejo quase indescritível pelo ato de escrever o que meus sentidos captam neste espaço e tempo. Uma relação prazerosa e de intimidade com as teclas do computador que produzem uma vontade de dançar a sua dança, é assim que me ponho a escrever, sem mesmo apreender tudo que se manifestará na relação corpo-escrita e escrita-corpo.

Esse entusiasmo juvenil que me provoca e esse prazer indecifrável pelo escrever que me acomete, me leva a refletir sobre a juventude, esse “lugar” que ora é tratado como uma fase de vida, outra como uma pulsão que assola, outra ainda pela ótica da rebeldia, ou mesmo dentro da sociologia, por sua perspectiva de construção social. Influenciada, nesse momento, mais a percebo como espaço e ciclo que se faz e refaz constantemente, assim como o movimento que observo ao meu redor, o que antes não era apreendido por meu corpo. Recordo-me então de minha trajetória e reparo que, assim também, se apresentam as juventudes em minha (des)construção acadêmica, estou agora absorvendo outros sentidos de percebê-la, experienciá-la e escrevê-la em meus textos. E ao mesmo tempo em que se dá minha constituição de

subjetividade, também percebo a relevância de refletir a constituição do sujeito que se encontra neste espaço que é a juventude. Remeto-me à lugar por sua complexidade de relações envolvidas, onde nem todos podem ir, mas que em maioria passamos, e deixamos de frequentar. Por isso, de certa forma, componho em minhas escritas, “as juventudes”, pois são tantas as configurações possíveis e são tantos os lugares a percorrer, estes impensados. As juventudes, para além de um interesse intelectual de pesquisa passou a ser reflexão diária de experiências vividas, e a busca pela compreensão desse lugar revelava a minha ânsia em conhecer outras experiências, em aprender como estas jornadaavam por seus diversos espaços.

Com isso, já manifesto aqui, que refletir acerca das juventudes nesta escrita não significa andar por caminhos homogeneizantes e universalizantes do pensar e do categorizar, muito menos simplificar no agrupamento de uma divisão etária. Apreendendo-as muito mais enquanto processo e teia construída socialmente, assim estou atenta para a complexidade e multiplicidade de relações entrelaçadas a aspectos indefiníveis que cotidianamente afetam este lugar (das juventudes). Portanto, reafirmo sua pluralidade e a diversidade de experiências de ser jovem ou mesmo viver a juventude. Ao escrever o que me acomete, recordo-me da escrita inspiradora e poética de Chirley Mendes em sua tese acerca das juventudes, essa que se aproxima tanto do que observo e capto a respeito. Para ela:

[...] a juventude que imaginamos, evocamos e descrevemos geralmente no singular só existe no plural. Há, pois, juventudeS. Possibilidades diversas e múltiplas para a composição desse curso da vida que faz pessoas e é, simultaneamente, feito por elas. E por ser também matéria-prima moldada por tantas mãos, por tantas subjetividades, disputada em tantas narrativas, não há maneira pela qual possa ser homogênea, uma, universal. Cabe aqui, pois, evocarmos sua pluralidade cambiante, a sua carga incalculável, sua composição incerta e imprecisa, as suas sobras e ausências, a sua heterodoxia, os remendos e colagens que lhe são adicionados ao longo do caminho no transcorrer de tempos geracionais marcados por enredos históricos e situacionais vários, bem como por escolhas individuais singulares. Porque a composição das juventudeS não é feita por uma única geração, mas se constitui de forma relacional no entrelaçar de pessoas de vários tempos e nas obrigações tecidas e reiteradas entre mais velhos e mais jovens. (MENDES, 2018, p. 78).

Com isso, percebo as juventudes e apreendo seus contextos, entendendo a influência e o sentir da interação sujeito e mundo experienciado, como nos manifesta Chirley, “as juventudeS [...] se põem como matéria prima do processo vivente”. Que se compõem no desgaste e no envelhecer, mas igualmente, no recheiar e rejuvenescer de suas múltiplas constituições, é, portanto, movimento *juventude-matéria-prima*, daquilo “que não cessa, é um abrir e fechar, é reter e deixar ir, criar e destruir, é apreender e aprender, é experimental e performada é feita de concreto e lama, endurece e afrouxa, se acha nas vivências narradas e silenciadas, no novo e no

velho, é trecho da vida que se pode presentificar em qualquer tempo” (MENDES, 2018, p. 80). Evidenciada está, em sua composição, a força criativa das juventudeS.

Ao ler sua tecitura de palavras, ecoa em mim o que Michel Foucault anuncia em uma de suas entrevistas, no ano de 1982, sobre *Sexo, Poder e a Política da Identidade*⁴⁹. Ele, que acredita na possibilidade de novas formas de vida, relações e amizades nas sociedades, além de novos modos de arte e cultura que passam a existir e se instaurar por meio de nossas escolhas, sejam elas sexuais, éticas e políticas. Foucault, que vivenciava e afirmava o “tornar-se gay”, para além da reafirmação da identidade homossexual, uma vez que para ele “O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa”. Logo, “devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa”. E, é assim, que também compreendo as juventudes, mas não só elas, conjuntamente as mulheres⁵⁰, como força criativa, com possibilidade de invenção de novas formas de existência. O que já pudemos avistar, semelhantemente, no caminhar com Margareth Rago e as “artes feministas da existência”, estas que inspiram minha jornada de construção feminista pessoal. Diante disso, o encontro com um movimento criativo-reflexivo-(re)inventivo que se apresenta em minha caminhada, neste momento, expressa o que vislumbro das juventudes e dos feminismos. Marca essa, que compõe esta escrita, mas também minha história. E não só nossa, mas de *Helena, Olívia, Sól e Lótus*.

Refletir sobre isso, faz com que eu sobrevoe o reflexionar de Boessio, esta que ao passear junto das provocações de Judith Butler, teórica que problematiza os corpos e gênero entendendo-os enquanto performativos a partir da luta por reconhecimento, compreende a ação como precedente do pensamento sobre a ação (invertendo o *cogito, ergo sun*, onde primeiro se pensa para então existir). Isso, possibilita “reconhecer nossos corpos como materialidade que abarca possibilidades antes impensadas. Nesse sentido poderíamos pensar sujeito, pensar gênero, pensar a nós, e a nós como mulheres, como obras inacabadas” (BOESSIO, 2021, p. 200). É assim que contemplo as narrativas desveladas nesta escritAção, em especial das mulheres que compartilharam suas existências, expressadas aqui em contos, mas não só delas, também quem é convidada e convidado a adentrar esta conversAção com suas engenharias do pensamento.

⁴⁹ Publicado em: *verve*, 5: 260-277, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/4995/3537>. Acesso em: maio de 2022.

⁵⁰ Compreendo que o sujeito do feminismo seja mais amplo e plural, no entanto utilizo nesta escrita o termo “mulher”, uma vez que se trata de uma categoria política relevante. Ainda, por aparecer nas narrativas de minhas parceiras de pesquisa, quando essas estão a contar sobre elas.

Ao dizer isso, meu corpo não deixa de sentir conexão pelas composições executadas por estudiosas de gênero e dos feminismos. Aqui, jornadeando com maior expressividade, junto de Margareth Rago, Guacira Lopes Louro, bell hooks⁵¹, Amábile Tolio Boessio e Chirley Mendes. Percebo no caminhar de cada uma, os passos em direção à uma desconstrução profunda das lógicas dominantes que condicionam nossos corpos e nosso pensar. Todas, em suas realidades, expõem um processo, que não elimina os conflitos e que só pode ser revelada sua obra com o tempo. Pesquisadoras, que antes de tudo, se reconhecem atravessadas pelos discursos universalizantes, encontrando formas particulares de revelar o impacto da constituição de sua subjetividade na construção e escrita de seus textos. Elas que revelam o processo de descompasso e de tensão na arena acadêmica e que, mesmo permeando disputas severas e por vezes dolorosas, escolhem, eticamente, contribuir à sua maneira, na construção e na produção de novos mundos e novas formas de existências, não só suas, mas também para outras mulheres e, além disso, para a construção dos saberes.

Esse inspirar, me recorda de *Lótus*, e de sua menção acerca do preconceito que por vezes enfrenta “*por ser nova e ao mesmo tempo mulher*”, ocupando a presidência de uma cooperativa. “*Ah... uma presidente menina, assumindo um cargo de diretoria, né, tão nova...*”. Seu corpo é lido, a partir de lentes que desqualificam seu saber e seu fazer. O mesmo acaba sendo sentido por *Olívia*, em espaços outros que ela ocupava enquanto representante. Era visível um não ouvir velado e uma resistência acerca de seus posicionamentos, o que a impedia, muitas vezes, de falar nesses ambientes; “*muitas vezes... nem eu me sentia com abertura pra falar nesses momentos*”. Sentia-se sozinha, já que a única outra mulher que também estava ali (no conselho) era suplente. E como ela mesma relata: “*como jovem, sendo a única jovem, eu não era tanto ouvida, eu me sentia bem desconfortável, [...] era um ambiente desafiador. [...] Tinha muito disso nessas representações e a gente acaba percebendo que o falar é uma coisa e o agir é totalmente diferente*”.

Nesse momento, relembro Foucault e suas contribuições a respeito do corpo para pensar os feminismos. O corpo da mulher está dentro de uma complexa rede que é disputada, uma vez que nossa sociedade e cultura disputa a prevalência e dominância de alguns corpos sobre outros. Assim, os corpos compõem uma rede invisível de disputa política de poder, sendo que meu corpo não é totalmente meu, ele também é social, e quanto mais poder você toma para si, mais você tem a possibilidade de escolha sobre si mesmo. Essa é uma importante contribuição de

⁵¹ Destaco aqui que, Gloria Jean Watkins, usa seu pseudônimo escrito com letra minúscula, no intuito de dar ênfase ao conteúdo de sua escrita e não à sua identidade, ela que se entende em permanente movimento, não fixada à uma única identidade. O nome "bell hooks" foi inspirado em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks.

Foucault, e que se mostra na luta feminista, dessa forma ao questionar as relações de poder que regem os corpos, passamos a ocupar também essa rede complexa, caminhando para transformação do que nos disciplina e aprisiona com suas narrativas universalizantes em um sistema que segue a reproduzir poderes fascistas e patriarcais.

Logo, corpos fascistas tendem a produzir discursos e ações fascistas, derramando e implicando em outros corpos suas narrativas. Discursos e narrativas essas, que reforçam o quanto nós, jovens e mulheres, somos incapazes de ocupar os espaços de poder, conduzindo ou mesmo transformando a nós mesmas e a sociedade. Quantas de nós, já não se sentiram desencaixadas de seu próprio corpo? Quantas de nós, já não sentiram o desencontro com seus corpos? Quantas de nós, ainda continuam a sentirem-se inadequadas, por sua forma de falar, agir e se expressar no mundo, como nos revela *Lótus* e *Olívia*? Quantas de nós, silenciam suas existências e deixam de ocupar espaços que são seus, em arenas não só de poder a frente de instituições, para evitar a dor do desconforto que um corpo sente ao ser menosprezado, invalidado e desrespeitado, assim como *Helena*?

Ainda observamos muitos corpos que sofrem esse desrespeito, mas que diariamente se movem enquanto força criativa na procura e na ação da (des)construção de suas narrativas, para se sentirem, minimamente seguras em seu andar, confiantes no falar e sem receios de ocupar o próprio corpo. Corpo esse que a pertence, expressando sua existência da forma que lhe cabe. O poder não nos é dado, como nos lembra Foucault, ele precisa ser tomado. Há muito estamos recebendo a carga disciplinadora sobre nossos corpos, dirigindo nossa atenção para os espaços que podemos, ou não, ocupar, tornando-se até difícil, no caminhar, produzir uma nova existência. No entanto, historicamente, vemos avançar os feminismos e as transformações sociais de suas diversas ordens, nos encorajando o seguir da caminhada. Este, que acredito eu, exigir a necessidade do cuidado de si e, para além, implica a ação transformadora não só em si, mas em relação ao outro e ao mundo que nos circunda, como foi possível ver com tanta clareza e florescer no contar de *Olivia*. Além dela, também, *Lótus* nos ensina a urgência de encararmos os discursos que nos apequenam, a ter coragem de seguir adiante em sua caminhada, confiando na mudança.

Nesse sentido Michel Foucault, com sua engenhosidade intelectual, proporcionou contribuições significativas acerca do debate das relações de poder. E assim como já mencionado aqui, em alguma altura do caminhar, enquanto filósofo que “sacode as evidências” e “sacode o que é familiar”, nos evidencia que o poder age sobre o corpo, assim sendo, somos constituídos, também, por tecnologias de poder encontradas nas relações sociais, essas estando

em rede podem ser exercidas em diversas direções. Essas que segundo ele, podemos avistar em suas obras, permeando modalidades de poder: poder disciplinar, biopoder, biopolítica e governamentalidade. Em seu refletir, é fundamental apreender o “exercício do poder”, pois só o é possível entre sujeitos que têm a capacidade de resistência, assim, em sua “análise do poder”, o poder vincula-se mais a “uma estratégia”, do que “uma propriedade”, um privilégio possuído e transmitido. Dessa forma, com o olhar direcionado aos efeitos do poder, nos alerta para suas implicações, relacionadas a disposições, manobras, táticas, técnicas e funcionamentos, que desvende “uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade” (FOUCAULT, 2014, p. 30).

Aqui, vejo pertinente, expressar sua microfísica do poder, uma vez que ela nos amplia as reflexões para os detalhes do caminhar, em especial, nos contos que avistamos. Para Foucault (2014, p. 29), ao olhar para os estudos relacionados a história do corpo, é possível perceber seu caminhar para além dos acontecimentos biológicos, e encará-lo em seu mergulho no campo político, onde “as relações de poder têm alcance imediato” sobre o corpo. Essas, por sua vez, “o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais”. Trago aqui suas palavras, que revelam com assertividade, sua perspectiva acerca das tecnologias de poder que nos constituem e que, também, constituímos, uma compreensão de um “poder produtivo” (capaz de produzir comportamentos, atitudes e ideias, capaz de produzir corpos dóceis e úteis), em oposição e questionamento ao “poder repressivo”.

Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político, cuidadosamente organizado, calculado, e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer o uso de armas, nem de terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las; esse saber e esse controle, constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos, e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme. Além disso, seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho de Estado. Estes recorrem a ela; utilizam-na, valorizam-na ou impõem algumas de suas maneiras de agir. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa, num nível completamente diferente. Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca

de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. (FOUCAULT, 2014, p. 29).

Seria ingênuo de nossa parte pensar, que o poder nos está afastado, ao contrário, Foucault nos mostra que o sujeito está na centralidade e que as relações de saber e poder permeiam a complexa rede social, é um jogo de forças e estamos imersos nelas, ao mesmo tempo que somos constituídos por essas tecnologias políticas e técnicas de poder, também as constituímos. É por isso que para o filósofo a questão problema está no sujeito e não centrado no poder, esse sujeito que é a expressão da liberdade e constituído a partir de sua compreensão ética. Não à toa, ele está preocupado, em fazer uma genealogia do sujeito moderno, em descobrir quais as práticas constituem-no (FOUCAULT; 2007 2014; 2010).

Ao ler Foucault, meus pensamentos não deixam de sobrevoar as instituições de ensino, e muito menos se afastam do vislumbrar a educação, inquieta-me pensar a respeito das afetações implicadas nas relações de poder penetradas nesses espaços. Com tal inquietude, e atenta para o fluxo das jovens e mulheres nos espaços educacionais, evoco Guacira Lopes Louro, ela que une os estudos feministas à educação e, que além disso, está apoiada na vasta obra de Foucault, nos permitindo refletir sobre os corpos como produções históricas, assim como seu processo de disciplinamento avistado nos diversos contextos e encontrados igualmente nos espaços educativos. Estes que não estão isentos do atravessamento das relações de poder e que, também, reproduzem sistemas de opressão e silenciamento para com alguns corpos⁵². Louro, problematiza algumas concepções e situa no espaço-tempo os estudos feministas, observa alguns ganhos e outras perdas, e enfatiza também que o movimento LGBTQIAP+⁵³ vem desvelando a complexidade social e denunciando igualmente que o sistema binário e linear não tem condições de explicar, nem mesmo reduzir, tamanha multiplicidade de formas de existência. Ainda, a pesquisadora desvela a construção do processo de escolarização, e o quanto estão atreladas as desigualdades, as distinções, e a separação dos sujeitos como produto das instituições educacionais.

⁵² Para o aprofundamento acerca dos estudos feministas e seus desdobramentos históricos, indico particularmente Guacira Lopes Louro, *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2014), Gerda Lerner, *A criação do patriarcado* (2019), e a coletânea de livros sobre o *Pensamento Feminista* organizado por Heloísa Buarque de Hollanda. Vale destacar que este texto não se propõe há uma descrição densa da história dos feminismos e dos estudos de gênero, uma vez que se reconhece a existência de uma ampla tarefa já desenvolvida por estudiosas e estudiosos da luta feminista. Compreende-se aqui então, a necessidade de ampliação das reflexões, a partir do que se estabelece, vislumbrando outros contextos, especialmente a partir de uma perspectiva pós-estruturalista desses estudos.

⁵³ Cada letra significa: Lésbica Gay Bi Transexual/Transgênero/Travesti Queer Intersexo Assexual Pansexual, o + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero.

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2014 p. 61).

Guacira, traz questões centrais a respeito das práticas educativas da contemporaneidade e enfatiza a produção das desigualdades de sexo e de gênero e suas relações com a diferença de raça, etnia e classe. Ela nos provoca a desconfiança do que é naturalizado nos espaços (como seus currículos, suas normas, teorias, linguagens, entre outros procedimentos), ouvir o “não dito” (“aquilo que é silenciado”) e nos atenta para o processo contínuo e sutil de “fabricação dos sujeitos”. Com suporte, nos Estudos Feministas, nos Estudos Culturais, ainda Estudos Negros e Estudos Gay e Lésbicos nos mostra como são constituídas e fixadas as *diferenças*, bem como estas são reconhecidas ou desvalorizadas, buscando romper com o binarismo rígido e focalizando em problematizações de gênero ampliadas, que abarquem a multiplicidade, não só de gênero, mas também expressas na sexualidade, nas questões raciais e de classe.

Inspirada na analítica de poder de Foucault, Louro reivindica por uma prática educativa não sexista, esta que se fará “*a partir de dentro* desses jogos de poder”, uma vez que não se pode isentar as práticas educativas da imersão no contexto social e político e isso ocorrerá de qualquer forma, pois “as relações sociais são sempre relações de poder e [...] o poder se exerce mais na forma de rede do que em um movimento unidirecional” (LOURO, 2014, p. 123). Seus escritos, fazem-me refletir sobre os espaços educacionais que pudemos avistar na construção das narrativas das jovens e mulheres que caminham conosco nesta escrita. Ao pensar, não só o espaço acadêmico, refletido pela presença da universidade, mas também a escola politécnica onde os cursos estão alocados, bem como a cooperativa-escola enquanto prática educativa, podemos avistar ali, os movimentos e fluxos da complexa rede de relações de poder que constituem os sujeitos e ao mesmo tempo são constituídas por eles. Ao ver refletida nas narrativas, suas transformações, podemos também pensar a respeito das possibilidades de promoção de mudanças sociais.

Com isso, recordo-me aqui de Paulo Freire e de sua perspectiva de prática educacional, essa “que é por si mesma, tanto libertadora quanto participativa, que simultaneamente cria uma nova sociedade e envolve as próprias pessoas na criação de seu próprio conhecimento”, no entanto ela está imanente em uma “verdadeira libertação”, aquela que se realiza quando um sujeito que se percebe oprimido, deixa de o ser, sem vistas a se tornar o opressor (FREIRE; HORTON, 2003, p. 32). A educação está carregada de politicidade, nos ensina Paulo Freire,

sendo assim é decisiva para a construção do sujeito político e para sua prática de liberdade. Com essa premissa basilar, estou com olhos atentos nesse caminhar, à arena educacional, para mais, observo seus processos de formação na construção do sujeito. Alinhando aqui, as juventudes enquanto complexo processo de formação de suas identidades, de cidadania e da própria corporeidade que está em disputa nas e pelas redes discursivas. É também, nesse processo e em contato com as institucionalidades, que se tem a possibilidade de o sujeito se perceber em relação(ões) para com outras instituições, sendo canal de produção de questionamentos sobre si, descobrindo-se de outras formas e propiciando transformações quando se torna ciente de uma prática libertária.

Assim, como descrevo desde o início deste corpo-texto, vou constatando as opressões e aprisionamentos, as palavras que não minhas, mas que as repetia. Percebo similaridade ao avistar as narrativas das jovens aqui contadas e que alçaram voos, a partir da inter-relação com outras institucionalidades, como a universidade, a cooperativa-escola, ou ainda outros espaços e discursos que lhe foram possíveis a aproximação durante o caminhar de cada uma. Todas as mulheres que aqui estiveram com suas palavras, em alguma medida, revelaram seu constante processo de busca por si mesmas, por suas palavras, indicando suas desconstruções e construções diárias, em direção as ações que as conectassem com a perspectiva narrativa da qual utilizam para se movimentarem.

Nesse momento, percebo meu pensamento perambulando novamente pelos textos de Foucault. Ele nos atenta que a mudança social se dá pela transformação dos valores que regem a sociedade, assim, à medida que, novos valores são estabelecidos e vão se conectando, muitas mudanças são possíveis, estas que Foucault trata como micropolítica, micro ações que se somam e que por possuir um efeito de contágio geram a possibilidade de uma nova cultura. Não longe, ficam meus pensamentos ao refletir a urgência de mudanças nos valores educacionais e cooperativos, em especial, na ampliação e reivindicação de espaços de (re)existências para jovens e mulheres, que constantemente buscam ocupar lugares que lhes é deslegitimado, seja nos risos desencorajadores e questionadores da capacidade de ação de uma presidente jovem, desvelado por *Lótus*, ou ainda, no desnudar do desconforto de um corpo que não é ouvido, ou melhor dito, que é imposto a um silenciamento velado, esse manifestado por *Olívia*.

Indago-me enquanto escrevo: será que, ao recriarmos imagetivamente esses mesmos espaços onde as jovens mulheres estiveram, sendo convertidas suas presenças por corpos que carregam traços do estereótipo universal (aquele homem branco, hétero, cis gênero que detém o poder e o conhecimento, pertencente a gerações que sustentam certo conservadorismo

histórico-cultural), serão estes questionados, ou desvalidados por sua inteligibilidade e capacidade de ação, da mesma forma que elas? Ouso afirmar negativamente ao responder tal pergunta. É por valores que reproduzem situações como essas, que caminhamos, perseverantemente, em direção a outros mundos possíveis, transgredindo o que nos oprime e aventurando-se na produção de novas culturas, considerando uma constituição ética dos sujeitos.

Ao evocar transgressões nesta escrita, pouso em nossa caminhada, a reconhecida e a grandiosa trajetória reflexiva de bell hooks, educadora, feminista, escritora e ativista social estadunidense. Suas contribuições a partir de uma perspectiva pós-moderna, defende a pluralidade dos feminismos, uma vez que revela em sua obra as dores, os silenciamentos e opressões enquanto feminista negra, logo apresenta-se em uma posição de resistência nas lutas antirracistas e anticapitalistas. Profunda admiradora de Paulo Freire, aborda questões relativas à raça, classe e gênero na pedagogia, na história da sexualidade e do feminismo. Com suas narrativas dissidentes reveladas, e aqui fundamentadas em sua obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, também explicita as diversas vezes que reproduzimos esquemas de poder e de opressão. hooks (2017), ao desnudar sua história por entre palavras, estas que expressam seus conflitos, tensionamentos e complexidades, nos convida a expor nossas dores em risco, ela que dá passos no sentido de teorizar aquilo que lhe assombra, a angústia que lhe acomete pela opressão sexista e racista que sofre. Para ela, palavra também é ação, e utilizando de forma formidável e crítica, nos provoca com seus escritos a coragem para romper com o que nos aprisiona, solicitando uma revisão e subversão dos sistemas hierárquicos impostos.

bell me provoca o deslocamento a partir de sua teorização, por inúmeros motivos, um deles refere-se a sua engajada prática feminista, que denuncia a supremacia branca manifestada nas arenas acadêmicas, especialmente nos trabalhos intelectuais relacionados ao feminismo que impõem padrões do que é considerado teoricamente válido e que excluem ou mesmo deixam “de respeitar e valorizar plenamente as ideias críticas e as propostas teóricas de mulheres negras ou de cor” ou ainda “de grupos marginalizados de mulheres brancas (lésbicas e radicais sexuais por exemplo)” (hooks, 2017, p. 88). Enquanto mulher branca, reflito com suas incontestáveis provocações, e a trago por minha profunda admiração por sua teoria e prática de vida. Ela que me proporciona vibrantes encontros com meu corpo, minha forma de teorizar e de me relacionar com o mundo. Foi assim, não só com Freire, ele que contatei primeiramente em meu caminhar, mas junto de hooks que pude aos poucos, sonhar e desejar escritas mais dialógicas, mais

problematizadoras, que me aproximam de um ideário de educação transformadora e libertadora, esta que possibilita ler o mundo para então, ler minhas próprias palavras.

Sem demora, me ponho a pensar a respeito dos grupos marginalizados que não são avistados no movimento cooperativista. E no contato, que não pude ter, com mulheres negras à frente da cooperativa-escola (assumindo a presidência). Suas ausências estão manifestadas. E o mesmo, se reflete em outros ambientes educacionais, esses que pude frequentar durante o doutoramento e em minhas experiências enquanto docente e pesquisadora do cooperativismo. Além disso, vejo expresso os sofrimentos psíquicos, dentro dos processos educativos, em especial pelos grupos marginalizados socialmente, já que as institucionalidades legitimam e deslegitimam discursos e narrativas em curso. Ao ler bell hooks percebo a relevância de reivindicarmos nossos lugares de liberdade institucionalmente, afastando-se dos estilhaços que estas podem produzir. Notadamente, a educação com seus aparatos institucionais revela-se como instrumento de poder (de todas as ordens, político, social, cultural, bem como da corporeidade), cabendo nossa reflexão crítica para com ela. Percebendo-a e tornando-a instrumento e prática da liberdade.

Com a manifestação de *Olívia* em sua narrativa, saltavam aos meus ouvidos a expressão “*lugar de fala*”. Não pude deixar de conectá-la a feminista negra e ativista brasileira dos feminismos plurais, Djamilia Ribeiro. Ela que é reconhecida, atualmente, por refletir, a seu tempo, nos provocando o pensar indispensável a respeito do *Lugar de fala* (2019). Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo nos elucidou o já sabido, com Beauvoir⁵⁴ temos a compreensão de que a mulher é o *Outro* para aquele que se põe como sujeito, e com Grada Kilomba⁵⁵ nos provoca uma percepção ampliada com a ideia de que a mulher negra é o *Outro* do *Outro*.

Ribeiro constrói uma contextualização com pontos necessários para que então possamos chegar na concepção de lugar de fala, não de uma maneira rasa e leviana. Dialogando, também, com Audre Lorde⁵⁶, soma o fato de que esta “nos instiga a pensar na necessidade de reconhecermos nossas diferenças e não mais vê-las como algo negativo. O problema seria

⁵⁴ Simone de Beauvoir, foi uma escritora, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Uma das maiores intelectuais do gênero, com sua obra *O segundo sexo*, escrita em 1949, questiona “O que é uma mulher?” (A tal não homem). É responsável, pela célebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

⁵⁵ Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

⁵⁶ Norte-americana de descendência caribenha, Audre Lorde foi uma escritora feminista e ativista dos direitos civis e homossexuais. A militância com as mulheres afro-alemãs, na década de 1980, expressa um de seus esforços mais notáveis e reconhecidos.

quando as diferenças significam desigualdades”, ou seja, há que se ter reconhecimento de que partimos de lugares distintos. Tendo isso em mente e partilhando com afinco a importância de sabermos admitir as desigualdades reais que nos circundam é que ela aprofunda o que seria lugar de fala. Por ter sua origem linguística imprecisa, não apresenta uma epistemologia determinada, acreditando que o termo “surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist standpoint* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria radical crítica e pensamento decolonial” (RIBEIRO, 2019, p. 57). Por essa perspectiva, é possível articular lugar de fala, a partir da teoria do “ponto de vista feminista”

Spivak [professora indiana] é uma das autoras importantes para se pensar lugar de fala. Sua obra *Pode o subalterno falar?*, publicada pela primeira vez em 1985, originalmente como um artigo, com o subtítulo “Especulações sobre os sacrifícios das viúvas”, traz reflexões importantes sobre como o silêncio é imposto a sujeitos que foram colonizados. [...] Spivak, assim como Beauvoir e Kilomba, também pensa a categoria *Outro* afirmando a dificuldade dos intelectuais contemporâneos em pensar esse *Outro* como sujeito, pois, para a autora, estes pensariam a constituição do Sujeito como sendo a Europa. (RIBEIRO, 2019, p. 72).

“A intelectual problematiza o fato, mesmo sendo uma grande interlocutora de Foucault, de que autores como Foucault e Deleuze, por exemplo, não rompem totalmente com o discurso hegemônico ao terem a Europa como centro de análise”. Porém, “Spivak concorda com Foucault no que diz respeito a pensar a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida saberes produzidos por grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2019, p. 72-73).

Djamila Riberiro (2019, p. 79), pensando com Kilomba, nos diz que “falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação”, nos faz refletir sobre o fato de que quando há tomada de consciência acerca da desestabilização da norma instaurada, universal, hegemônica, essa ação é vista como “inapropriada ou agressiva” justamente por nesse ponto confrontar o poder. Portanto, “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (RIBEIRO, 2019, p. 89).

Consigo avistar, junto de Djamila Ribeiro, as reflexões expressadas também com bell hooks, ambas referenciais para o feminismo negro nos tensionam o pensar, para os lugares subalternos e marginalizados, estes que constantemente sofrem a violência do silenciamento instituído pelo sistema hegemônico. É com elas que caminho, pelas falas de *Olívia*. Ela que embora não sendo uma mulher negra, também sofre as deslegitimações do sistema patriarcal, enquanto mulher, jovem e estudante (pois revela as hierarquias educacionais, em especial, na relação professor-aluno). Assim como indivíduo que só pôde sonhar e construir futuros outros

a partir de políticas de acesso e permanência estudantil, na garantia de que sua trajetória pudesse tomar rumos outros que não aqueles pré-estabelecidos por seu local social.

Com isso, viajo pelo reflexionar, particularmente quando pensamos em ciências e teorizações libertárias e emancipatórias, proponentes de um mundo onde os sujeitos que o constituem questionem e reflitam a respeito dos processos que vivenciam. As teorizações nos permitem um caminho possível onde as ciências são percebidas enquanto possibilidade de transformação do mundo, a partir de uma nova forma de vê-lo. Imersa, nesse contexto, está a forma do fazer educacional, que por sua vez entrelaça-se com as formas de se fazer ciências e teorizações. Ainda, contemplando tantas provocações, proporcionadas por Ribeiro e hooks, pude refletir a respeito do grande desafio posto atualmente no contexto educacional; este, reflexo de um longo processo histórico marcado pela hegemonia do pensar eurocentrado, elitista e patriarcal, baseado na reprodução de um processo desenvolvimentista com vistas exclusivas ao capital que exclui e anula a diversidade de ser e estar no mundo.

Podemos agregar ao debate as implicações da modernidade e pós-modernidade nas reflexões a respeito das identidades, em especial em um país “periférico” onde as bases são fundamentadas em raízes de pensamento eurocentradas e que influenciam nos dilemas vivenciados por países que experienciaram o processo de colonização e escravidão, como o caso brasileiro. Nesse sentido, minha colocação reflete a problematização dos desafios que envolvem a população excluída e marginalizada. Ao enfatizarmos a importância de ampliarmos o debate a respeito de gênero, mas também das questões étnico-raciais nas instituições de ensino é preciso primeiro nos questionarmos quanto ao modelo de educação que reproduzimos ou buscamos transformar, pois o processo educativo reflete o contexto social e cultural alocado em determinado tempo e espaço, capaz de construir e reforçar matrizes culturais, bem como narrativas já consolidadas ou ainda que necessitem de expansão e problematização.

Questionar o papel das instituições escolares, assim como as educacionais em um sentido mais amplo, na sociedade, é questionar também o processo de socialização de crianças, de jovens e adultas e adultos, as narrativas e discursos que elas e eles estão recebendo e incorporando em seu imaginário simbólico (não só na escola, mas também de outras instituições). Por mais expressivo que seja o movimento de resistência e manutenção da pauta política e de direitos relacionados à gênero e questões étnico-raciais, existem conflitos tanto implícitos quanto explícitos no ambiente educacional, muitas vezes agravados pelo “silêncio pedagógico”, como nos mostra Guacira Lopes Louro. E isso, reflete o fato de a educação ainda propiciar a criação e a manutenção de uma cultura machista e patriarcal, racista e outras

exclusões referentes as populações marginalizadas socialmente. Contudo, percebo consideráveis os avanços reflexivos e práticos, avistando uma educação libertária e integradora da pluralidade cultural, e também da expressividade dos diferentes grupos sociais e sujeitos educativos (jovens, mulheres, negras e negros, indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, LGBTQIAP+, deficientes, etc.). No entanto, ao mesmo tempo, isso evidencia o desafio das instituições ao encararem efetivamente o trabalho com a heterogeneidade cultural. Todavia, ao considerar este caminho torna-se possível avistarmos possibilidades de reflexão crítica acerca dessas questões, podendo então, em um ato revolucionário e transgressor, fortalecer a democracia e a cidadania na sociedade, nos afastando assim do estado de passividade e disciplinamento que impede nosso questionar sobre nosso estar e criar mundos.

[Pensei que aqui finalizaria meu texto, no entanto precisei de um respiro, crítico e reflexivo, que me foi exigido a partir dos surpreendentes encontros que a caminhada revela. Com isso, fui levada à ampliação das perspectivas, efeito da movimentação cíclica que nos acomete. Entusiasmada com o vislumbre de questões antes não manifestadas e afetada pelo encontro com Vladimir Safatle, este que chega quando estou em movimento, sinto a necessidade de um respiro lento e expansivo, um contemplar e absorver de fissuras que permaneciam em mim, ecoavam em meu corpo. Sem hesitações, ao invés de fechar, vou engendrando, em um novo retorno, questões que estimulam e afetam meu caminhar...].

5.1 ENTRE RESPIROS E NOVOS ENCONTROS

Era verão novamente, e eu estava iniciando outra jornada imprevista, já havia passado e apreciado as quatro estações em um primeiro caminhar. Vi os detalhes que meus sentidos captaram naquele momento, com a percepção que me era possível naquela experiência. Sabemos que muito nos foge, porém ao olhar novamente por entre sua ciclicidade, a partir das movimentações e transformações que o tempo trouxe, pudemos apreender outras minúcias que estiveram ali e não captamos ou, ainda, que só puderam surgir com o cíclico processo contemplativo. Assim estou eu, caminhando e alçando voos, agora, com asas mecânicas sobre os rios amazônicos que logo me conectaram à minha ancestralidade. Por um tempo não sentia suas presenças, essas que daqui oito e nove anos de existência completam seus centenários. Enquanto me movo em suas direções, refletindo inclusive sobre meu caminhar pessoal e minhas escolhas que foram possíveis (ou não) a partir da reverberação de suas vidas, possibilidades e orientações, me deparo com o calor dos afetos gerados e com as contingências de um caminhar.

Deparo-me, ainda, com as resultâncias que o tempo gerou em algumas corporeidades, por meio de seus discursos e narrativas, absorvidos ao longo de suas existências.

Esse movimento, instiga meu refletir cíclico que insiste em perambular novamente, junto das mulheres, pelas estações. Sabia, contudo, que detalhes me escaparam aos sentidos, e que havia mais a ser visto, apreendido e refletido. Nessa hora, ponho-me, outra vez, passo a passo, voo a voo, por entre as estações e esbarro com o olhar caloroso e crítico de *Sól*, este que nos revela sua perspectiva problematizadora diante do mundo que lhe circunda e atravessa, e que desnuda pensamentos acerca de si e do ato de cooperar frente ao sistema no qual estamos imersos. Questionando o que é esse “ser cooperativo”, despretensiosamente nos impulsiona a reflexões outras antes não reveladas, mas sinalizadas pelo caminhar.

Percebo, com mais atenção, que ao lançar sua questão, ela desassossega meu refletir acerca das premissas da cooperação, esta que pressupõe uma ação prática. Sendo assim, reflito com, e movida por, ela a respeito de como cooperar, mesmo estando mergulhadas e submersos em metanarrativas que nos incitam a reprodução das exclusões e do fascismo em nós e no mundo? Como podemos saber os caminhos pelos quais percorrer para produzir uma ação prática de cooperação que não esteja pautada, ou minimamente sustentada, no neoliberalismo, este que pressupõe o sujeito competitivo, individualista, empreendedor de si mesmo e que tanto para Foucault quanto para Freire, ainda mais para os feminismos plurais – pós-estruturalistas e outros que buscam a transformação dos pilares do sistema imposto, que em sua constituição produzem e reproduzem tantas desigualdades (raciais, étnicas, sexuais e de gênero, entre outras) –, segue sendo sujeitado pelas lógicas dominantes e tecnologias do poder, que disciplinam os corpos, deixando-os dóceis e úteis, controlando suas necessidades e desejos, fazendo-os crer na redução e instrumentalização da própria existência?

Uma das surpresas que me chega ao caminho, essa não sendo possível no primeiro movimentar cíclico das estações, foi um inquietante diálogo com Vladimir Safatle, possibilitado tanto em seu livro *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2020), quanto por sua própria voz e organização da fala em programas do *Café Filosófico*⁵⁷. Adoraria ter podido me aprofundar no pensamento, tão atual, de Safatle, mas como o tic tac do

⁵⁷ Café Filosófico CPFL é uma parceria da TV Cultura com o Instituto CPFL que tem como intuito compartilhar as ideias de grandes pensadores(as) contemporâneos. No canal do YouTube, Café Filosófico, é possível assistir a transmissões simultâneas do programa, bem como ter acesso ao acervo das edições passadas. Os principais programas assistidos foram: *Por um colapso do indivíduo e de seus afetos* com Vladimir Safatle. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DKLIg6g6pSg>. Acesso em: 03 de fev. 2022; *Afeto, psicanálise e política* com Maria Rita Kehl e Vladimir Safatle. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CCosf_2kNYc. Acesso em: 17 de fev. 2022; *O poder dos afetos* com Oswaldo Giacoia Jr. e Vladimir Safatle. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7-rhnazXswA>. Acesso em 03 de mar. 2022.

relógio me atravessava em mensagens de que “meu tempo” se esvaía em meio aos afazeres do viver diário e dos prazos e compromissos acadêmicos o apresento, a partir de suas perspectivas dos afetos no campo político para sobrevoarmos juntas e juntos as questões que me inquietavam.

Com sua percepção e leitura acerca do neoliberalismo e dos afetos, Safatle (2020; 2022) vem nos mostrar que a política antes de qualquer coisa é um problema relativo ao circuito de afetos. Comumente relacionamos a esfera dos afetos à vida individual, nossa constituição subjetiva enquanto sujeitos, no entanto, por vezes, esquecemos que a nossa experiência enquanto sociedade se dá de forma coletiva, com isso, vez ou outra, esquecemos que afetamos e somos afetados coletivamente. Os afetos nos circundam e nos atravessam, e são esses, também, usados como instrumentos políticos no intuito de produzir determinados efeitos sociais. Enquanto corpos individuais e coletivos somos afetados e nossos desejos nos implicam, gerando em nós e no mundo consequências políticas, assim, estando presos aos mesmos afetos de sempre, não somos capazes de criar outros e novos afetos sociais, criar outras e novas relações políticas.

Por isso, para Safatle (2020, p. 137) quando em diálogo com Michel Foucault, é fundamental pensarmos como somos afetados pelo sistema que nos circunda, em especial o sistema econômico ao qual estamos implicados e submersos, este que mobiliza os afetos e que por sua vez orientam nossas ações e corporeidades. Dessa forma, para ele “o neoliberalismo não é apenas um modo de regulação dos sistemas de trocas econômicas baseado na maximização da concorrência e do dito livre-comércio. Ele é um regime de gestão social e produção de formas de vida que traz uma corporeidade específica, uma corporeidade neoliberal” que só foi possível ser atingida a partir de um “ideal empresarial de si” que atua como “dispositivo disciplinar”.

O ideal empresarial de si foi o resultado psíquico necessário da estratégia neoliberal de construir uma “formalização da sociedade com base no modelo da empresa” [...]. A generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas. Ela permitiu ainda a “racionalização empresarial do desejo”, fundamento normativo para a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação constante de si a partir de critérios derivados do mundo da administração de empresas. (SAFATLE, 2020, p. 139).

Ao passear pelas provocações de Safatle fico a indagar-me como podemos mesmo com tamanha mobilização de afetos, que são investidos na construção dessa “corporeidade

neoliberal” composta a partir desse “ideal empresarial de si”, nos implicarmos em uma produção de vida cooperativa? Pois, no cooperativismo, não é diferente. Uma vez que ele está, assim como cada indivíduo, mergulhado neste “sistema de gestão social” e de produção de uma tal corporeidade, como já dito, neoliberal. Sem a pretensão de alcançar respostas para tais perguntas, neste espaço e tempo que delimitam a finalização de um ciclo reflexivo imposto e contemplando horizontes futuros de reflexão, junto da provocativa interpelação de *Sól*, questiono-me: em que medida é possível forjar o “ser cooperativo”?

[RESPIRO-ENCONTRO, ENCONTRO-RESPIRO]

Estava a recordar de quando prestei o vestibular extraordinário em 2009, para o curso de Tecnologia em Gestão de cooperativas, com 17 anos, uma jovem insegura, que sabia o abismo que a distanciava das instâncias acadêmicas e das arenas do saber. Assombrada chorou profundamente com medo do que encontraria, da avaliação que passaria. Mas foi disposta a experimentar seu assombro, mesmo com olhos vendados e mãos trêmulas de pavor, fez o que sentia. Depois de um tempo passado, em um dia como outro qualquer, o resultado saiu. Ela estava apreensiva por ter quase certeza que não ouviria seu nome na aprovação, mas insistindo em presenciar o inesperado, gritou forte, para que o mundo ouvisse. Um grito de alívio, um grito... que liberava a angústia do sentir-se em um corpo diminuído, que acreditava que não detinha condições de conhecer. Essa jovem insegura, pôde, naquela época, adentrar um espaço de poder, um espaço do saber, pelo menos para conhecê-lo, experienciá-lo... E foi ali, após 13 anos que ela finaliza o doutorado. Agora, confiante (em partes e em fluxos) do seu não saber e entusiasta de uma educação que possibilite a ampliação de horizontes antes inimagináveis. Encorajada, a jovem (sendo outra, embora a mesma) encerra um ciclo que até pouco tempo não acreditava ter condições para tal, pois não lhe cabia a inteligibilidade e o processo reflexivo. Acolhida pelo tempo, tombou como árvore quando cortada, mas rebrotou, e cheia de vida trouxe o verde para os olhos tristes que viam a paisagem sem cor. Resgatou a ciência de sua força criativa e de seu entusiasmo. Nesta hora, agradecida pelo viver e experienciar, caminha em direção à finalização de mais um ciclo, sem medo de recomeçar.

6 TORNA-VIAGEM: ESTAÇÃO DE CHEGADA OU DE NOVAS PARTIDAS?

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado” (Paulo Freire).

O início da caminhada, carregado de pesos e desconfortos, foi exigindo um movimento vagaroso e ainda com esforço. Meus passos seguiam sem conseguir mirar o distante, ou mesmo, apreciar detalhes que a caminhada estava a me proporcionar. O foco estava em meu corpo e em sua sustentação. Os des-com-passos arrastados, aos poucos foram ganhando seu ritmo e presença. Os pés, agora firmes, passaram a avistar um acanhado horizonte mais à frente, ainda quando a poeira da estrada, imperceptivelmente, arranhava os olhos. Seguia-se o caminhar... E aos poucos os fardos eram tirados, sacados dos ombros que visivelmente tornaram-se mais leves e confiantes. Brotou ali um sorriso, sob a condição de estarem sendo avistados os pormenores que acompanhavam o porvir. As escolhas já poderiam lançar-se a outros caminhos o que permitia a mudança de destino contido na chegada. Seguiam os passos firmes, porém suaves e ao longe voou o olhar, pude ver longas distancias, antes impossíveis ao meu imaginar. Uma surpresa aqui, outra surpresa ali e o caminho ganhou detalhes desconhecidos, esses que iam se apresentando com o tempo, meu entrever temperava a atenção do corpo para com o mundo e do mundo para com o corpo.

Observar a constituição da própria subjetividade não é tarefa simples, muito menos pacífica. Nossos corpos são atravessados pelos incontáveis discursos e narrativas, que continuamente encontram-se em arenas conflitivas por suas contradições. Olhar para esta escrita em ação, primeiro exigiu contatar com os poderes que circulam e atravessam meu corpo, minha subjetividade, minha existência. Em fartos momentos sentia o descompasso do que eu almejava expressar nesta tese e o que meu corpo insistia comunicar, demasiados eram os não movimentos, que, paralisantes, por tamanho conflito que me atravessava, ainda me transpassa de alguma forma. Isso impôs em mim reflexão, sobre quais discursos estavam penetrados em meu corpo e expressos em meu pensar, em meus discursos. Ecoava o respingo em minha escrita, não sem motivo menciono uma escrita que age, pois sua ação está refletida também em meu corpo, em (minhas) narrativas que forçosamente foram revisitadas, em meu criar que por sua vez age em meu escrever, em meu rever, refletir e (re)construir subjetivo, um rever das ações fascistas que me atravessam desde o meu nascimento. Com esse movimento, compreendi que os discursos que nos habitam não são estáticos e muito menos pacíficos, quando os colocamos em foco eles gritam e fazem de tudo para destruir o novo, o diferente, o que é múltiplo e diverso.

Digo isso, pois enquanto meu corpo menstrua, reivindica em mim a escrita a respeito do fascismo diário que nos habita. Estou nauseada do fascismo que habita meu corpo, acordei essa manhã sem digerir o café que tanto me acolhe ao despertar. Percorrer o caminho de reflexão acerca dos adversários que perpetuamos no cotidiano como nos propõe Foucault (1977), exige não só olhar, mas resistir e tornar-se resiliente a uma lógica que nos aprisiona e nos detém em seu poder, tamanho seu “encantamento”. Refletir sobre o que almejamos em nossas pesquisas, ou em nossas vidas, nos mostra o quanto resvalamos nesse fascismo diário que nos encaminha, dia após dia, ao amor e fascínio pelo poder. Estou aqui, refletindo a mim mesma e minhas escolhas da vida ordinária, até mesmo do que se mostra em meu universo onírico, e claro, enquanto pesquisadora. Mas acima de tudo, reflito acerca da subjetividade que está sendo produzida constantemente por suas experiências e por uma lógica dominante e estruturante que nos é imposta. Estou aqui buscando resistir à produção de um corpo que resvala, vez e outra, na rigidez de um pensamento unilateral e universal provocando nesse processo um olhar viciado, insistindo o voltar a um mesmo lugar, para (re)produzir uma mesma experiência, mesmo que disfarçada de outros cenários e personagens, ao invés de caminhar na busca de novos horizontes.

Retomo meus questionamentos iniciais, estes que trouxeram movimento e ritmo aos passos da pesquisa. Recordo-me que ao estrear a caminhada, aproximando-me de minha trajetória resgatei meu olhar enquanto pesquisadora feminista do cooperativismo, que continuamente, indagava-se a respeito da educação cooperativista (como disseminadora de valores e ideais como a cooperação, democracia, a horizontalidade nas formas de gestão e governança, dentre outros) em relação a essa estar propondo avanços (discursivos e práticos) relativos à diminuição da desigualdade de gênero, em consonância com seus ideais mais amplos. Para mim, se a resposta se confirma afirmativa para essa questão, ainda assim, questionava se essa educação cooperativista entraria ou não em conflito com a educação em âmbitos privados que também são plurais e flexíveis.

Além do mais, moviam-me também, indagações que permeavam se a cooperativa-escola seria, de fato, um lócus de (des)construção de representações sociais, historicamente construídas e herdadas, sobre as relações de gênero, e aliás, se sim, como isso se dava? Ainda, se essa, assim como o espaço institucional e seus arranjos onde está alocada, tensionam, camuflam ou silenciam a respeito das assimetrias de gênero, e para mais, em meio a esses processos educacionais e formativos provindo de distintas fontes, como se posicionam e agem as jovens mulheres? Quais as afetações e repercussões na construção de suas narrativas pessoais?

Percebo ao andarilhar, que a pesquisa percorreu caminhos que possibilitaram as ampliações das reflexões e mesmo das perguntas, essas que puderam ir se transformando ao longo da viagem. Para além dos questionamentos da educação cooperativa, pude com Paulo Freire, bell hooks e Michel Foucault avistar horizontes mais amplos, refletindo contextos educacionais e cooperativos onde encontra-se a cooperativa-escola enquanto uma prática-pedagógica e para tanto, era combustível de meu movimento, o conhecer e refletir junto aos encontros de narrativas de si que me eram possibilitados ao caminhar. Com isso, o querer que movia minha travessia, buscou, mediada por experiências contadas pelas mulheres presidentes da Cooperativa-escola do Colégio Politécnico da UFSM, tecer narrativas, refletindo em que medida há espaço institucional para a atuação de jovens mulheres em espaços de poder e como se constroem as narrativas de si, atravessadas pelas experiências em ambientes educacionais e cooperativos.

Assim sendo, nosso roteiro, possibilitou a construção coletiva feminina de uma narrativa da CESPOL a partir das memórias de *Olívia* e *Lótus* na cooperativa-escola, bem como a tecitura de contos, em certa medida ficcionais, que percorreram as estações a partir das narrativas e escritas de si de *Helena*, *Olívia*, *Sól* e *Lótus*. Essas fundamentadas e inspiradas nas obras de Margareth Rago, Amábile Tolio Boessio e Chirley Mendes. Foi possível, ainda, por meio de minhas escritas em meu diário reflexivo, transpor reflexões referentes à ética da pesquisa e ao meu fazer científico, junto de um caminhar com Michel Foucault em sua “estética da existência” e do “cuidado de si”, bem como da práxis da boniteza revelada na obra de Paulo Freire.

Como já anunciado anteriormente, em umas das alturas da caminhada, os escritos de Michel Foucault, foram responsáveis por profundas afetações vivenciadas nesta conversação. Em certo período, meu corpo negava-se a ver, distanciava-se da afetação, isso prolongou o adentrar e mergulhar das narrativas partilhadas pelas jovens e mulheres. Transpô-las no papel, exigia saltar os olhos também à minha narrativa, refletir sobre minhas escolhas, sobre as ações de um corpo que se percebia amedrontado e que assentia, em certa medida, que perpassar os espaços de poder não cabiam a si. Apesar disso, ao caminhar na jornada da tese, fui revisitando minha narrativa na medida em que passeava por outras, com isso fui desfazendo percepções e imagens distorcidas de mim e de meu corpo pesquisador, avancei em direção ao outro, inspirada em Jean-Louc Mouriceau e pelas lentes primeiras de Amábile Tolio Boessio, permitindo o derrubar dos limites que impediam o encontro verdadeiro com esse outro, como nos instiga Vladimir Safatle.

Percebi ao andar, que meu corpo buscava anestésicos para não sentir, para não ser afetado, fui então afrouxando as amarras do controle que o método científico nos impõe e que as narrativas dominantes nos exigem ter perante a razão. Assim, desfazendo as muralhas que me separavam dos sentidos, em especial do ouvir o outro, passei a ouvir a mim mesma, minhas intuições enquanto pesquisadora, as (re)ações corpóreas que sentia. Aos bocados, os sentidos foram aflorando, em primeiro momento com receio e depois com mais confiança, pois narrativas outras foram se conectando a minha, mostrando-me que caminhar e experienciar a pesquisa provinha de lugares incontrolláveis e subjetivos que precisavam ser aprendidos e apreendidos por mim. Foi o encontro com o outro, e sua escuta profunda, ponte para o desfazer de verdades totalizantes que se faziam caminhanças em mim, percebi a latência de um corpo violentado em sua própria narrativa e que buscava expressar a narrativa de outras jovens, suas experiências, angústias, prazeres e sonhos, para que a violência do silenciamento pudesse ser cessada, um pouco, entre os muros acadêmicos. Foi duro, mas também me percebi em minhas pesquisas violentando narrativas, encaixotando histórias para caber em teorias. Corpos e narrativas violentados, era o que ecoava por dias e semanas em mim, o resultado disso? A revisão dos valores morais que compunham minha ética atravessava-me.

Ética esta que implicava a extinção da violência narrativa sobre outros corpos, provocava a construção de narrativas por jovens e mulheres. E assim, teço por entre suas palavras, por entre suas histórias recrio nossos encontros, não mais as fazendo caber em caixas, mas demolindo os muros que nos são levantados cotidianamente pelas metanarrativas do patriarcado, bem como de uma ciência excludente, com raízes estabelecidas por uma racionalidade que nos afasta dos sentidos e imortaliza o *cogito, ergo sum* (“penso, logo existo”) de René Descartes⁵⁸. Ampliando o que digo, os encontros proporcionados por esta caminhada investigativa, implicaram refletir sobre minha própria ética de existência, essa que rege minhas pesquisas e ações cotidianas e, com isso, agir por caminhos outros se tornou possibilidade, pude assim dar passos por percursos distintos dos que eu estava habituada a cruzar.

Contudo, escrever e viver o processo desta escrita em ação, gerou, também, em mim, prazer e expansão de quem eu imaginava ser, ao mergulhar profundamente no refletir do corpo e da constituição da subjetividade, me inspiro em bell hooks, quando nos conta “que a teoria pode ser um lugar de cura”. As mãos e o corpo que escreve o findar dessa tecitura relacional com palavras e subjetividades, proporcionou o iniciar da desconstrução dos desprazeres e disciplinamentos repressivos que minhas ações deveras anunciavam no cotidiano de minha

⁵⁸ Para o aprofundamento reflexivo, indico *Cena – estamos em crises (no plural) – meu deslocamento das ferramentas conhecidas aos afetos e a admissão do sensível* (BOESSIO, 2021, p. 41-61).

existência. No entanto como nos atenta hooks (2017, p. 85-86), “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim”. Utilizando de suas palavras que tanto me tocam:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2017, p. 83).

Enquanto escrevo, relembro o dia 15 de dezembro de 2021, pela manhã, com seu livro, *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (ele que referencio nesta escrita), em minha cabeceira, leio uma nota indicando seu falecimento, bell hooks que nos revoluciona por completo com suas escritas e sua forma de ver e experienciar o mundo. Ela que nos ensina a transgredir e não guardar nossas vozes no silêncio de nossos sofrimentos. Nos ensina a existir com integridade e coerência, seguindo a eticidade que é capaz de transformar nossas indiferenças e individualidades em rede, em teia coletiva de ser. Ensina a ação prática do amor para conosco e em nossas relações. Com seu momento de finitude, de um corpo que morre, reflito ainda mais sobre os passos e ações que guiam minha jornada, ela que permanece comigo, em meu quarto, mesmo depois de ter partido. Fica sua existência por entre palavras. hooks (2017, p. 85), filha de um jovem casal negro, desde muito cedo “se rebelava contra a própria norma patriarcal que eles tanto tentavam institucionalizar”. Sua contribuição para o feminismo, em especial o feminismo negro, é inegável e admirável. Com ela, reafirmo a necessidade da prática de nossos discursos, pois como sinalizado acertadamente em sua teorização, a utilização de termo algum implica necessariamente em sua ação, assim empregar para si identificações como feminista, por exemplo, não nos coloca em posição de praticantes ativas do feminismo, nem mesmo a implicação de hábitos no existir, no teorizar ou mesmo na luta feminista. É imperativo, a implicação da ação prática no cotidiano e o cuidado diário para com as sementes que se espera ver brotar. Assim como hooks, meu intuito aqui, nesta escrita em ação, desde o início está, ao tomar para mim alguns termos, conceitos e noções, em manifestar um processo prático de existência, uma implicação no meu modo de viver. Não sem motivo, também me desloco com Margareth Rago para pensar “artes feministas da existência”, já lançadas e descortinadas nesta conversação.

Inspirada, não só nas obras, mas principalmente na vida dessas e de tantas outras feministas que transformam sua existência diária por meio de suas práticas quando do encontro com suas dores e opressões, revelo e reafirmo aqui também, o quanto me percebi primeira em

dor para depois transbordar amor pelo, e ao refletir. Os caminhos que desvelaram em mim algumas ilusões, me trouxeram também reflexões, desdobramentos de mim e deslocamentos do pensar, pude me observar e contemplar o mundo por outras lentes, antes fechadas e reprodutivas de um sistema opressor, que noite e dia, vigiava e até em meu onírico me perseguia. Minha vigília, hoje, mais consciente do corpo fascista que foi produzido – resultado da imersão em nossa “sociedade de controle”, como nos ensina Deleuze – busca a resiliência de um outro corpo, ainda que o mesmo. Este que brota neste momento frágil em suas novas experiências, mas que as escolhe com o intuito de constituir uma outra subjetividade, aquela que se recusa à sujeição e tem a possibilidade de caminhar em direção à subjetivação, aquela que tem a possibilidade de liberdade não mais sujeitada às narrativas patriarcais e universalizantes (como pude refletir com Foucault e Rago). Que se permite tornar sujeito múltiplo e plural em suas experiências, descontinuidades e complexidades, que segue afirmando a diversidade no pensar, no agir, na eticidade e na escolha de tornar a si, ser.

Contudo, embora saibamos que alguns problemas ainda possam continuar estruturais, bem como estruturantes, e não tenhamos condições, se não coletivamente para transformá-los, podemos à nossa maneira, reivindicar nossos direitos, caminhando em direção à um *sonho possível comum* como nos lembra Paulo Freire. E mesmo que a revolução social não aconteça de pronto, ou mesmo que não possamos vê-la de imediato, como nos atenta Foucault, é preciso seguir a militância alegre, em direção a algo que ainda não produzimos e que nem sabemos se um dia poderemos criar. Foi com cada palavra expressa nesta escrita que age em, e por meio de mim, que me lanço e me reconheço jornadeando enquanto pesquisadora feminista na Extensão Rural, inspirada em Margareth Rago e nas “artes feministas da existência”, empenhando-me eticamente na produção da diversidade e multiplicidade de subjetividades, enquanto busco o rompimento com um sistema que assola as subjetividades e, tão pouco, reconhece corpos que não àquele do sujeito universal, branco e patriarcal.

Neste movimento de deslocamento e retorno à Extensão Rural, ecoa em mim um diálogo com Paulo Freire, ele que tanto nos estimula a nos tornarmos “sujeitos capazes de transformar a história e não para com ela acomodarmo-nos” (2003, p. 9). Ele que nos encoraja pelo caminho da busca pelo conhecimento de nossa própria palavra, nos afastando da reprodução de uma palavra que oprime, de uma narrativa construída por quem oprime, essa que permanece desenhando nosso destino. Boessio (2021), ao percorrer e nos estimular a *virada estética* na Extensão Rural, por meio de sua tese-experiência, nos proporciona também uma reflexão profunda junto a Paulo Freire, em especial ao pensar a relevância da presença de pesquisas como esta, para o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural na UFSM. Encorajada por

suas palavras e pelas de Freire, considero fundamental manifestar, o esforço em propor não só uma educação, mas também uma ação extensionista libertadora, que esteja de forma basilar revelada em uma práxis dialógica e que possibilite conhecer o outro em seu mundo sem a busca incessante de sua “normalização”. E ainda, que expulse as ações que transformam o outro “em quase coisa” e “o negam como um ser de transformação do mundo” (FREIRE, 2002, p. 20).

Dessa forma, abraçando esse pensar, incluo também, nossa construção do conhecimento refletindo sobre a construção de nossas pesquisas, ainda mais com essa dialogicidade prática que nos permite produzir e compor com o outro. Como nos diria Paulo Freire (2002, p. 29), em seu livro *Extensão ou Comunicação*, “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que [...] [se] pode realmente conhecer”. Nesse momento, retomo a luta feminista e a possibilidade de repensarmos as lógicas de poder em nossas relações e instituições, no intuito de produzir um sujeito que não continue sujeitado à opressão que lhe é imposta, um sujeito que muitas vezes não apreende o fascismo e a repressão que nos habita, que nos oprime e oprime ao outro. É por isso, que também busco pensar, com Margareth Rago (2013) e as “artes feministas da existência” na Extensão Rural. Ela que nos evidencia “como as mulheres têm transformado o mundo e a si mesmas” e ainda nos revela o quanto o agir e o pensar feminista são indispensáveis para transgredir modelos hierárquicos da ciência, bem como suas suposições e métodos de pesquisa, sendo assim, para além de uma transformação no modo de pensar, os feminismos são uma revolução epistemológica da ciência.

Ao remeter-me aos estudos feministas, convido também Guacira Lopes Louro (2014) para esta ampliação de reflexões, ela que compreende ser o caráter político uma das mais significativas marcas que compõe esta revolução epistemológica, pois torna visível o sujeito invisibilizado historicamente, até mesmo como sujeito da Ciência. Ao relatar o contexto de movimentações do feminismo contemporâneo ela nos desvela que as “militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e “contaminando” o seu fazer intelectual – como estudiosas, docentes, pesquisadoras – com a paixão política. Já anunciado no caminho, esta escrita, está tomada por “contaminações” e por afetações que deveras são manifestadas a cada encontro no trilhar deste corpo-textual. Desassociar minhas pautas políticas, enquanto pesquisadora, educadora, extensionista rural e tecnóloga em gestão de cooperativas não se torna possível, minhas experiências me trouxeram até aqui, contribuíram em alguma medida para o pensar reflexivo que proponho. Igualmente, desprender de minha trajetória a juventude, assim

como esconder que minha existência está atrelada a um “corpo de mulher”, definido pela lente social binária, mascara as opressões e silenciamentos pelos quais somos submetidas.

Ao passo que escrevo, recordo-me do livro “*CUIDADO! Um cavalo viciado tende a voltar para o mesmo lugar*”, onde Décio Auler (2018), um amigo de caminhada na construção de um novo mundo possível, sugere rupturas sociais profundas para que não continuemos a nos conduzir por trilhas já viciadas. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Décio ao seguir a pedagogia da pergunta almeja com seu livro uma contribuição na reinvenção de processos educativos e produtivos afastando-se daqueles vinculados aos valores hegemônicos estabelecidos. Para isso, sua construção do pensar está fundamentada em Paulo Freire e “um fazer educativo”, bem como no Pensamento Latino-Americano em Ciência-Tecnologia-Sociedade e “um fazer pesquisa”. Nas próprias palavras de Auler:

Não é um livro de respostas, mas de perguntas sinalizadoras de caminhos a serem explorados, caminhos para novos horizontes. Concebo este livro não como um manancial de respostas, não como uma fonte de consulta. Mas uma paisagem da qual brotam perguntas e desafios em busca de respostas. Perguntas carregadas de demandas silenciadas historicamente. Perguntas, às vezes, quase respostas, marcadas pelas angústias, pelas convicções, pela minha história. Vou esparramando perguntas. Perguntas que, no meu entender, estão associadas a desafios e problemas que, historicamente, têm sido ignorados. Ignorados porque expressam demandas de uma ampla maioria da sociedade constituída de sujeitos, como dizia Paulo Freire, quase transformados em objetos, impedidos, até agora, em linhas gerais, de exercer o papel de participantes ativos no processo histórico. Este livro contém muito mais lacunas a preencher do que uma fonte a explorar. Perguntas que remetem, também, a conhecimentos e práticas do passado, silenciados, abandonados pelo caminho como sementes ainda não germinadas. Abandonados porque seus frutos revelaram-se incompatíveis com a lógica capitalista. Os valores priorizados pelo capital esterilizaram tais práticas, conhecimentos e experiências sociais (AULER, 2018, p. 15).

O encontro com Décio, aconteceu para além de suas palavras escritas, pude por meio do Grupo Resignificar a Vida, um grupo com base solidária inspirado em práticas de co-agricultura, em moldes de uma CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura, encontrá-lo nas reuniões deliberativas, nas retiradas dos alimentos, nas feiras e nos encontros festivos, era aí que sua postura comprometida com outras formas de organização coletiva revelava-se. Quando tive o prazer de ser presenteada por seu livro, e deleitar-me em sua leitura, pude constatar suas ações refletidas em suas palavras, seu estar presente prático e discursivo. Pensar a educação e a cooperação, bem como suas inter-relações, neste momento, torna-se inevitável, pois para Auler (2018), outro mundo é possível somente quando houver uma nova construção de um outro corpo político e conceitual. Essa construção, ao seu ver, e ao meu também, são necessárias e imprescindíveis para a viabilização de transformações sociais efetivas. Aqui, não há como

não rememorar Freire e Horton (2003, p. 32), estes que sempre acreditaram que a verdadeira libertação só pode ser realizada por meio da participação popular. Essa participação, por sua vez, “é realizada através de uma prática educacional que é, por si mesma, tanto libertadora quanto participativa, que simultaneamente cria uma nova sociedade e envolve as próprias pessoas na criação de seu próprio conhecimento”.

Enquanto leio-os, não há como, não relacionar a educação com a tensão do fascismo diário – a descoberto para mim nesse momento por meio de Foucault –, questiono-me a respeito das posturas e práticas fascistas que seguimos a reproduzir em nosso processo educacional e ainda na construção do conhecimento. Meu pensar retorna constantemente para a compreensão ético-crítico-política de Paulo Freire a respeito da educação, esta que relembra, assim como Foucault, que é preciso construir em nossos corpos, convicções e comportamentos as virtudes que desejamos.

Ao pensar a cooperação como basilar para nossas relações, em especial, ao nos percebermos em um sistema que pressupõe a competição como fundamento constitutivo do sujeito (no neoliberalismo), me desconforta lembrar, em particular, o sofrimento de *Helena* e a autocrítica feita por *Sól* em sua partilha, quando esta desvela que o discurso da cooperação não pressupõe a ação em todas as esferas de nossa existência, questionando até mesmo institucionalidades do cooperativismo, esse composto, de forma medular, pelas relações de cooperação. Nesse momento questiono-me a respeito de nossas posturas fascistas frente à educação e ao cooperativismo, uma vez que estamos imersos neste sistema que incita a idolatria desmedida pelo poder. Indago-me também, se é possível pensar e como podemos produzir uma educação não fascista? Dados os passos reflexivos para uma educação cooperativa, com fundamentação em Paulo Freire, percebendo a cooperativa-escola enquanto prática educacional, como podemos em um sistema neoliberal que incita a constituição do sujeito competitivo e empreendedor de si mesmo, dar passos em direção à transformação coletiva com bases na cooperação e no sujeito de Foucault, este que propõe pensar junto aos greco-romanos, um sujeito postulado na subjetivação e não mais na sujeição?

Entusiasmo-me em caminhar com Foucault, quando este une política e ética para pensar a construção da subjetividade. Para ele, a mudança perpassa um trabalho ético, um trabalho de si e de sua formação. Sua militância pressupõe um engajamento político, uma vez que se coloca contra o *fascismo nosso de cada dia*, se opõe ao poder e está pela liberdade. Em sua perspectiva, seguramente aponta para as saídas enquanto construções coletivas, pois são as pessoas que vão criar e propor os modos de existência que elas desejam, de acordo com suas disponibilidades.

Percebo relevante retomar Foucault, com as “estéticas da existência” e o “cuidado de si”, pois esse caminho pressupõe um trabalho de si, de ocupar-se e conhecer-se. Para os gregos e romanos na antiguidade, a questão era conhecer-se para transformar, para que se continue neste mundo de maneira ética, não se tratando simplesmente de uma descoberta de si para se “purificar” pelo modelo da confissão que permitirá futuramente adentrar o outro mundo (FOUCAULT, 2010). Com isso em questão, não deixo de pensar em minhas viagens com as jovens e mulheres, suas narrativas compartilhadas me provocam o pensar, sobretudo me recordo de *Olívia, Helena e Lótus*. Elas que, em alguma medida, nos revelam seu processo de ocupar-se de si, do trabalho ético diante do que lhes é apresentado. Seus movimentos de reflexões acerca de suas ações e existências, para além da ocupação de um espaço de poder, gerou a transformação de quem elas percebiam ser, bem como ocasionou a implicação nas escolhas cotidianas que revelaram ter.

Entretanto, há muito para se (re)pensar e (des)construir, estou escrevendo sobre o fascismo e sobre a ética do “cuidado de si”, quando repentinamente, dou-me conta que é 1º de abril, considerado no calendário gregoriano dia da mentira ou dos tolos, hoje a mentira pode até mesmo ser celebrada. É um tanto irônico e desesperador, estar refletindo sobre isso, nesse momento, em especial por perceber nos últimos tempos uma ampliação do cenário fascista no Brasil. Meu pensar dá voltas e assombrada pelas consequências que isto pode gerar conecto-me ao exercício da coragem da verdade, o qual Foucault nos apresenta como prática na ética do “cuidado de si”. Dentro das práticas que historiciza, a *parresía* (modalidade do dizer-a-verdade) é destacada por Foucault (2010), principalmente no curso *A coragem da verdade* ministrado em 1984, pouco antes de seu falecimento, pois trata-se de uma questão ética, bem como política. Com isso, não há como, não refletir o nosso tempo, um momento em que se espera da sociedade um comprometimento maior com a verdade, entretanto, o que se revela são as *fake news* (notícias falsas) como uma das principais “armas políticas” mais utilizadas em campanhas eleitorais. A mentira tornou-se base das relações tecidas diariamente. Sinto até desgosto em comunicar, e talvez por isso, em certa medida, inquieta-me tanto o indispensável compromisso ético e político para com a escrita que age em mim, para com a coragem de revelar a verdade que atravessa meu caminhar investigativo.

No entanto, considero fundamental explicar que essa verdade que exponho, se afasta da verdade universal imposta pela ciência cartesiana, com isso, esse campo do saber apresentado por Foucault, ainda para mim, exige um longo tempo de empenho, que não cabe neste momento de escrita. E, longe de me considerar uma *parresiasta*, percebo esta modalidade como um caminho novo revelado, tornando-se necessário, seu percorrer, algo que não coube neste tempo

e espaço do doutoramento, e que nem mesmo sei quanto tempo exige de meu envolvimento. Porém, suas contribuições me afetam e provocam o pensar, uma vez que Foucault (2010, p. 14) nos atenta que não devemos “crer que a *parresía* seja uma espécie de técnica bem definida, que equilibra a retórica e é simétrica em relação a esta”.

O parresiasta não é um profissional. E a *parresía* é, afinal, outra coisa que não uma técnica ou uma profissão, muito embora haja aspectos técnicos nela. A *parresía* não é uma profissão, é algo mais difícil de apreender. É uma atitude, uma maneira de ser que se aparenta à virtude, uma maneira de fazer. São procedimentos, meios reunidos, tendo em vista um fim e, com isso, claro, se aproxima da técnica, mas também é um papel, um papel útil, precioso, indispensável para a cidade e para os indivíduos. A *parresía*, em vez de [uma] técnica [à maneira da] retórica, deve ser caracterizada como uma modalidade do dizer-a-verdade. (FOUCAULT, 2010, p.15).

Foucault ao questionar o dizer-a-verdade na política e preocupado em estabelecer condições éticas para a democracia, como nos revela Frédéric Gros (2011, p. 315), responsável por escrever a situação de seu curso de 1984, conjectura uma filosofia da alteridade fundamentando filosoficamente seu conceito de verdade, embora não enunciada sistematicamente, “os jogos entre “outra vida”/ “vida outra”, “outro mundo”/ “mundo outro” pressupõem em Foucault uma filosofia da alteridade”. Essa que se torna dimensão, sinalizando o que é verdadeiro, entretanto “a propósito da vida (do *bíos*). A “verdadeira vida”, a vida que se submete à prova da verdade, não pode deixar de aparecer, aos olhos de todos, como uma vida outra: em ruptura e transgressiva”.

O filósofo se torna portanto aquele que, pela coragem do seu dizer-a-verdade, faz vibrar, através de sua vida e de sua palavra, o brilho de uma alteridade. Foucault pôde assim escrever estas palavras, que não terá tempo de pronunciar, mas que são as últimas que ele rabiscou na última página do seu manuscrito do seu último curso: “Mas aquilo em que gostaria de insistir para terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade; a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma do outro mundo e da vida outra”. (GROS, 2011, p. 316).

Viajo pelo refletir de Foucault e como se em um quadro retrospectivo mental, meus pensamentos pousam, ora no compromisso ético-crítico-político de Paulo Freire, ora na proposição transgressiva de bell hooks, não só na educação. Nesse sobrevoo, ainda contato com as “artes feministas da existência” de Margareth Rago e a contribuição para se pensar gênero e sexualidade na educação por Guacira Lopes Louro, vou pairando pelas afetações da *virada estética* com Jean-Luc Moriceau nos estudos organizacionais, adentrando a escrita performativa e afetiva de Amábile Tolio Boessio na Extensão Rural. Não o bastante, vagueando me encontro com Vladimir Safatle e seu refletir a respeito do verdadeiro encontro, ainda mais me deparo com as juventudes e mulheres que Chirley Mendes revela em sua jornada. Surpreendo-me com

tantos caminhos e encontros, indizíveis ao findar dessa viagem, percebo suas verdades expressas e seu comprometimento ético diário com o revelar de suas palavras. Em cada uma e cada um, que esta conversação desnuda, vejo refletido *o brilho de uma alteridade*, o contato profundo para com o outro, ao mesmo tempo em que caminham na transformação de *outros mundos*, em direção à uma *vida outra*, no presente, evidenciando o trabalho artístico sobre si, para com suas vidas e em diálogo com o(s) outro(s).

Neste sobrevoar do pensar, recordo-me também de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, em seu livro *O anti-édipo* (2011), tendo a concordar com suas provocações, há muito que se desconstruir, há muito o que ser repensado. Em uma grande medida, ainda nos mantemos apegados a ficção da objetividade e de um desejo condicionado, em uma forma única de encenar e produzir. Estamos vivenciando a luta por um desejo que não cabe em si, nos incitam a pensar Deleuze e Guatarri, a ponto de produzirem reflexões que expandem a teoria psicanalítica do desejo, denunciando a ilusão que produz historicamente o desejo a partir do Édipo, assim tratando-se de questões de produção e não de representação, revelam que “o inconsciente funciona como uma fábrica e não como um teatro, que o delírio ou o romance, é histórico mundial e não familiar, que há uma história universal mas que é a da contingência” (como nos diz Luiz Orlandi, tradutor da obra, 2011).

A arte que Deleuze e Guatarri constroem, como nos indica Foucault em seu texto *Introdução à vida não-fascista*, prefácio de *O anti-édipo*, nos conecta a essa intensidade reflexiva que nos revela o *fascismo nosso de cada dia*. Nesse momento, me pergunto como não esmorecer na busca da construção de possibilidades coletivas quando estamos imersos em uma lógica vampiresca alicerçada na máquina que produz e reproduz o social que habitamos e nos habita. Há que se reconhecer que, em uma boa dose de medida, perdemos para o fascismo. Ao menos o tempo presente que nos toma é o resultado dessa mazela que nos invade, nos atravessa, provocando uma ânsia de externar um desejo coletivo de possibilidades outras, de amplidão de sentidos e da retomada de refletir e fazer existências que não reprodutivas e alienadas.

Para Deleuze as perguntas são maiores que as respostas e talvez somente agora, percebo que esta tese muito mais do que produzir respostas, me ensina a importância de desenhar caminhos e interconectar reflexões que nos provoquem grandes perguntas e que nos ajudem a trilhar outros percursos. Pensar dessa forma, conecta-me à Rubem Alves, um companheiro diário que se faz presente por meio de suas palavras, não ao acaso, inicio esta escrita com sua educação dos sentidos. Gosto de seu pensar às avessas, e de seu andar que o leva à destinos opostos do que muito se espera ver. Consigo ver seus olhos, mesmo sem os ter conhecido, eles que refletem a beleza e a alegria de ensinar, assim com a viagem indescritível que é possível

ser feita por meio da educação. Em uma de suas crônicas, revela o que entende pela arte do *Pensar*, esta conectada à “arte de brincar com coisas que não existem”⁵⁹. Muito refleti sobre isso, e ainda sigo refletindo, não sabia brincar com o simbólico e subjetivo que me constitui, logo, não sabia pensar (talvez eu continue sem saber), estou aprendendo.

Para Rubem Alves, “pensar é voar sobre o que não se sabe. [E] Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas”⁶⁰. Sorrio enquanto o leio, meu corpo concorda ao se recordar das inúmeras vezes que meu pensar se empenhava na busca de uma “resposta certa”. Pobre corpo, ainda sinto as dores da resistência em mim, resistência de uma domesticação e docilização do pensar, que rígido só quer encontrar o esperado, o já criado, aquilo que foi dito por alguém. Pobre corpo, sofre mais do que pela dor da resiliência que sente na construção ética de si mesmo, com o andar às avessas e com o pensar que voa impulsionado pelas perguntas, estas sem respostas. Quando digo isso, lembro tanto de Freire quanto de Foucault, eles que também desnudam o valor da imaginação e sua relevância para criarmos e inventarmos outros mundos e outros modos de existência. Aproximando-me do findar deste corpo-texto, sobrevooo brevemente a noção de heterotopia⁶¹ de Foucault – outros espaços aqui-agora – que vai me permitindo desejar, imaginar e construir, aqui e no presente, outros espaços de pesquisa e escrita, outras ciências, inventando também, outras possibilidades de cooperação.

E, agora sim, despedindo-me desta escritAção, que ainda segue agindo em mim, vou deixando agir as palavras de Rubem Alves: “Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos”. E não só as dele, mas de todas, todos e todes, que participaram desta conversAção. Cansei de escrever as mesmas coisas, assim como cansei de chegar aos mesmos lugares argumentativos. Quero conhecer e inventar novos caminhos reflexivos, sem medo do que eu possa encontrar e sem receio das afetações que eu possa sentir em deslocamento. Viajante estou, sigo meu jornadasar...

⁵⁹ Crônica: *Pensar* em A Educação dos Sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida (2018).

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Para o aprofundamento: *De Outros Espaços* por Michel Foucault. Conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. Traduzido a partir do inglês (com base no texto publicado em Diacritics; 16-1, Primavera de 1986) por Pedro Moura.

POSFÁCIO: NUTRINDO OS SENTIDOS

Andando pelas ruas de uma cidade do interior paulista, encontrei uma clínica de psicopedagogia que anunciava sua especialidade em “distúrbios de aprendizagem”. Dei-me conta de já ter visto muitas clínicas com a mesma especialização, mas nenhuma que anunciasse “distúrbios de ensinagem”. Por acaso serão só os alunos que sofrem de distúrbios? Somente eles têm dificuldades em aprender? Que preconceito nos leva a atribuir o problema sempre ao aluno? Que providências terapêuticas tomar quando o perturbado é o professor? Mas que psicólogo terá coragem para passar-lhe esse diagnóstico? É mais fácil culpar o aluno (Distúrbios de aprendizagem em *Ostra feliz não faz pérola* por Rubem Alves, 2014).

CARTA A QUEM CHEGA ATÉ AQUI: ESPONTÂNEA E RESISTENTE VOU (RE)BROTANDO, COLORINDO OS MUROS CINZAS DE UM PENSAR FASCISTA QUE ATRAVESSA NOSSOS CORPOS⁶²

A você, que tem me acompanhado até aqui, eu agradeço. Agradeço pelo trilhar compartilhado, e coletivo, que pôde ir nutrindo os nossos sentidos. Meu intento com este pequeno espaço-texto que contém esta carta, ao encerrar esta escrita que age, é o de manifestar minha solidariedade às e aos caminhantes do universo científico. Eu, que ainda estou (re)elaborando este processo doutoral e tudo que ele reverberou e, ainda está ressoando, em mim. Há muita reflexão, (re)visão e (re)conexão! Costumo dizer que olhar para a pesquisa é olhar também para quem está por detrás das palavras, olhar a existência de suas autoras e seus autores, seus passos até ali. É perceber suas afetações e a resultância de suas escolhas.

Por isso posso dizer que compreendi mais de mim e da minha pesquisa, pelo olhar de outros. Observei esse outro também em mim e no meu compor da escrita em ação. Ainda mais, (re)conectei partes e aprofundei saberes. Vi em mim os assombros fascistas do pensar. É importante lembrar que estes processos ritualísticos são transformadores e potentes, embora por vezes cansativos, uma vez que (re)mexem profundo em nossas (re)estruturações, em nossas subjetividades e concretudes. E isso me faz refletir, inspirada em Fals Borda, no *sentir-pensante hicotea* que faz olhar para os seres humanos responsáveis pela escrita, seres que congregam a cabeça (seu intelecto) e, também, seu sentir (sua sensibilidade e coração) passando pelos reveses da vida e (re)significando seu caminhar.

“O Brasil ultrapassou 600 mil mortes por COVID-19”, essa é a manchete de inúmeros noticiários na primeira quinzena de outubro de 2021. Com um misto de tristeza, e uma necessidade de esperançar como nos incita Paulo Freire, escrevo meu texto enquanto nos

⁶² Texto escrito nos últimos meses de 2021, quando ainda pairava sobre nosso cotidiano a intensa e desesperadora incerteza do cenário pandêmico.

atravessa a maior crise sanitária mundial desde a gripe espanhola. E em respeito as mais de 660 mil vidas⁶³ dirijo estas palavras à crise ética pela qual estamos passando. Nossas crises econômicas são reflexo da centralidade das nossas escolhas sociais e da ética que rege as nossas ações. A pandemia revelou a centralidade da economia em detrimento à vida. Se for para pensar em crises enquanto espelhos que refletem as ações humanas e os impactos delas no planeta terra, que possamos pensar também em quais oportunidades estaremos centrados para reverter a dramática situação que experienciamos. Eu proponho aqui, como tantas e tantos já propuseram, que passemos nossa centralidade à vida, não só de seres humanos (e ainda mais de alguns seres humanos), mas de tudo que habita nosso planeta. Quem sabe assim, priorizando a vida, o outro, sejam efetivadas ações condizentes com ela.

Ao acompanhar estes tempos que nos assombram, bem como os processos pelos quais estudantes estão passando (assim como eu por sua escrita de tese) pude refletir novamente sobre os nossos processos na pós-graduação. Não é de hoje que esse assunto ocupa meus dias, pois há mais de 7 anos estou na pós-graduação e passados 12 no ambiente acadêmico. Tive a oportunidade de experimentar esse contexto em mais de uma universidade e falo de um lugar que muitas vezes, e até hoje, adoecem meu corpo e minha mente, adoecem minha sensibilidade. É justo dizer o quanto pude amadurecer, conhecer e me transformar, mas hoje percebo que isso foi se dando por uma rede de apoio, outros que se dispunham a me amparar (e com espanto digo, em maioria, não provinha dos programas de pós-graduação). Com sorte tive a possibilidade de escolher caminhos que me aproximaram de encontros que transbordaram meu coração de afeto (e aqui incluo educadoras e educadores). Por outro lado, isso não acontece em maioria. Sinto pelo momento em que vivemos e pela dificuldade que nós pós-graduandas/os/es temos que passar para finalizar nossas pesquisas (aqui faço uma ressalva, pois neste Brasil de 2022, não é só na pós-graduação que isso acontece, mas falo daqui, porque estou aqui).

Queria poder abraçar quem está só e não tem uma rede de apoio, assim como eu neste momento. Queria poder dizer a cada uma e um, que somos nós que ficamos depois de todo esse processo, assim como já me disseram um dia. Gostaria de acolher, assim como eu preciso de acolhimento diário por sentir uma frustração gigantesca de inúmeras ordens. Espero que você, assim como eu, se recorde diariamente do porquê está neste espaço-tempo, fazendo o que está fazendo e transborde com coragem os seus sentidos em sua pesquisa, transborde todos os seus amores e todas as suas dores.

Com afeto, Aline.

⁶³ Número atualizado em abril de 2022. Fonte: JHU CSSE COVID-19 Data: 04/04/2022.

REFERÊNCIAS

- AULER, Décio. **Cuidado!** Um cavalo viciado tende a voltar para o mesmo lugar. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.
- ALVES, Rubem. As melhores crônicas de Rubem Alves. 4 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.
- ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos:** Conversas sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- AMODEO, Nora Beatriz Presno. **Reflexões sobre educação e comunicação cooperativista.** Educação e comunicação cooperativista. 2019. O Laboratório de Estudos da Multifuncionalidade Agrícola e do Território (LEMATE). Disponível em: <https://lemate.paginas.ufsc.br/files/2019/04/amodeo.pdf> .Acesso em: out. 2021.
- BARASUOL, Aline. **Juventude rural e emoções: fatores subjetivos de valorização do campo.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, MG, 2016.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** um livro sobre a sociologia do conhecimento. 2 ed. Lisboa: Dinalivro, 2004.
- BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. **Teoria da Comunicação:** Textos básicos. São Paulo. Mosaico, 1980.
- BOESSIO, Amábile Tolio. **Gênero, performance e experiência:** um descortinar da pesquisa em contextos rurais mediada por afetos. 2021. 212 p. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.
- BORDA, Orlando Fals. Entrevista - Sentipensante, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo> . Acesso em: set. de 2019.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.
- DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celina de Maria Veras. Um novo jeito de caminhar no “quefazer” da pesquisa. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celina de Maria Veras; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa:** Formação e experiências. Curitiba: CRV, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O anti-édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al.. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FARIA, José Henrique de. **Gestão Participativa: Relações de Poder e de Trabalho nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

FARIA, José Ricardo Vargas de; FARIA, José Henrique de. A Concepção de Estado e a Administração Pública no Brasil no Âmbito do Plano Diretor de Reforma do Estado. **Administração Pública e Gestão Social**, vol. 9, núm. 3, pp. 140-147, 2017.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. Tradução Paula Siqueira; Revisão Tânia Stolze Lima. **Cadernos de campo**, n. 13: 155-166, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Curso no Collège de France (1981-1982). Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. 23 ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção obras de Michel Foucault)

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras de Michel Foucault)

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, volume V: ética, sexualidade, política. Organização Manoel Barros da Motta, tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016. (Coleção Tópicos)

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. OLHO d'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2003

GROS, Frédéric. O verdadeiro e o outro. In: FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras de Michel Foucault)

HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando; LÓPEZ GUZMÁN, Lorena (Comps.). **Ciência, compromisso y cambio social**. Textos de Orlando Fals Borda. 1ª ed. Buenos Aires: El Colectivo - Lanzas y Letras - Extensión Libros, 2012.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 841-866, set./dez. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu Silva. 4 ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MANTOVANI, Camila Alves; PESSOA, Sônia Caldas; BOAVENTURA, Stephanie. Conhece-te a ti mesmo, enfrenta a ti mesmo: os relatos de si como ponto de partida para a produção de conhecimento. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Afetos [recurso eletrônico]: Pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

MARQUES, Mário Osório. Os paradigmas da educação. **R. Bras. Est. Pedag.**. Brasília, v. 73. n. 175, p. 547-565, set. /dez. 1992.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 2ª Ed. Editora Contexto, 2008.

MENDES, Chirley Ferreira. **Entre trechos de vidas: juventudes, mulheres e gerações compoendo a feitura de pessoas e trajetórias**. 2018. 216 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.09-29.

MONTEAGUDO, José González. El Paradigma interpretativo em la investigación social y educativa: Nuevas respuestas para viejos interrogantes. Universidad de Sevilla. 2001. Disponível em: < http://institucional.us.es/revistas/cuestiones/15/art_16.pdf >. Acesso em out. de 2018.

MOREIRA, Andréia Godinho. SILVEIRA, Hermínia Maria Martins Lima. Teorias da Subjetividade: convergências e contradições. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 58-69, jul. 2011

MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254p

ORLANDI, Luiz B. L.. Sobre esta obra (prefácio). In: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. Cooperativas Escolares ressurgem no sul do Brasil. Disponível em: <
<https://cooperativismodecredito.coop.br/2012/07/cooperativas-escolares-ressurgem-no-sul-do-brasil/>> . Acesso em: 27 ago. 2019

RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Afredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Estudos Foucaultianos)

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 136 p.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112p. (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamilia Ribeiro)

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A.M. (orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2 ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 187-204

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. rev.; 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, José de Souza. A inovação da inovação na pesquisa agropecuária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 635-649, mai./ago. 2011.

SIMONS, Helen. **El estudio de caso: Teoría y práctica**. Madrid/España: LAVEL. Humanas. 2011

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como um Espaço de Vida – reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.